TIFLOCIÊNCIA E EQUIDADE NO MUNDO DA VIDA

Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência

Edição e Propriedade: Centro Português de Tiflologia, com sede e domicílio em Castelo de Vide, na Fundação Nossa Senhora da Esperança, Convento de São Francisco, Rua Sequeira Sameiro, 7320-138 Portalegre – Portugal.

Direção Científica: Augusto Deodato Guerreiro, João Palmeiro e Manuel de Azevedo Antunes

Coordenação Editorial: Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro

Publicação Semestral (Com Revisão por Pares) no Formato Digital

Castelo de Vide, Série I – Nº 1, maio 2024

Ficha Técnica:

Título: Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência.

Fundador: Augusto Deodato Guerreiro.

Direção Científica: Augusto Deodato Guerreiro, João Palmeiro e Manuel de Azevedo Antunes.

Coordenação Editorial e Revisão Gráfica: Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro

Capa, Ilustração e Paginação: Ana Rouqueiro

Secretariado Editorial: Alexandra Palmeiro

Editor e Proprietário: Centro Português de Tiflologia

Edição Online: David Vaqueiro

ISSN: 2975-9641

Todos os direitos desta edição estão reservados por Associação Centro Português de Tiflologia, Equidade e Inclusão, com sede e domicílio em Castelo de Vide, na Fundação Nossa Senhora da Esperança, Convento de São Francisco, Rua Sequeira Sameiro, 7320-138 Portalegre - Portugal

E-mail: tiflologia.cptei@gmail.com

Telefone: 245i01166

Sumário:

Editorial / Augusto Deodato Guerreiro….p.

Para um Laboratório de Tiflociência do Centro Português de Tiflologia (LT/CPTEI) / Augusto Deodato Guerreiro….p.

Acessibilidade Sociomuseológica em Equidade para Pessoas Cegas e Normovisuais: Abordagem Sucinta / João Palmeiro….p.

O Significado da Pele, do Tacto e do Sentido Háptico na Educação da Pessoa Cega / Vítor da Fonseca …p.

Para uma Abordagem Integrada da Informação Tiflológica / Armando Malheiro da Silva .p.

Mascaró e a Escrita em Relevo por Meio de Pontos para as Pessoas Cegas e Normovisuais / Elsa Rodrigues .p.

Uma Sociedade em Equidade: Desafios de uma Educação Democrática / Zélia Belo Torres ....p.

Causa Maior: Caminho de Equidade e de Inclusão / Alberto Manuel Trovão do Rosário e Fernanda Maria Souto Bessa.p.

Recensões Críticas de Livros Publicados na Área da Tiflologia ...p.

Recensão Crítica do Livro Feliz

na Escuridão, de Pepe Guimarães, elaborada por Manuel da Costa Leite ...p.

Recensão Crítica do Livro Sentidos e Memória: Os Signos de Proust na Vida de Músicos Cegos, de Flávio Couto e Silva de Oliveira, elaborada por Maria Romeiras Amado ..p.

Editorial:

A imensurabilidade no horizonte da Tiflociência que há para descobrir e investigar, experienciar e validar, demonstrar e divulgar, é deveras fascinante e apaixonante no mundo da vida das pessoas cegas em equidade no mundo da vida de Todos (absolutamente de Todos e sem reservas) neste mundo que é de Todos e que a Todos pertence, no qual Todos temos o dever e a obrigação de contribuir para o tornar cada vez mais são e digno em verdade e liberdade, solidário e peregrino na esperança da equidade e bem-estar para Todos os povos do mundo, onde a equidade em solidariedade humana, exitosamente em paz e justiça social, com Tolerância e Inteligência, Diálogo e Entendimento (que condensamos no acrónimo TIDE intelecto espiritual para a intercompreensão em mútua aceitação uns dos outros), essa solidariedade equitativa se sobreponha às tão hediondas e desprezíveis barbáries despóticas que se alastram e ameaçam destruir-nos a Todos e este tão belo planeta Terra.

Julgando-nos emersos nesta terrível latência despótico imperialista, humanamente inadmissível neste século XXI e já em horrenda atividade em bastantes lugares do mundo, escravizando e doutrinando a inocência e fragilidade de opressivos e indefesos em ignóbeis forças de missão bélica para matar e morrer, não podemos desistir da nossa caminhada e continuarmos a propugnar, com determinação e empenho em atuação, pela legítima dignidade e equidade em igualdade de direitos e oportunidades, bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos cegos no mundo de Todos, a nobre e promissora missão com que nasceram o CPTEI e esta sua publicação, a "Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência".

É neste propósito que vivamente recomendamos a leitura de todos os artigos publicados no número 0 e agora neste número 1 (Série I, que também já inclui recensões críticas de livros na área da Tiflologia) desta Revista, permitindo-nos sugerir particular atenção à singular matéria e alcance tiflocientífico dos artigos Para um Laboratório de Tiflociência e O Significado da Pele, do Tacto e do Sentido Háptico na Educação da Pessoa Cega, cujas extensões extravasam o espaço editorial destinado a cada artigo), mas sendo justificável pela tão relevante singularidade tiflocientífica que tem faltado entre nós e além-fronteiras.

Como são os objetivos do Centro Português de Tiflologia que originaram o justo nascimento desta sua Revista científica e de divulgação tiflocientífica, também o Braille (por óbvias razões) integra em pleno os objetivos deste Centro de Investigação, razão por que o mesmo vai comemorar o "Dia Mundial do Braille" em 2025 (ano em que se assinalam os 200 anos da genial invenção do Sistema Braille), realizando o evento científico "A Polivalente Vitalidade do Braille nas Diferentes Signografias e Literacias: Valorização da Diversidade na Promoção Social da Equidade para as Pessoas Cegas no Mundo", cujos Programa e Convite aos interessados em participar no Evento serão divulgados dentro de um prazo de tempo muito curto e oportuno.

A nossa Causa Maior, cuja terminologia e significação também abraçamos e adotamos no nosso propósito exploratório, pesquisacional e investigativo, é o nobre e vasto horizonte tiflológico e tiflocientífico em que nos encontramos a abrir caminhos, nos quais nos movimentamos, explorando-os e neles descobrindo, investigando e testando laboratorialmente os resultados relevantes que vamos conseguindo obter e sempre numa perspetiva holística de exponenciação de descobertas aos níveis tiflocientífico e de aplicação prática.

Neste sentido, e porque só em comunidade se conseguem alcançar as metas e conquistas mais significativas para Todos, muito nos honraria e gratificaria receber sugestões dos nossos leitores. Ajudem-nos a triunfar (triunfando Todos em conjunto para o Bem Comum) também com as vossas sugestões.

Augusto Deodato Guerreiro

(Maio de 2024)

Para um Laboratório de Tiflociência do Centro Português de Tiflologia (LT/CPTEI)

Augusto Deodato Guerreiro, Ph.D

Doutorado em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura (UNLisboa)

Agregado em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura Inclusivas (UTAD)

Professor Catedrático Jubilado de Ciências da Comunicação, da ECATI/Universidade Lusófona

E-mail: deodato.guerreiro@gmail.com

Resumo:

O suposto mundo da vida das pessoas cegas (mas inconcebivelmente pensável em continuar a olhar-se à margem da sociedade em geral) no planeta Terra, sob o ponto de vista investigativo e científico, ainda permanece numa deplorável aridez ou penumbra cognitiva difícil de entender no final deste primeiro quartel do século XXI, sobretudo por ausência de uma arqueologia háptico-percetivo multissensorial precisa ao nível tiflocientífico na ecologia do saber, na sociedade de todos nós, de modo a realizarem-se descobertas e explorações sérias sobre as reais potencialidades destes cidadãos, umas já demonstradas na prática da vida diária dos próprios aos olhos da sociedade (mas, porque privados do sentido da visão, faltando aferir em rigor científico a razão da eficácia dessas potencialidades e capacidades) e outras adormecidas ou a manifestarem-se e cremos que cientificamente demonstráveis e socialmente compreendidas, à espera dos indispensáveis e aprofundados estudos exploratórios.

As diferentes culturas no mundo da vida, no nosso belo planeta Terra, englobam enigmáticos fenómenos humanos vivenciais e conviviais (ou sem esse exato interesse e significação) de ordem intercultural, multiétnica e pluricultural em que as diferenças coexistem, mas que, por estranho que possa parecer muitas vezes, se ignoram ou menosprezam no plano social e humano civicamente solidário.

Há pessoas cegas em todos os países do mundo, umas a viverem relativamente em equidade com as pessoas normovisuais (infelizmente muito poucas!), outras bastante distanciadas e abaixo dessa realidade, outras ainda mais longínqua e extremamente a viverem ou a vegetarem em submundos sub-humanizados, ignoradas, escondidas ou a definharem à míngua de tudo, quando não simplesmente abandonadas à sua sorte.

As pessoas privadas da visão anatómica, só por essa ausência sensorial, não podem ser consideradas e acomodadas/arrumadas num 'nicho' de incapacidades, de défice cognitivo ou intelectual, mas, antes, é preciso dissiparem-se em dignidade hipotéticas ou erróneas dúvidas em relação às suas inequívocas potencialidades e capacidades, confirmando-as em igualdade com as das pessoas que veem, havendo as inquestionáveis vantagens para quem vê e as igualmente inquestionáveis desvantagens para quem não vê, contudo, havendo um mundo das invisibilidades que não tem fim e que reclama a urgente e permanente persistência na sua exploração e, acreditamos, extraordinárias e exponenciais descobertas.

Encontraremos, com certeza, as necessárias hipóteses solucionadoras e as etapas de estudo exploratório conducentes aos resultados progressivamente desejáveis, através do Laboratório de Tiflociência, interdisciplinar e desde que bem estruturado e dotado dos investigadores especialistas sensibilizados e cientificamente habilitados no âmbito das valências ou competências pessoais e sociais (a apurar em escalas apropriadas) das pessoas cegas, implicitando nesse processo a circunstancial subordinação a um tifloglossário ou glossário tiflocientífico, como suporte conceitual e lexical da prossecução dos objetivos a alcançar.

Palavras-Chave: Tiflociência; Tifloglossário; Glossário Tiflocientífico; Infocominclusão; Eduinfocomunicação; Socioeducomunicação.

Abstract:

The supposed world of life of blind people (but inconceivable to continue to be seen on the margins of society in general) on planet Earth, from an investigative and scientific point of view, still remains in a deplorable aridity or cognitive penumbra that is difficult to understand at the end of this first quarter of the 21st century, above all due to the lack of a precise multisensory haptic-perceptive archaeology at the typhloscientific level in the ecology of knowledge, in the society of us all, in order to make serious discoveries and explorations about the real potential of these citizens, some of which have already been demonstrated in their daily lives in the eyes of society (but, because they are deprived of the sense of sight, the reason for the effectiveness of these potentialities and capacities has yet to be assessed with scientific rigour), and others which are dormant or which are manifesting themselves and which we believe are scientifically demonstrable and socially understood, awaiting the indispensable and in-depth exploratory studies.

The different cultures in the world of life, on our beautiful planet Earth, encompass enigmatic human phenomena of an intercultural, multi-ethnic and multi-cultural nature in which differences coexist, but which, strange as it may seem, are often ignored or underestimated on a social and human level of civic solidarity.

There are blind people in every country in the world, some living relatively on an equal footing with normal sighted people (unfortunately very few!), others quite distant and below this reality, others even more distant and extremely living or vegetating in sub-humanised underworlds, ignored, hidden or languishing in want of everything, if not simply abandoned to their fate.

People who are deprived of anatomical sight, because of this sensory absence alone, cannot be considered and accommodated in a ‘niche’ of disabilities, cognitive or intellectual deficits, but rather hypothetical or erroneous doubts about their unequivocal potential and abilities must be dispelled, There are unquestionable advantages for those who see and equally unquestionable disadvantages for those who don't, but there is a world of invisibilities that has no end and that demands urgent and permanent persistence in its exploration and, we believe, extraordinary and exponential discoveries.

We will certainly find the necessary solution hypotheses and exploratory study stages leading to progressively desirable results through the Typhloscience Laboratory, It will be an interdisciplinary laboratory, provided it is well-structured and staffed by specialist researchers who are sensitised and scientifically qualified in the field of the personal and social skills or competences (to be determined on appropriate scales) of blind people, implying in this process the circumstantial subordination to a typhloglossary or typhloscientific glossary, as conceptual and lexical support for the pursuit of the objectives to be achieved.

Keywords: Tiflociência; Tifloglossário; Tiflocientífico Glossário; Infocominclusão; Eduinfocomunicação; Socioeducomunicação.

Translated with DeepL.com (free version)

Introdução:

O nascimento do Laboratório de Tiflociência, cuja ideia já remonta à década de 80 e que só agora começa a ganhar asas para se poder tentar materializar, está ainda a procurar angariar e articular os precisos esforços sinérgicos institucionais e pessoais para iniciar o seu funcionamento, tão urgente e eficaz quanto premente e necessário.

A criação de um Laboratório desta natureza implicita na sua formação a simultânea criação de um repositório e publicitário dos resultados tiflocientíficos obtidos no Laboratório, a que se projetou chamar Observatório Lusófona e Ibero-Americano de Tiflologia e Tiflociência, cuja origem ficou esbatida ao longo dos cinco Workshops realizados, o primeiro no IPLuso da Universidade Lusófona e os restantes no Centro de Experiência Viva - Museu de Tiflologia (CEV/MT), da Fundação Nossa Senhora da Esperança (FNSE), numa parceria conjunta do CPTEI-CEV/MT-FNSE-Universidade Lusófona-Associação LUME, assim correspondendo à atribuição do 2º Prémio Ibermuseus ao CEV/MT.

A designação deste tipo de laboratório já assenta nas razões que nos têm vindo a levar à organização e realização de eventos teórico-empíricos e científico-culturais e, também, à

criação de conceitos e vocábulos alusivos, em que já têm relevância os neologismos tiflociência (Guerreiro, 2021 e 2023) e tifloglossário (Guerreiro, 2024), que significa glossário tiflocientífico (Novo, 2023), que resulta do termo tiflociência, igualmente concebido por nós no princípio dos anos 80 e apresentado publicamente no 1º Congresso Internacional "Ciência e Tiflologia: A Cegueira em Contexto Científico", realizado em Castelo de Vide / Portugal nos dias 15 a 17 de junho de 2021, organizado pelo Centro Português de Tiflologia e pela Fundação Nossa Senhora da Esperança (que acolheu o Centro e o Congresso nas suas instalações, disponibilizando os recursos humanos, tecnológicos e financeiros precisos para a realização do daquele evento científico), em parceria com a Universidade Lusófona e ONGD Causa Maior.

Reconhecendo nós tratar-se de uma matéria algo ainda hermética (a do Laboratório de Tiflociência), achamos pertinente salientar neste breve artigo alguns dados para a compreensão da sua importância funcional e operacional na recolha e estudo, fundamentação e validação de competências pessoais e sociais das pessoas cegas na sociedade de todos nós, circunstanciando-nos a um já concebido e em permanente crescimento e atualização Tifloglossário ou, numa terminologia mais aberta, Glossário Tiflocientífico, cujos principais conceitos e vocábulos evidenciamos neste artigo, sendo, no entanto, apenas a exemplificação de uma pequena parte.

Fundamentação:

"Sonhar é peregrinar na esperança e acreditar, querer muito e hipotisar, projetar e propugnar intensamente por um determinado objetivo a alcançar e a concretizar em dignidade."

(Augusto Deodato Guerreiro, Viagem de comboio Fertagus Corroios-Lisboa: 27.02.2024).

As viagens e as inerentes descobertas que temos vindo a fazer nos solícitos, complexos e perplexos caminhos desde o caos organizacional e social até à compreensão cívica e solidária das instituições e da sociedade em geral sobre a relevância da atividade de um Laboratório desta natureza e finalidade, da educação à comunicação e da cultura à ciência, são infinitas e cada vez mais gratificantemente apaixonantes e absorventes.

A realidade vivencial e convivial das pessoas cegas, socorrendo-se essencialmente da mais ampla hapticidade e percetibilidade multissensorial avançada, que pretendemos continuar a estudar, a desenvolver, a testar e a confirmar, na sua máxima profundidade, abrangência e precisão, é o imperativo pedagógico/didático socioeducomunicacional e cultural para a investigação e desenvolvimento de competências de caráter tiflocientífico que afastem fantasmas preconceituosos e que certifiquem a inequívoca capacitação das pessoas cegas para, tanto quanto possível em analogia com as pessoas normovisuais, sejam capazes de inteligir os particularismos e as universalidades do ilimitado mundo visual e das invisibilidades na vida de todos os cidadãos.

As nossas preocupações, neste domínio, procuram encontrar soluções num muito alargado horizonte tiflológico, onde emergem teorias, conceitos, léxico e práticas inclusivas, mas cujo espírito de equidade ainda se apresenta camuflado em imprecisas suposições ou no desconhecimento de bases tiflocientíficas absolutamente indispensáveis ao equacionamento e aprofundamento de hipóteses estruturantes de um processo seguro e definidor de etapas sucessivamente credibilizadas em eficiência e eficácia no prazer solidário de coexistirmos em cidadania, equidade e bem-estar em qualidade de vida.

Já concebemos e refletimos, ponderadamente, valências ou competências a explorar, a estudar e a investigar, a desenvolver e a testar, a confirmar por verificação experimental ou comparativa, a aplicar e a validar numa perspetiva e amplitude científica, cuja área designamos por tiflociência (conceito também por nós criado e definido em www.tiflologia.pt), alinhando essas etapas ordenadas alfabeticamente na forma de Tifloglossário (parte do qual será publicado neste artigo), em permanente crescimento e atualização (Guerreiro, 2011, 2012, 2014, 2018, 2021, 2022 e 2023; Novo, 2023).

A terminologia específica que tem vindo a surgir e a ser criada na área da Tiflologia e consequente aprofundamento em Tiflociência (Guerreiro, 2018, 2021 e 2023; Amado, 2023; Novo, 2023; Hartmann, 2024; Silva, 2024) impõe-nos elencar e definir o mais complexo panorama conceitual, lexical e científico, aludindo a conceitos e vocábulos menos comuns no "mundo da vida" (Edmund Husserl, 1859-1938), expressão fenomenológica a que recorremos para facilitar a desejável compreensão entre os especialistas na área e a sociedade em geral, numa matéria tão cativadora e inovadora, promissora e fecunda, ao nível da cultura e prática

da equidade sociocognitiva e socioeducomunicativa e cultural, visando colocar em natural e progressiva paridade pessoas cegas e normovisuais na exploração e usufruto da mais holística diversidade que possamos imaginar e alcançar.

Para ficarmos mais cientes da relevante importância da efetiva criação deste Laboratório de Tiflociência, salientamos a seguir alguns dos seus objetivos principais:

1 - Despertar e/ou cultivar/exercitar em pessoas cegas (crianças, adolescentes, jovens, adultos, seniores) capacidades e competências háptico-percetivo multissensoriais e respetiva suplência, somatossensoriais e cinestésicas, ecoacústicas e ecolocalizacionais, neuromotoras e sensoriocognitivas, ergoeducomunicacionais, ao nível espacial distal, tiflopercecionais e socioeducomunicacionais, eduinfocomunicacionais e infocominclusivos (Silva, 2024) no desenvolvimento da orientação e mobilidade, do autoconceito e autoconfiança, autoestima e autoimagem, do relacionamento e interação social.

2 - Investigar e desenvolver, testar e comprovar tais capacidades e competências com pessoas cegas dos níveis etários acima enunciados, em lugares/terrenos acidentados ou regulares; em lugares e situações de diversos níveis de sonoridade, desde os mais silenciosos/anecoicos aos mais ruidosos, expostos a estados atmosféricos variáveis, com vento ou sem vento, com sol ou sem sol, com chuva ou sem chuva, sob o céu anul ou plúmbeo, em variadas horas do dia e da noite; testar os investigados/'cobaias' bem alimentados ou subalimentados, com sede ou dessedentados, descansados ou cansados, com sonolência ou bem acordados, com uma boa audição ou com défices auditivos, com mais ou menos capacidade (intuição e comprovação) para identificar presencialmente situações e circunstâncias (pessoas e outras manifestações de seres vivos e/ou da natureza), contextos e objetos, através de sons e silêncios, com boa ou má autonomia e independência...

3 - Mobilizar e incentivar investigadores devidamente sensibilizados e habilitados em rigor prático e científico na matéria e, ao mesmo tempo, selecionar e envolver neste processo investigativo umas dezenas de pessoas cegas e com baixa visão, com as caraterísticas indicadas supra, para se proceder, em profundidade e alargamento, à investigação e desenvolvimento, identificação e testagem, demonstração e comprovação das capacidades e competências recolhidas e estudadas, bem investigadas e desenvolvidas, testadas, confirmadas e validadas na sua aplicação e resultados práticos.

4 - Dotar o Laboratório de Tiflociência com o imprescindível suporte financeiro para pagar salários a investigadores, deslocações/viagens, alojamento e refeições a todos os intervenientes neste processo de investigação, incluindo funcionários de apoio, bem como para a aquisição do necessário e adequado material e equipamento laboratorial e tecnológico, também dispositivos técnicos e tiflotecnológicos complementares.

5 - Materializar este projeto humanista e científico, que é promotor e dignificador da vida em coesão social e solidariedade equitativa no inequívoco reconhecimento das comprovadas potencialidades e competências das pessoas cegas, tanto quanto possível em igualdade com as das pessoas normovisuais, consumando, através de etapas sucessivas, a viabilização de um velho sonho/projeto em resultados indubitavelmente credíveis para a inclusão em equidade, bem cientes de que sonhar é voar objetivamente em aparentes utopias à procura da concretização feliz de realidades possíveis. A diversidade de potenciais legados, desafiantes, capacitantes e solucionadores, que a vida difícil nos tem vindo a proporcionar, a deixar e a suscitar profusos caminhos para novas descobertas, têm-nos fortalecido suposições, convicções e certezas, bem como a vontade e determinação, a inspiração e decisão.

6 - Para se garantir o funcionamento, a sustentabilidade e o êxito progressivo de um Laboratório desta natureza, para uma mais eficaz e promissora funcionalidade e operacionalidade desenvolvimental e científica deste Laboratório, impõe-se também a sistemática envolvência neste processo investigativo e científico a articulação de interesses e esforços de outros Centros de Investigação, Institutos Politécnicos e Universidades em Portugal e além-frnteiras, mediante a outorga de Protocolos de Cooperação Mútua a elaborar de acordo com a especificidade dos conteúdos científicos a permutar e a instruir no encaminhamento das hipóteses e tarefas a desempenhar para os desejáveis resultados a obter, para o efeito recorrendo também aos bem-vindos e necessários apoios porventura de ordem mecenática.

7 - A Missão saudável de cada um de nós na vida (e de todos para todos) é contribuir, na medida das nossas possibilidades e capacidades, numa permanente ação de mudança do mundo para melhor, Servindo de coração e razão, com alegria e gratidão, assumindo esse encargo numa magnanimidade humanista e científica para todos, conferindo-nos essa missão o dever e o direito de, obrigatoriamente, a cumprirmos em pleno, enquanto houver caminhos

para descobrir, abrir, explorar em fértil dignidade e neles pesquisar, investigar e desenvolver, exercitar e testar, confirmar, validar e aplicar, com segurança e paixão, os necessários progressos implícitos nas sucessivas etapas para a solidária equidade humana e social, onde, na valorização da diversidade, a promoção da equidade naturalmente possa ir acontecendo em intercompreensão e cidadania na mútua aceitação uns dos outros, com as suas diferenças e suprindo com elas as dificuldades uns dos outros, mas com iguais direitos e oportunidades, bem-estar e qualidade de vida para todos os cidadãos.

8 - Compatibilizar disponibilidades e diferenças para ajustar e adequar a sociedade a todos os cidadãos é paixão e consecução, amando o que se faz nesse sentido, certos de que Amar é cultivar, compartilhar e exponenciar os grandes valores humanos, Servir quem precisa e Alegrar-se com a felicidade do outro como se fosse a sua, sendo fiéis à mais fecunda competência humana de todas, que é o Amor, porque, sem Amor, não há coesão social saudável, não há desafios nem respostas positivas para a digna coevolução na humanização da vida, nem há Ciência adequada que dignifique esse propósito tão humanista e científico.

Como já atrás aludimos à relevante importância do Tifloglossário ou Glossário Tiflocientífico, cabe aqui apresentar uma pequena parte do mesmo, por ordem alfabética de entradas (precedidas imediatamente de asterisco para facilitar a pesquisa automática), como demonstração do que temos vindo a elaborar subjacente aos objetivos a alcançar pelo Laboratório de Tiflociência, como a seguir explanamos.

Tifloglossário/Glossário Tiflocientífico:

*ABECEGÁRIO:

Relativo a processos de escrita e alfabetos tiflográficos criados, desde as *

mais engenhosas tentativas e invenções, passando pelo 'relevo linear', de Valentin Haüy (1745-1822), pela configuração musical em 'notação alternativa', de Maria Teresa von Paradis (1759-1824), pela 'Sonographie Barbier', de Nicolas Marie Charles Barbier de la Serre (1767-1841), pela invenção da 'rafigrafia' através do 'rafígrafo', aparelho que possibilitava às pessoas cegas escreverem para as normovisuais, de François-Pierre Foucault (1797-1871), pelo

'Sistema Braille', de Louis Braille (1809-1852), pelo 'alfabeto Moon', de William Moon (1818-1894), pelo processo baseado na 'rafigrafia' de escrever a letra de imprensa através de pontos táteis, de Victor Ballu (1829-1907), e pelo 'Sistema Mascaró', de Aniceto Mascaró (1842-1906), Definição nossa inspirada no termo AbeCegário da responsabilidade de Cintya Floriani Hartmann, na sua Tese de Doutoramento em Estudos de Teatro, com o título "Um Theasthai: a Experiência de um Grupo de Pessoas Cegas na Plateia do Teatro", defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 6 de fevereiro de 2024.

(Augusto Deodato Guerreiro).

*ATMOSFERA HÁPTICA: Textura formada por elementos materiais e imateriais que exercem pressão sobre o sistema háptico.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário in: "Um Theasthai: a Experiência de um Grupo de Pessoas Cegas na Plateia do Teatro" (Tese de Doutoramento em Estudos de Teatro). Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras.

*BALLU, VICTOR:

Aluno de Louis Braille, Victor Ballu (1829-1907), baseando-se na rafigrafia, criou um processo de escrita mais simples, que permitia escrever a letra de imprensa através de pontos, utilizando réguas e punções próprios (processo análogo ao da escrita do braille), que ficou a conhecer-se pela designação 'Ballu', o apelido do seu inventor.

Ver também 'Escrita Ballu'.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade

Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de janeiro de 1999.

(Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].

*BENGALA BRANCA:

O "Dia Mundial da Bengala Branca" parece ter a sua génese em 1921, atribuída a James Biggs, fotógrafo britânico que residia em Bristol} e que perdera o sentido da visão anatómica num acidente.

Para se sentir mais seguro nas suas deslocações e ser mais facilmente visto na rua, consta que teria pintado a sua bengala de branco, porque, assim, isso permitiria aos automibilistas vê-lo com mais exatidão no trânsito.

Mas a 'cane blanche' foi criada em 1930 pela senhora Guilly d'Herbemont, em França, para uso dos deficientes de guerra.

O "Dia Mundial da Bengala Branca" foi criado/estabelecido pela Federação Internacional de Cegos em 1970 e celebra-se a 15 de outubro de cada ano.

A 'bengala branca' (que, nos dias de hoje, já é também eletrónica, equipada com sensores que permitem a perceção de obstáculos suspensos, à altura da cabeça, desníveis, profundidades, etc.), bem utilizada tecnicamente, é um excelente e indispensável meio de extensão tátil da pessoa cega, que a auxilia com segurança:

- Na orientação e mobilidade;

- No desenvolvimento sensório cognitivo, neuro motor, psicomotor e sociocognitivo;

- Na autonomia e independência;

- No relacionar-se e interagir, em especial com o ambiente físico em seu redor;

- Na inclusão e qualidade de vida.

Já existe também um movimento adepto da 'bengala verde', proveniente da América Latina, em analogia com a 'bengala branca', mais por uma razão eufemística e prática, cuja representante desse movimento no nosso país é a Associação de Retinopatia em Portugal.

Há pessoas cegas que preferem o 'cão-guia' à 'bengala' e, até, quem use ambos os recursos ao mesmo tempo. O 'cão-guia' é uma espécie de 'bengala' mais confortável e eficaz, embora reconhecendo-se, como entrega total a esse recurso, que haja prós e contras, consoante determinadas circunstâncias.

Podem verificar-se desvantagens ou condicionantes e indiscutíveis vantagens, mas observando-se, para já, as desvantagens:

- O recurso ao uso exclusivo do 'cão-guia' deixa instalar a dependência na pessoa cega. O 'cão-guia' resolve em grande parte as dificuldades, sobretudo de orientação e mobilidade na rua/via pública;

- Para quem tem uma vida muito ativa, o 'cão-guia' é mais uma grande preocupação, para a pessoa cega, com a sua limpeza, tratamento, a necessária atenção para com o companheiro, o fiel amigo;

- Naturalmente, torna a pessoa cega mais negligente ou desatenta a algo de muito importante, que é o seu desenvolvimento sensoriocognitivo, e da consequente mobilidade e orientação.

Vantagens:

- O uso do 'cão-guia' proporciona mais à-vontade à pessoa cega, mais facilidade nas suas deslocações fora de casa e localização dos espaços ou equipamentos a que deseja aceder, desde que devidamente treinado;

- É uma excelente e frutífera companhia para muita gente, sobretudo para quem está mais só e triste pela solidão.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018a, pp. 61-62).

*BRAILLE E EQUIDADE (BrailleEquity):

O conceito de BrailleEquity (Braille e Equidade), ainda que como simples expressão em inglês, designação de um projeto nosso que foi submetido à FCT e não obteve suporte financeiro para se realizar, configura (num alcance fonético e conceitual) a génese da singular e exponencialmente promissora forma de representação graficofonética tátil e homenageia, muito justamente, o seu genial inventor, Louis Braille, e a proficuidade da sua invenção, através da progressiva descoberta de processos inovadores e ampliadores tiflograficotecnológicos e tifloinclusivos, para a equidade literácita e intelectossocial, relacionamento e interação, emprego e qualidade de vida das pessoas cegas, promovendo, facilitando e estreitando a permutabilidade sociocognitiva e a todos os níveis entre estes cidadãos e os normovisuais, neste mundo de desenvolvimento sociocomunicacional e

humano, que a todos pertence e ao qual todos pertencemos, onde todos temos legitimamente lugar e contributos a dar.

(GUERREIRO, A. Deodato (2022). Pensamentos: Cronologia II. Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida; Pensamento nº 20.).

*BRAILLE E ESCRITA COMUM:

O ouvir ler e o dizer não é a mesma coisa que, simplesmente, ler e escrever. Escrever e ler é viajar dentro de nós e lá fora, é conceber e materializar criatividade e inovação, estruturação da riqueza lexical falada, razão por que também os grafemas braille 'são sementes de luz levadas ao cérebro pelos dedos, para germinação do saber' (Helen Keller), na genialidade fonética e tátil, por meio de pontos, porta sonográfica (o ponto) inventada por Barbier de la Serre e, graficofonética e alfabeticamente redimensionada, sistematizada e escancarada por Louis Braille à acessibilidade e usabilidade das pessoas cegas do mundo inteiro, em relação a todo o tipo de conhecimento.

Nesta aceção, a literacia braille, como contributo educomunicacional, intelectossocial e sociocognitivo para a humanidade, veio emancipar socialmente as pessoas cegas, promover a sua inclusão em todas as áreas do conhecimento e abrir-lhes uma infinidade de caminhos no mundo do saber, com desafios e propostas sem fim, também através das outras e sequentes literacias, progressivamente pensadas em equidade.

Guerreiro, A. Deodato (2022).

Idem; Pensamento nº 129.

*BRAILLE LINGUÍSTICO E CIENTÍFICO:

O braille linguístico e científico (aplicável às várias línguas e notação científica diversa), como o mais genial alfabeto e frutífero instrumento graficofonético, signográfico, tiflograficotecnológico e intelectossocial, por meio de pontos táteis, sistematicamente concebidos e organizados para as pessoas cegas de todo o mundo, impõe cada vez mais pesquisa e investigação, mais estudo e desenvolvimento braillológico, braillístico, braillográfico e braillotecnológico, mais exploração e aferição em testagem e confirmação, validação e aplicação nas diferentes áreas e domínios do conhecimento e literácitos, contexto

investigacional e científico que requer a urgente criação de uma Autoridade Braille ou entidade reguladora similar.

Guerreiro, A. Deodato (2022).

Idem; Pensamento nº 146.

*BRAILLÍSTICA:

Parte da Braillologia que se ocupa dos conhecimentos sobre a génese do Sistema Braille, os seus princípios estruturais e as condições mais adequadas de tactilidade (Oliva, F. In Guerreiro, 2018a, p. 68).

*BRAILLOGRAFIA:

Parte da Braillologia que se ocupa do material signográfico e correspondentes normas de aplicação utilizados nas diversas escritas em braille. A sua aplicação (Oliva, F. In Guerreiro, 2018a, p. 70).

*BRAILLOLOGIA:

Conjunto dos conhecimentos que consubstanciam e enquadram as matérias das várias vertentes da problemática do braille (Oliva, F. In Guerreiro, 2018a, p. 70).

*BRAILLOTECNOLOGIA:

A tecnologização do Sistema Braille adaptada aos benefícios humanos e sociais trazidos pela progressiva inovação em proficuidade das novas tecnologias em exponencial evolução, inclusive no plano das especificidades. O braille aplicado às novas tecnologias e vice-versa, num inter-relacionamento tiflograficotecnológico aos níveis linguístico e científico, tão holístico quanto as necessidades imponham e a imaginação alcance.

(Augusto Deodato Guerreiro).

*CEGO ou INVISUAL (Conceitos):

Pessoa privada da visão anatómica e que, aliatoriamente, assim é designada. Em relação ao uso dos dois conceitos, podemos inferir as seguintes deduções:

1. De acordo com o investigado e sustentado por linguistas e dicionaristas de relevante e inquestionável poder de análise e saber, os vocábulos 'invisual' e 'cego' consideram-se

sinónimos, mas, asseveramo-lo e defendemo-lo nós, com um peso idiossincrático e semântico, psíquico e emocional diferente para as pessoas normovisuais (sobretudo quando se referem ou se dirigem às pessoas cegas, mas em presença destas, não obstante persistir ainda o vocábulo 'ceguinho', às vezes até por conveniência das próprias pessoas cegas em circunstâncias de esmola e do público que dá esmola e menos esclarecido quanto à mais ajustada terminologia a usar) e para as pessoas cegas (muito em minoria entre elas), que admitem disfarçar e diluir no conceito 'invisual' o impacto social da sua deficiência.

2. Ponderando os efeitos de receção pública de um e de outro vocábulo, 'invisual' tem um sentido eufemístico (por isso mais suave e, aparentemente, mais aceitável por mais pessoas normovisuais e menos pessoas cegas) e utiliza-se, nessa medida, principalmente por pessoas normovisuais, pressupondo-se que o seu efeito fonético/sensoriocognitivo seja menos agreste e mais inclusivo para as pessoas cegas, mas havendo também uma minoria de pessoas cegas que prefere o termo, por se lhes afigurar mais adequado a uma suposta evolução tiflocultural.

3. 'Cego' é o termo tecnicamente correto, tendo em conta o curso e impacto paraverbal do vocábulo, apresenta-se-nos, paradoxalmente, como um termo mais duro, também mais marginalizador do que 'invisual', mercê da força da essencialidade negativista histórico-cultural vivida e registada ao longo dos séculos.

4. Como pessoa cega, preferimos o vocábulo 'cego' a 'invisual', cujo valorativo efeito fonológico e sígnico já incorporámos na nossa filosofia de linguagem e convicção, no hábito e cultura lexical específica, simultaneamente num propósito pedagógico perspetivado na suavidade formal e na fortaleza de princípios teórico/empíricos para a natural intercompreensão do conceito entre pessoas cegas e normovisuais.

(Guerreiro, 2018a, pp. 82-83).

*CÉLULA BRAILLE:

O mesmo que Cela Braille no Brasil. Espaço a que se ajusta a unidade estrutural básica dos seis pontos do Sistema Braille.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro e Vítor Bordalo Coelho, in Guerreiro, 2018a, p. 85).

*CONJUNTO FUNDAMENTAL (Braille):

O mesmo que Sinal Fundamental ou, no Brasil, Sinal Gerador ou Sinal Universal.

Formação de seis pontos que se agrupam em duas filas verticais e justapostas de três pontos cada.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro, Vítor Bordalo Coelho e Augusto Deodato Guerreiro, in Guerreiro, 2018a, p. 178).

*DACTIFLOGRAFIA:

Neologismo de Augusto Deodato Guerreiro para designar Dactilografia Braille de e para Cegos. Ver Dactilografia Braille (Guerreiro, 2018a, p. 192).

*DACTILOGRAFIA BRAILLE:

Processo de escrita em máquinas adequadas, nas quais se primem simultaneamente as teclas correspondentes aos pontos necessários à formação de cada sinal. O mesmo que Dactiflografia, neologismo nosso (Guerreiro, 2018a, p. 192).

*DIAGRAMAÇÃO DE UM TEXTO (Braille):

Configuração da escrita numa página, considerando por exemplo o número de linhas, o número de carateres por linha e a disposição destas no espaço disponível.

(Fernando Abreu Matos e Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018a, p. 205).

*EDUCOMUNICAÇÃO:

Conceito em que a comunicação educacional e a educação comunicacional se intercetam e naturalmente se intrinsecam uma na outra, formando um tipo de comportamento e de atuação, de relacionamento e interação, em que ambas se indissociam num qualquer contexto interpessoal, seja no plano interlocutivo ou noutro qualquer modelo de interação,

configuração ou forma comunicacional, adotando os necessários e adequados procedimentos específicos e sempre com o objetivo de se eliminarem dificuldades de ordem sociocognitiva no estabelecimento de entendimentos e de consensos, tanto quanto possível universalmente aceites.

O desenvolvimento biopsicossocial, multissensorial e humano, bem como do consequente progresso do mundo global, está dependente de um tipo de conciliação (que deveria ser natural) de sinergias teórico/empíricas e humanas em torno dos conceitos de sentir e atuar, promover e implementar vontades e realizações numa perspetiva educomunicacional, pedagógica e cultural. Este vital itinerário, na universalidade cognitiva, sociocomunicacional,

multiétnica, no relacionamento e interação, assenta num dinâmico polinómio inclusivo, cujas essência e substância se traduzem na sincronização propulsora de cinco rodas dentadas entrosadas umas nas outras, simbolizando a educomunicação como inter-relação entre a educação e a comunicação, achando-se a educação e a comunicação recíproca e indissociavelmente implícitas uma na outra e, ao mesmo tempo, consubstanciando-se nelas a cultura e a pedagogia comunicacional, numa simbiose de valores humanos e de cidadania promotora do coevolutivo desenvolvimento humano e do progresso em geral.

O polinómio inclusivo em referência centra-se na funcionalidade e operacionalidade do sistema educomunicacional, pedagógico e cultural das cinco rodas dentadas seguintes: "Educomunicação = Educação/Formação + Comunicação/TIC + Cultura + Pedagogia comunicacional", que deverá continuar a ser refletido, aprofundado e aplicado, com o necessário rigor científico, em domínios essencialmente do âmbito de intervenção precoce e de atuação dos profissionais da comunicação e da educação.

Em cada uma destas áreas/rodas envolventes da central, a da educomunicação, podem ligar-se, sucessivamente e de forma continuada e talvez infinita, tantas áreas/rodas quantas as que resultarem da evolução do nosso saber e conhecimento. Para a consecução deste objetivo, há que envolver nele, de mãos dadas, educadores de infância, cuidadores, comunicólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, professores e técnicos de reabilitação, interventores nas diferentes áreas e tipologias da deficiência, ajudando a formar (formando-se) educomunicólogos que possam vir a corresponder às prementes e graves carências educomunicacionais, pedagógicas e culturais dos cidadãos, desde o berço à adultez, que caraterizam, às vezes de maneira absolutamente marginalizante, "nichos" da sociedade e a própria sociedade pela apatia em que se acomoda.

O polinómio em referência, formado por cinco rodas dentadas encaixadas umas nas outras, sendo a central a da "educomunicação" e as outras quatro envolventes

("educação/formação", "comunicação/TIC", "cultura" e "pedagogia comunicacional", todas rodam em simultâneo seja qual for a que inicie o movimento) constitui o logotipo da marca EDLARS - Educomunicação e Vida, registada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), desde 2002.

(Ver Educomunicação Especial e Educomunicação Inclusiva no Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão, sob a direção científica de Augusto Deodato Guerreiro, 2018a).

Guerreiro, A. D. (2018ª), pp. 228-230.

*EDUINFOCOMUNICAÇÃO:

Eduinfocomunicação, a aglutinação de palavras não é muito frequente na língua portuguesa, ao contrário do que sucede noutras, nomeadamente na alemã, sendo até justificado, no caso desta, que essa particularidade a tornou mais propícia à filosofia (Tunhas, 2023). Este entendimento justifica-se pela ideia de que aglutinar palavras não é um mero exercício verbal, mas um modo de agregar conceitos e convertê-los numa conceituação mais abrangente e profunda. Uma aceção que enquadra perfeitamente duas palavras compostas que entram na ortografia da palavra da presente entrada/verbete. Com efeito, educomunicação e infocomunicação existem separadamente e referenciam contextos diferentes, ainda que complementares. Aquela está vertida na Wikipédia e definida como "um campo teórico-prático que propõe uma intervenção a partir de algumas linhas básicas como: educação para a mídia; uso das mídias na educação; produção de conteúdos educativos; gestão democrática das mídias; e prática epistemológica e experimental do conceito. Há quem defenda a educomunicação como uma metodologia pedagógica" e em sua finalidade ela propõe a construção de ecossistemas comunicativos, abertos e criativos[1] com relação horizontalizada entre os participantes e produção colaborativa de conteúdos utilizando diversas linguagens e instrumentos de expressão, arte e comunicação. Como se entende pelo nome, é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar" (in Wikipédia). A segunda mão foi ainda inserida na Enciclopédia *on line*, porém tem como um primeiro marco visível um livro publicado em 2014 com o título "e-infocomunicação: estratégias e aplicações", organizado por Brasilina Passarelli, Armando Malheiro da Silva e Fernando Ramos, no âmbito de uma cooperação entre o Programa Doutoral Informação e Comunicação

em Plataformas Digitais (iniciativa conjunta da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro) e com desenvolvimentos mais recentes (Silva & Gouveia, Trata-se da aglutinação de informação e de comunicação, sem excluir a mediação eletrónica ou digital e daí o cuidado inicial de preceder a palavra do e (e-infocomunicação). Aliás, é preciso não esquecer que elas aparecem juntas, mas não aglutinadas, a partir da década de oitenta do séc. XX na expressão Tecnologias da Informação e da Comunicação, ou seja, associadas à revolução informacionalista (a 3ª vaga, a "Sociedade da Informação", a "Sociedade em rede" foi ainda o "Ciberspaço", o "Espaço de Fluxos" e a "Infoesfera") radiografada, entre muitos outros, por Manuel Castells (1999, 3 vols.). Daí que a definição que lhe corresponda não pode omitir a mediação ou o suporte tecnológico, no entanto o sentido maior centra-se na capacidade humana e social de produzir/representar cognitiva e emocionalmente, através de signos e símbolos (os mais diversos), o que é apreendido, pensado e não-racionalizado e de partilhar de forma, mais ou menos, plena com o Outro. Na raiz latina de informação está a palavra *informare* (dar forma) e na da palavra comunicar está *comunio* (comungar). Temos assim possível caber em infocomunicação esta definição em uso: "conjunto estruturado / da unidade de representação simples à combinação mais complexa) de representações racionais e emocionais codificadas de forma social, capaz de ser registada em qualquer tipo de suporte e partilhada de forma síncrone ou assíncrone e uni ou multidireccionada (Silva e Paletta, 2022: 13). Do exposto percebe-se uma conexão conceitual entre educomunicação e infocomunicção, podendo a palavra eduinfocomunicação significar a atividade informacional e comunicação, sempre mediada tecnologicamente com vista a potenciar a partilha de conhecimento, em contextos educativos (promoção de aprendizagens integralmente suportadas digitalmente). E acresce a esta proposta definitória a natural extensão a todo o tipo de pessoas e de processos educativos, nomeadamente para os portadores de incapacidades físicas e sensoriais.

Referências

Educomunicação, in Wikipédia. Url.: https://pt.wikipedia.org/wiki/Educomunicaçãohttps://pt.wikipedia.org/wiki/Educomunicação e-infocomunicação: estratégias e aplicações. Org. Brasilina Passarelli, Armando Malheiro a Silva e Fernando Ramos. São Paulo: SENAC, SP; Escola do Fturo, 2014.

Silva, Armando Malheiro da; Gouveia, Luis Borges.A infocomunicação ou a convergência das Ciências da Informação e da Comunicação para um objeto comum VI Workshop de Pós-Graduação em Ciência da Informação Páginas a&b. S.3, no especial (2020) 15-33 | https://doi.org/10.21747/21836671/pag2020a2

Silva, Armando Malheiro da & Paletta, Francisco Carlos. Ciência da Informação: estudos de epistemologia e de ética. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022.

Tunhas, Paulo. Filosofia. Porto: Instituto de Filosofia; U.PortoPress, 2023.

(Armando Malheiro da Silva).

*ESCRITA BALLU:

Processo de escrever carateres comuns através de pontos sulcados com um punção numa régua própria, baseado no formato da escrita de imprensa.

Ver Régua Ballu.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018a, p. 241).

*ESCRITA EM RELEVO LINEAR:

Processo de escrita em carateres comuns sulcados em papel, inventado por Valentin Hauy (o primeiro dos geniais precursores de Louis Braille e considerado o pai da institucionalização da educação das pessoas cegas no mundo), para a materialização de textos e livros em relevo linear que pudessem ser lidos por pessoas cegas.

Servindo-se de carateres móveis, Lesueur (o primeiro aluno cego de Valentin Hauy e base referencial para o seu projeto) aprendeu a conhecer as letras e algarismos, a combinar os carateres para formar palavras e números e a construir frases.

Mas um dia, quando apalpava papéis que estavam sobre a secretária de Haüy, Lesueur encontrou um cartão de visita em que a impressão apresentava algum relevo e identificou logo um 'o'. Excitado com a descoberta, apressou-se a participá-la ao mestre, o qual, não menos entusiasmado, gravou no papel, com o bico do cabo da sua pena, diversas letras, que Lesueur reconheceu sem qualquer hesitação. E assim surgiu a ideia da impressão em relevo,

que Valentin Haüy concretizou pouco depois, "fazendo fundir caracteres adequados e concebendo ainda um dispositivo especial para tintagem dos relevos, o que tornava os livros facilmente utilizáveis também pelos videntes. Com a produção destes livros pretendia dar a cada um dos seus alunos a possibilidade de constituírem a sua própria biblioteca e, por outro lado, esperava também que os cegos pudessem dedicar-se ao ensino de crianças videntes.".

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de janeiro de 1999.

(Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje

Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018a, pp. 241-242).

*ESTENOGRAFIA BRAILLE:

Escrita braille em que os vocábulos se representam por sinais que significam grupos de letras, palavras e expressões (Grau 2).

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro, Vítor Bordalo Coelho e Comissão Braille, in Guerreiro, 2018a, p. 244).

*ESTEREOTIPIA BRAILLE:

Processo pelo qual se gravam placas em relevo braille (ou estereótipos), para a impressão de textos e outros relevos.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro, Vítor Bordalo Coelho e José António Baptista, in Guerreiro, 2018a, p. 245).

*EXTEROCEPÇÃO:

Conjunto de sentidos sensoriais aferentes e distais, ditos exteroceptivos, como a visão, a audição, o olfacto, o gosto, o tacto e o cinestésico (sentido do movimento), para além da pele e seus derivados, que são por definição: extrassomáticos, conscientes, observáveis e auto-controláveis.

A exterocepção envolve igualmente as sensações do tocar (sentido háptico), da pressão, da vibração, da temperatura, das dores, etc., que são transmitidas somatotopicamente e centripetamente, cujas aferências nociceptivas se propagam até ao córtex parietal (sentido táctilo-cinestésico), ao córtex occipital (sentido visual) e ao córtex parietal (sentido auditivo), passando previamente pelos núcleos da ponte e do tálamo.

No seu conjunto neurofuncional, tais sentidos captam e recebem estímulos fora do corpo e dão a informação ao cérebro que os seres humanos necessitam para atuar e interagir com o mundo exterior ou envolvente (Vitor da Fonseca, In Guerreiro, 2018a, p. 253).

*HAPSORVEDOR:

Pessoa capaz de absorver e cocriar um ecossistema com o sistema háptico como quem cocria um mundo sem o ver.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário. Idem.

*HAPSORVIDO:

Elementos materiais e imateriais retidos e sustentados pelo hapsorvedor num acontecimento através de um sistema háptico.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário. Idem.

*IMAGEM AUDITIVA:

A imagem auditiva é aquela que resulta de uma concertada e aliciante descrição oral, em que a colocação da voz, que descreve ou audiodescreve uma qualquer imagem visual, é sentida e habilmente exercida, sugerindo a quem ouve todo um fascinante colorido biopsicológico, pondo-o a imaginar o que poderia estar a ver com os olhos físicos. E também o som de coisas ou objetos que se viram ou cuja memória se mantém.

O locutor de rádio tem de possuir esta cultura radialista profissional da palavra e da audiodescrição, cultivando-a numa forma de ouver (ou seja, ouvir e ver) em todos os contextos e situações em que tem de transmitir informação (ou informações) seja de que ordem e natureza for, cuja precisão captada através do ouvido seja configurada numa analogia com o que se vê tão perfeita quanto possível.

A audiodescrição da imagem visual pode chegar a representar com extraordinária exatidão a imagem auditiva.

Na voz individual ou em interlocução, a cor ou cores, a imagem ou imagens sonoras, pululam e evidenciam-se nas palavras, na paraverbalidade, na comunicação expressiva, nos diálogos...

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018a, p. 330).

*IMAGENS TÁTEIS:

Quando é preciso transmitir informação gráfica a uma pessoa cega, as imagens táteis, ou relevos, são uma solução.

O CEFAS (Centro Especializado em Formatos Alternativos), da Sertec (www.sertec.pt), possui uma grande experiência de produção de relevos, tendo realizado trabalhos para exposições, museus e escolas. Existem várias técnicas de impressão disponíveis:

- Imagens táteis em papel braille normal. Esta técnica utiliza a impressora háptica Emprint e tem o custo por cópia mais baixo.

- Imagens táteis em papel microcapsulado, um papel especial que produz imagens de excelente qualidade e muito duráveis. O custo por cópia é um pouco mais elevado.

- Imagens táteis em plástico flexível ou rígido, a partir de um processo industrial. Este é o processo mais caro, mas também o mais durável.

Todas as técnicas permitem combinar na mesma página as imagens em relevo, braille e tinta (a cores).

Geralmente, as imagens originais a tinta precisam ser transformadas para que se tornem legíveis e percetíveis ao tato. O custo do serviço é grandemente influenciado pela quantidade de trabalho necessário nesta fase.

Exemplos de Aplicação:

- Gráficos e diagramas.

- Seres vivos e partes do corpo.

- Plantas e fachadas de edifícios.

- Mapas.

- Fotografia.

(Aquilino Rodrigues, in Guerreiro, 2018a, pp. 330-331).

*INFOCOMINCLUSÃO:

Infocominclusão, a aglutinação infocom aparece no Dictionnaire d'initiation à l'info-com por Laurence Corroy e Jacques Gonnet, em cujo prefácio se lê o seguinte: "Mas porquê este dicionário? A sua origem vem de um naipe de questões-respostas com os nossos estudantes de "Ciências da Informação e da Comunicação" na Universidade de Paris III, Sorbona-Nova" (Corroy & Gonnet, 2008: 3). Um dicionário de conceitos operatórios que auxiliam no ensino e na investigação do campo infocomunicacional, incluindo um verbete longo para comunicação (Corroy & Gonnet, 2008: 39-61) e dois para informação: informação [em geral] e informação-documentação, bem mais curtos (Corroy & Gonnet, 2008: 159-166; 166-169). Este é o quadro conceitual a que infocominclusão não deixa de estar associada, mas, aqui, pretende-se um sentido genérico e direcionado: ato ou efeito de informar e comunicar de modo equitativo, utilizando os processos e procedimentos educativos e infocomunicacionais com a máxima acessibilidade para todos e num contexto de inclusão, tanto tecnológica, como humana e social, em equidade (Guerreiro, 2021, www.tiflologia.pt). Convém precisar que há duas aceções possíveis para a palavra inclusão: a que se reporta ao modo de integrar pessoas e grupos sociais numa dinâmica de políticas públicas visando a igualdade ou equidade; e incluir digitalmente as pessoas, ou seja, integrar todos no uso esclarecido e competente dos dispositivos e das plataformas digitaais. Neste conceito de infocominclusão pretende-se abranger as duas.

Referências

Corroy, Laurence & Gonnet, Jacques, Dictionnaire d'initiation à l'info-com-Paris: Magnard-Vuibert, 2008.

Guerreiro, Augusto Deodato (www.tiflologia.pt).

*INTEROCEPÇÃO:

Conjunto de sentidos sensoriais proximais, ditos interoceptivos, como os órgãos internos que regulam as funções vitais da circulação, da digestão, do sono, da vigilância e da respiração, que são por definição intrassomáticos, viscerais, inconscientes, automáticos, inobserváveis e

não controláveis. No seu conjunto neurofuncional, tais sentidos captam e recebem estímulos dentro do corpo e dão a informação dos órgãos internos ao tronco cerebral que os seres humanos necessitam para integrar e processar atividades sensório-motoras básicas para se adaptarem ao mundo exterior ou envolvente (Vitor da Fonseca, In Guerreiro, 2018a, p. 354).

Propriocepção - Conjunto de sensações emanadas (inputs) dos músculos, dos tendões, das articulações e dos receptores cutâneos do próprio indivíduo que comunicam ao cérebro, particularmente ao tronco cerebral, ao cerebelo e ao lobo parietal, como se deve ativar, inibir e ajustar a motricidade adaptativa ao envolvimento gravitacional permanente. A propriocepção opera nos processos de contractibilidade e de extensibilidade tónico-muscular, nos processos de encurtamento e de alongamento tendinoso e na rotação e compressão das articulações que no seu conjunto harmonioso produzem e sustentam a resposta motora adaptativa, integrando necessariamente o controlo postural em que participa a regulação vestibular.

O conjunto das informações de interface com o mundo provocadas pela pele, pelo corpo e pela sua motricidade, permite ao córtex pré-frontal conhecer onde cada componente do corpo se encontra no espaço e permite planificar e executar a ação de acordo com as exigências da situação onde o indivíduo se encontra, ou de acordo com as exigências de manipulação do objeto que o indivíduo controla (Vitor da Fonseca, In Guerreiro, 2018a, p. 538).

*INTERPONTO:

Processo de escrever ou imprimir braille nas duas faces de uma folha em que os pontos de uma página não coincidem com os da página inversa.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018a, p. 355).

*LITERACIA BRAILLE E INCLUSÃO INTELECTOSSOCIAL:

Antes de tudo, a criança cega e as demais pessoas cegas, de todos os níveis etários, têm o mesmo direito de aprender a ler e a escrever como as outras crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores sem essas limitações sensoriais. A literacia braille está para os dedos e desenvolvimento da motricidade fina, intelectual, sociocognitivo e da personalidade da pessoa cega, como a literacia em carateres comuns está para os olhos e desenvolvimento intelectual da pessoa normovisual.

Secundando investigação séria realizada no domínio da escrita manual, Virginia Berninger, professora de psicologia educacional na Universidade de Washington e principal autora de um artigo publicado no Journal of Learning Disabilities, e Laura Dinehart, professora de educação da 1ª infância na Universidade Internacional da Florida, num artigo publicado no Journal of Earl Childhood Literacy, o escrever à mão desenvolve o cérebro.

A questão do desenvolvimento do cérebro através da escrita à mão, em que a boa caligrafia se coloca para as pessoas normovisuais e o bom ponto braille para as pessoas cegas, o manuscrever é um processo mais indispensável ainda para as pessoas cegas porque lhes associa também o desenvolvimento da motricidade fina e da coordenação de processos cognitivos, motores e neuromusculares, razão por que os professores de educação especial e/ou inclusiva no domínio da visão têm de contrariar a tendência que há para descartar a

escrita à mão, em papel com lápis, esferográfica ou caneta, em tablet, em pauta braille ou em máquina dactiflográfica, tendo em conta os alertas de investigadores nesta especialidade.

Portanto, nunca esquecer ou negligenciar a vital importância da literacia, incluindo a braillística, a tecnológica e a mediática, sobretudo para as pessoas cegas e com baixa visão.

A literacia braille está para o desenvolvimento biopsicossocial, biossociocognitivo e humano, sociocomunicabilidade e interação, relacionamento e inclusão, aquisição de conhecimentos e saberes, de competências pessoais e sociais, de empregabilidade e qualidade de vida das pessoas cegas, incomparavelmente mais ainda do que está a literacia em carateres comuns para as pessoas que veem.

Isto porque falta, às pessoas cegas, a modalidade sensorial mais absorvente de todas, que é o sentido da visão. É o saudável exercício e usufruto literácito que nos permite adquirir cultura e cultivar hábitos de leitura e culturais que nos dignificam como pessoas. É na cultura que encontramos a significação da sociedade e legitimamos o sentido da vida humana em sociedade. As competências literácita, linguística e comunicativa constituem a essência e o móbil desenvolvimental por excelência para o estudo e escolha de um caminho fértil, que consequencie a descoberta de etapas para a determinação e consolidação desse caminho, visando a equidade sociocomunicacional, educacional e formativa, no sentido mais abrangente que possamos imaginar.

Há quem defenda que os livros gravados em fita magnética, audiolivros, e-books ou a leitura de textos em carateres comuns através de leitores de ecrã em voz sintética, são processos que substituem (menosprezando ou injustificando o braille) os livros em braille ou a utilização de leitores de ecrã em braille para aceder aos textos a tinta. O ouvir ler e o dizer não é a mesma coisa que, simplesmente, ler e escrever por si próprio. Escrever e ler é viajar dentro de nós e lá fora, é conceber e materializar criatividade e inovação, razão por que também os grafemas braille "são sementes de luz levadas ao cérebro pelos dedos, para germinação do saber" (Helen Keller), na genialidade fonética e alfabética, por meio de pontos táteis, porta sonográfica (o ponto) inventada por Barbier de la Serre e, graficofonética e alfabeticamente, redimensionada, sistematizada e escancarada por Louis Braille à acessibilidade e usabilidade das pessoas cegas do mundo inteiro, em relação a todo o tipo de conhecimento.

Nesta aceção, a literacia braille, como contributo educomunicacional, intelectossocial e sociocognitivo para a humanidade, veio emancipar as pessoas cegas, promover a sua inclusão em todas as áreas do conhecimento e abrir-lhes uma infinidade de caminhos no mundo do saber, com desafios e propostas sem fim, também através das outras e sequentes literacias, progressivamente inclusivas em equidade.

Neste contexto, a literacia braille tem de ser mais premente e assumir, quanto antes neste século XXI, uma efetiva, permanente e justa função formativa (ensino/aprendizagem), ao mesmo tempo alargando também este propósito à realização de Cursos de reciclagem, sobretudo para professores de educação especial e/ou inclusiva na área da disfunção visual, envolvendo esta tipologia literácita no ensino, na educação, na construção identitária e inclusão em equidade da pessoa cega.

[Texto recortado e adaptado por Augusto Deodato Guerreiro, em grande parte dos seguintes livros:

Guerreiro, A. Deodato (2012). Comunicação e Cultura Inclusivas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT (Com apoio do CICANT, FCT e Ministério da Educação).

Guerreiro, A. Deodato (2011). Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflologia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal. Lisboa: Câmara Municipal - DMC/Gabinete de Referência Cultural.].

*LITERACIA E DIDÁTICA DO ENSINO DO BRAILLE:

A literacia braille e a didática do ensino do braille têm de ser mais prementes e assumirem, quanto antes neste século XXI, uma real e permanente função formativa no ensino/aprendizagem, ao mesmo tempo alargando também este propósito à realização de Cursos de reciclagem, sobretudo para Professores de educação especial e inclusiva na área da disfunção visual, envolvendo esta tipologia literacitodidática no ensino regular, na educação, na construção identitária e inclusão em equidade da pessoa cega.

Guerreiro, A. Deodato (2020). Pensamentos: Cronologia I (Edição revista e aumentada). Almada: EDLARS – Educomunicação e Vida; Pensamento nº 172.

*MÁQUINA BRAILLE:

Máquina dactilográfica mecânica ou elétrica provida de um conjunto de teclas para escrever o braille caráter a caráter.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018ª, p. 394).

*MATERIAIS EM RELEVO:

Produtos de apoio em relevo tátil, os mais diversos e nos mais variados contextos.

(Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro, in Guerreiro, 2018ª, p. 411).

*MOSTRADOR BRAILLE:

Do Inglês Braille Display. Dispositivo eletrónico constituído por um determinado número de células braille normalmente incorporado num equipamento informático.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018ª, p. 423).

*MUNDO NORMOVISUAL:

O mundo de padrão normativo sob a cultura ocularcentrista com sistemas e estruturas criados pela pessoa que vê.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário. Idem.

*OTEAR:

Ato de ver como quem tateia. Ação de ver com o sistema háptico. Fazer uma varredura sobre o visto. Um ato de ver incorporado.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário. Idem.

*PONTO BRAILLE:

Grafema ou elemento-base do Sistema Braille que, segundo as preferências de Barry Hampshire indicadas no seu livro *La Pratique du Braille: Le Braille comme Moyen de Comunication*, publicado em 1981 pela UNESCO, deverá ter 0,43mm de altura e entre 1mm e 1,52mm de diâmetro na base, as distâncias entre pontos 2,29mm, entre células î,12mm e entre linhas 5,59mm.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018a, p. 530).

*PONTO SÓLIDO (Braille):

Ponto que resulta da aplicação de uma substância moldável aderente ao papel.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018a, p. 530).

*PONTOS A MAIS, A MENOS (Braille):

Pontos em excesso ou em falta nos carateres braille.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018a, p. 531).

*PONTOS APAGADOS (Braille):

Aqueles cujo relevo se apresenta deteriorado, dificultando a leitura tátil.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018a, p. 531).

*PONTOS BAIXOS (Braille, no Brasil):

Pontos de relevo inferior ao correntemente empregado numa publicação.

(Jonir Bechara Cerqueira, in Guerreiro, 2018a, p. 531).

*PROPRIOCEPÇÃO:

Conjunto de sensações emanadas (inputs) dos músculos, dos tendões, das articulações e dos receptores cutâneos do próprio indivíduo que comunicam ao cérebro, particularmente ao tronco cerebral, ao cerebelo e ao lobo parietal, como se deve ativar, inibir e ajustar a motricidade adaptativa ao envolvimento gravitacional permanente. A propriocepção opera nos processos de contratibilidade e de extensibilidade tónico-muscular, nos processos de encurtamento e de alongamento tendinoso e na rotação e compressão das articulações que no seu conjunto harmonioso produzem e sustentam a resposta motora adaptativa, integrando necessariamente o controlo postural em que participa a regulação vestibular.

O conjunto das informações de interface com o mundo provocadas pela pele, pelo corpo e pela sua motricidade, permite ao córtex pré-frontal conhecer onde cada componente do corpo se encontra no espaço e permite planificar e executar a ação de acordo com as exigências da situação onde o indivíduo se encontra, ou de acordo com as exigências de manipulação do objeto que o indivíduo controla.

(Vítor da Fonseca, in Guerreiro, 2018ª, p. 538).

*PSICOMOTRICIDADE:

Campo inter e transdisciplinar que estuda, investiga, identifica e intervém nas relações e influências recíprocas e sistémicas entre o psiquismo e a motricidade, enfocando-a nas estruturas, nas funções e disfunções neurodesenvolvimentais do cérebro e na sua organização íntima, assim como nos instrumentos cognitivos e no conjunto do funcionamento mental que a integram, planificam e executam, entendendo-a como resposta adaptativa e como interface com que o ser humano interage com o envolvimento. Dentro deste contexto, a motricidade humana é entendida como o conjunto de expressões corporais, gestuais, posturais, somatognósicas e práxicas que sustentam e suportam as funções mentais, assegurando a sua regulação e produtividade criativa.

Nos domínios da educação, a psicomotricidade visa optimizar a ontogénese em todas as suas dimensões, sejam: emocionais, relacionais, mentais, corporais e expressivas, enquanto no domínio da clínica e das terapias visa identificar sinais de distúrbio ou de dificuldades, nomeadamente quanto às competências básicas de desenvolvimento e de aprendizagem e

procura elaborar e criar novas práticas que possam ser combinadas com práticas já comprovadas, ampliando o potencial relacional e neurofuncional do indivíduo em todas as suas idades (Vítor da Fonseca, In Guerreiro, 2018ª, pp. 538-539).

*RAFIGRAFIA:

A partir do momento em que as pessoas cegas já podiam corresponder-se entre si, por intermédio do Sistema Braille, era necessário inventar-se uma nova forma de se escreverem os carateres a tinta, que facilmente lhes permitisse corresponderem-se também com os normovisuais, sem que estes fossem obrigados a aprender o Sistema Braille. Louis Braille "pensava que isso era possível, desde que os contornos dos tipos de letra, maiúscula ou minúscula, dos algarismos, da pontuação, fossem rigorosamente determinados", tendo efetuado várias tentativas, mas sem êxito. E foi um antigo aluno da Institution Royale des Jeunes Aveugles, François-Pierre Foucault (1797-1871), quem conseguiu inventar um aparelho que possibilitava às pessoas cegas escreverem para os normovisuais. Trata-se do 'rafígrafo', que foi utilizado pelas pessoas cegas durante cerca de trinta anos, que se usou no seu ensino, e que constava de uma série de dez teclas com a extremidade terminada em agulha, com o qual se gravavam as letras num papel previamente estendido sobre uma peça metálica horizontal.

Foi a primeira vez na História que se criou um processo mecânico para que as pessoas cegas pudessem escrever para as normovisuais, através da Rafigrafia, que é a arte de traçar os carateres, nomeadamente latinos, com ponteiro ou agulha, também como meio para ensinar às pessoas cegas a escrita comum.

Ver também Foucault, François-Pierre.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018ª, p. 548).

*RAFÍGRAFO:

Aparelho que possibilitava às pessoas cegas escreverem para os normovisuais inventado por François-Pierre Foucault, que foi utilizado no ensino das pessoas cegas e para que estas também se pudessem corresponder com as pessoas de visão normal.

O ‘rafígrafo’ constava de uma série de dez teclas com a extremidade terminada em agulha, com o qual se gravavam as letras num papel previamente estendido sobre uma peça metálica horizontal.

Ver também Rafigrafia.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018ª, pp. 548-549).

*REFERENCIAL DE POSIÇÃO (Braille):

Designação que toma o conjunto fundamental quando se antepõe a um sinal da quinta ou da sétima série para lhe determinar a posição.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018ª, pp. 549-550).

*RÉGUA BALLU:

Dispositivo para escrever carateres latinos, letra de imprensa, em que se escreve ponto a ponto da direita para a esquerda, constituído por uma placa sulcada ou com cavidades circulares e por uma tampa dividida em linhas de retângulos.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018ª, p. 550).

*RÉGUA BRAILLE:

Dispositivo em que se escreve ponto a ponto, da direita para a esquerda, constituído por uma placa sulcada ou com cavidades circulares e por uma tampa dividida em linhas de retângulos.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018ª, p. 550).

*RÉGUA DE PAUTA:

Peça com duas ou três linhas e número variável de retângulos, que se desloca entre o topo e o fundo da pauta.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018ª, p. 550).

*RÉGUA PARA ESCRITA EM FITA DYMO (Braille):

Dispositivo com uma linha de retângulos em que se escreve braille ponto a ponto, da direita para a esquerda, constituído por uma placa com cavidades circulares e por uma tampa dividida em retângulos (cabendo em cada um a representação do conjunto fundamental

braille), numa peça única em que se articula a tampa com a placa mediante uma dobradiça que as une entre si.

Em geral, usa-se este dispositivo para marcar em fita dymo a identificação de qualquer objeto ou sinalizar qualquer lugar.

(Augusto Deodato Guerreiro, 2018ª, p. 550-551).

*RELEVO BRAILLE:

Diferentes graus de saliência dos pontos do texto braille.

(Filipe Pereira Oliva, in Guerreiro, 2018ª, p. 551).

*TABELA DE SINAIS BRAILLE:

Relação de símbolos braille (significantes e significados), colocada, em geral, no início de uma obra transcrita, para esclarecimento do leitor.

(Filipe Pereira Oliva, Fernando Abreu Matos e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 644).

*SINAL BRAILLE:

Qualquer das 64 combinações de pontos que integram o Sistema Braille.

(Filipe Pereira Oliva e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 634).

*SINAL COMPOSTO (Braille):

Sinal braille formado pela combinação de dois ou mais sinais simples.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro, Vítor Bordalo Coelho e Augusto Deodato Guerreiro, in Guerreiro, 2018ª, p. 634).

*SINAL DA FILA DIREITA (Braille):

Ponto ou pontos da fila vertical direita do sinal fundamental.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro e Vítor Bordalo Coelho, in Guerreiro, 2018ª, p. 635).

*SINAL DA FILA ESQUERDA (Braille):

Ponto ou pontos da fila vertical esquerda do sinal fundamental.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro e Vítor Bordalo Coelho, in Guerreiro, 2018ª, p. 635).

*SINAL DE TRANSPAGINAÇÃO:

Sinal que se utiliza em braille para indicar a mudança de página nos livros ou outros documentos impressos em carateres comuns.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro e Vítor Bordalo Coelho, in Guerreiro, 2018ª, p. 635).

*SINAL INFERIOR (Braille):

Sinal em cuja constituição não entram os pontos um nem quatro.

(Filipe Pereira Oliva e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 635).

*SINAL RESTITUIDOR DO SIGNIFICADO ORIGINAL:

Sinal que precede um símbolo braille para fazer cessar qualquer significado específico ou ocasional que lhe tenha sido atribuído.

(Filipe Pereira Oliva e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 636).

*SINAL SIMpLES (Braille):

Aquele que é formado numa só célula.

(Filipe Pereira Oliva e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 636).

*SINAL SUPERIOR (Braille):

Sinal em cuja constituição não entram os pontos três nem seis, mas em que figuram os pontos um e/ou quatro.

(Filipe Pereira Oliva e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 636).

*SINAIS EXCLUSIVOS DA ESCRITA BRAILLE:

Conjunto de sinais específicos para significar convencionalmente aspetos da escrita comum que não têm representação direta em braille.

(Filipe Pereira Oliva, Orlando de Jesus Monteiro, Vítor Bordalo Coelho e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018ª, p. 636).

*SISTEMA BRAILLE: Sucintamente, é o conjunto de 64 sinais, agrupados em sete séries, estruturados a partir das combinações dos seis pontos, dispostos em duas colunas paralelas e justapostas com três pontos cada uma e numerados de cima para baixo e da esquerda para a direita (1-2-3, na coluna da esquerda, e 4-5-6, na coluna da direita).

No sentido lato, é o sistema graficofonétio e exponencialmente signográfico composto de grafemas táteis, que são pontos com as dimensões preferíveis de cada um, segundo Barry Hampshire (1981), 0,43mm de altura e entre 1mm e 1,52mm de diâmetro na base, e as distâncias entre si igualmente aconselháveis pelo mesmo investigador, entre pontos 2,29mm, entre células î,12mm e entre linhas 5,59mm, pontos dispostos e ordenados numa sequência lógica de 64 sinais simples, designada por Sistema Braille, que constitui o universalmente adotado instrumento literácito e intelectossocial polivalente para a representação graficofonética e signográfica de todos os domínios do conhecimento, como o flume fecundo e imensurável de sonhos e do desenvolvimento sensoriocognitivo, autonómico e de independência, da sociocomunicabilidade e interação, da legitimação do sentido e qualidade de vida das pessoas cegas no mundo (Augusto Deodato Guerreiro, 2018, pp. 636-637).

*SISTEMA HÁPTICO:

Aparato de perceção holística do corpo inserido no mundo. O conceito alinha-se à perceção visual ecológica proposta por James Gibson (1986). A perceção do ambiente e dos objetos é feita com o corpo como um sistema poroso. Através deste sistema, o corpo relaciona-se com o ambiente e consigo mesmo.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário. Idem.

*TERRITÓRIO DÉRMICO:

Topografia de um espaço percebida por um hapsorvedor.

Hartmann, Cintya Floriani (2024). AbeCegário. Idem.

*TIFLOCIÊNCIA: Neologismo nosso que visa alargar e aprofundar cientificamente o conceito de Tiflologia, numa mais precisa confirmação por verificação experimental ou comparativa, enquadrando e fundindo a sua especificidade disciplinar na interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade (investigando-a e testando-a mais, validando-a e aplicando-a mais), nesta coevolução envolvendo, designadamente, contributos da biologia, antropologia, psicologia, psicomotricidade, psicofisiologia, física, engenharia de reabilitação, neurociências e inteligência artificial, bem como de outros domínios científicos que vierem a justificar-se integrar nesta senda científica, humana e social (Guerreiro, 2021b, p. 15).

*TIFLOENSINO DINÂMICO (TED):

Tifloensino Dinâmico (sendo o seu acrónimo TED) é um neologismo recente para designar um tipo de materiais táteis, especificamente para pessoas cegas.

Os materiais TED são materiais essencialmente elaborados para proporcionarem às pessoas cegas a possibilidade de participarem, de forma dinâmica, em processos de ensino-aprendizagem como, por exemplo, utilizando um dispositivo concebido para o ensino da noção de declive de uma reta, constituído por duas hastes perpendiculares entre si e dispondo, cada haste, longitudinalmente, de orifícios igualmente espaçados a partir do seu ponto de encontro.

Ao assentar-se uma das hastes numa superfície horizontal e ao introduzir-se uma pequena vareta, representando uma reta, em dois dos orifícios, um em cada uma das hastes, e designando-se, a partir do ponto de encontro das duas hastes, por **K** a posição do orifício na haste vertical e por **M** a posição do orifício na haste horizontal, o quociente **K/M** indica o declive da reta representada pela vareta.

(Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da Silva, in Guerreiro, 2018a, p. 654).

*TIFLOFILIA:

Apego e dedicação à causa e problemática das pessoas cegas (Oliva e Comissão de Braille. In Guerreiro, 2018a, p. 654).

*TIFLOGRAFIA:

Sucintamente, é o estudo ou tratado da escrita em relevo para uso das pessoas cegas.

Num sentido mais amplo, a tiflografia é um processo tátil graficofonético e intelectossocial específico para uso literácito das pessoas cegas, cuja viagem tem a sua génese em engenhosas tentativas muito recuadas no tempo, que prossegue o seu caminho de aperfeiçoamento e justificação até aos nossos dias, vindo a materializar-se e a implementar-se através de sucessivas etapas de progresso, desde a representação manual de carateres - em relevo linear (Hauy) e por meio de pontos salientes dispostos sistematicamente (Serre e Braille) -, passando pela sua representação mecânica (a dactiflografia em máquinas especialmente concebidas para tal), até às atuais formas de representação em suporte digital, cada vez mais sofisticadas e precisas em acessibilidade e usabilidade, estado de graça este sustentado e disponibilizado pelos ilimitados recursos tiflotecnológicos (Guerreiro, 2018a, pp. 654-655).

*TIFLOGRAFICOTECNOLOGIA:

Neologismo nosso, significando o mesmo que **tecnologia tiflográfica** ou **escrita tiflotecnológica**, cabendo aqui anotar, de entre outras tipologias tiflograficotecnológicas, o **braille efémero** (texto braille obtido por ação do utilizador em mostradores de equipamento informático, que se mantém patente enquanto o utilizador precisar), o **braille falado** (equipamento informático portátil com teclado braille e saída da escrita em áudio), o **braille informático**, **eletrónico** ou **sem papel** (gerado por equipamentos eletrónicos quer na entrada quer na saída), sendo a **tecnologia tiflográfica** o processo tecnológico ou informático de escrita para uso das pessoas cegas, podendo ser processado e lido pelas mesmas, utilizando-se o **braille de seis pontos** (com 64 sinais simples na base do conjunto fundamental de duas colunas paralelas e com três pontos cada uma) ou o **braille de oito pontos** (passando de 64 para 256 sinais simples e cada uma das duas colunas paralelas do conjunto fundamental a ter quatro pontos cada), entendendo-se por **braille de oito pontos** a escrita em relevo com base

no conjunto fundamental acrescido dos pontos 7, por baixo do ponto 3, e 8, por baixo do ponto 6.

*TIFLOINCLUSÃO:

Conceito societal concebido e perspetivado numa dimensão holista de igualdade dos cidadãos cegos e com os demais cidadãos não privados da visão anatómica, na sociedade de todos.

Forma transdisciplinar específica de estudar e encontrar todas as soluções possíveis para legitimamente conferir às pessoas cegas os mesmos direitos e oportunidades, igualdade em verdade e liberdade nos desafios e qualidade de vida que as pessoas normovisuais têm, assim se intentando viabilizar a normal intersocialização, no relacionar-se e interagir, no evocar intenções e concretizar ações, na naturalidade convivial na sociedade constituída por todos, no mundo para todos.

Método epistemológico equitativo de tornar tudo o que é visível em tangível e/ou audível, tudo o que se vê, ouve, lê e se faz, acessível em compreensão e inteligibilidade às pessoas cegas e, nessa efetiva aceção, colocá-las e contextualizá-las em relacionamento e interação com os particularismos e universalidades do mundo global e plurigaláctico, sempre procurando, imaginando, descobrindo, testando e utilizando os mais adequados, sofisticados e elucidativos processos 'infocominclusivos' e pedagógico socioeducomunicacionais e culturais para, coevolutivamente, se irem colmatando ao máximo lacunas cognitivas na sua consciente e precisa apreensão háptico-percetivo multissensorial, somatossensorial e cinestésica, ecoacústica e ecolocalizacional, bem como na sua intrínseca, fundamentada e sensata intelecção (Guerreiro, 2022, Blog deodatoguerreiro. Blospot.pt, e Silva, 2021, www.tiflologia.pt).

*TIFLOLOGIA:

Estudo sistemático ou abordagem especificamente aprofundada relativa à problemática da cegueira (Guerreiro e Comissão de Braille, in Guerreiro, 2018a, p. 655).

Já se concebe e equaciona a Tiflologia como o início de uma Ciência Humana e Social, ainda na forma de uma senda específica iniciática no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, e que encerra em si sete principais valências tiflocientíficas, as quais já em aprofundado estudo,

emergindo neste processo dados e resultados absolutamente inovadores e promissores em progressiva proficuidade tiflológica e tifloinclusiva, num contexto holista de equidade.

O termo Tiflologia resulta da aglutinação dos vocábulos gregos "tiphlos" (cego) mais "logos" (fundamento lógico de um argumento/raciocínio) e é entendido como o estudo sistemático e interdisciplinar sobre a problemática da cegueira anatómica, sendo uma área disciplinar em contexto teórico-empírico e científico em alargamento e aprofundamento. O primeiro termo que veio a surgir, como génese terminológica do conceito de Tiflologia, foi Tiflofilia (apego/dedicação à causa/problemática da pessoa cega), conceito este que remonta ao século XIX, e tendo o conceito de Tiflologia a sua génese no século XVIII e começado a aparecer no segundo quartel do século XX em Portugal.

A Tiflologia é um vasto campo disciplinar, intelectossocial e prático, interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, cujos trabalhos de pesquisa, investigação e desenvolvimento, se prendem com a Ciência, para a consecução de provas no domínio das sete valências acima indiciadas e definidas no final deste Tifloglossário (Informação também colhida em Guerreiro, 2021b e no site www.tiflologia.pt).

(Augusto Deodato Guerreiro, 2021 e site www.tiflologia.pt).

*TIFLOPERCETIBILIDADE:

Neologismo nosso ainda pouco conhecido. A tiflopercetibilidade é a capacidade/competência háptico-percetivo multissensorial, somatossensorial e cinestésica, ecoacústica e ecolocalizacional, reforçando e refinando a sensorioneuromotora e sensoriocogniva, interativa e sociocognitiva, intelectossocial e de holística intelecção da pessoa cega, consubstanciada na funcionalidade e operacionalidade do conjunto das suas modalidades sensoriais e competências sociais, alicerçado em experiência acumulada, devidamente estimulado e desenvolvido, ao mesmo tempo integrante de um amplo e experienciado desenvolvimento pessoal no relacionamento e interação social. Isto traduz-se no desenvolvimento biopsicossocial e humano e da suplência multissensorial e tiflopercetibilidade avançada de todos os sistemas sensoriais que restam, com excecional vantagem para a mobilidade e orientação, autonomia e independência, interação e sociocomunicabilidade, autoconceito e autoconfiança, auto-imagem e auto-estima,

empregabilidade, inclusão em equidade e qualidade de vida da pessoa cega (Guerreiro, 2018a, pp. 655-656).

*TIFLOSSOCIOCOMUNICAÇÃO:

Neologismo nosso em que se traduz o ato ou efeito da pessoa cega se auto-envolver em todas as situações e contextos de relacionamento e interação sociocomunicacional com as pessoas normovisuais e de merecer e usufruir, da parte destas, essa natural e equitativa envolvência infocominclusiva (Guerreiro, 2021b, pp. 27 e 28).

*TIFLOTECNOLOGIA:

Termo ainda pouco conhecido e criado para designar as tecnologias e produtos de apoio (tecnologia assistiva) a pessoas cegas e com baixa visão.

Ver também Tecnologia de Apoio e Tecnologia Assistiva (Guerreiro, 2018a, p. 656).

*USABILIDADE (No plano da Engenharia de Reabilitação):

A ISO 9241-171 sobre Orientações para a Acessibilidade do Software define Acessibilidade como "Usabilidade de um produto, serviço, ambiente ou equipamento por pessoas com o espectro mais alargado de capacidades". [...]. Considerando a Usabilidade como a "eficiência, eficácia e satisfação com a qual um grupo de utilizadores do produto alcança objectivos específicos num determinado contexto" [ISO 9241-11], poderemos entender a Acessibilidade como a Usabilidade para todos e para diferentes contextos. Neste sentido, a Acessibilidade não significa apenas a ausência de barreiras, mas também facilidade de uso. A facilidade de uso é particularmente relevante para pessoas com limitações ao nível cognitivo, da aprendizagem e da linguagem. A oferta de um leque variado de produtos e serviços que cubram as necessidades de diferentes públicos-alvo, a adaptação, os meios alternativos de informação, comunicação, mobilidade e manipulação, os produtos e serviços de apoio são outras formas de garantir a Acessibilidade a pessoas com deficiência.

[Recortado da Tese de Doutoramento com o título Uma Nova Abordagem para a Formação em Engenharia de Reabilitação em Portugal, defendida por Francisco Alexandre Ferreira Biscaia Godinho em 2010, na UTAD.] (Godinho, F. In Guerreiro, 2018a, p. 664).

*VALÊNCIA COGNITIVO-SOCIOCOGNITIVA:

Trata-se da capacidade e da competência da pessoa cega para adquirir, cultivar e exercitar uma utensilagem mental tão ampla e aprofundada quanto lhe seja possível, essencialmente ao nível das três grandes vertentes do conhecimento em geral, que são a História, a Geografia e a Literatura, de cujo domínio é vulgar sermos epitetados de mais ou menos cultos, podendo, também na posse conjunta desse conhecimento, relacionar-se e interagir numa dimensão mais consertada e precisa, sob o ponto de vista da identificação somatossensorial de tudo o que compõe o seu ambiente envolvente e interagir em pleno contexto sociocognitivo e sociocomunicacional (Guerreiro, 2021b, p. 14).

*VALÊNCIA ECOACÚSTICO/ECOLOCALIZACIONAL-LOCOMOCIONAL (Orientação e Mobilidade):

Competência inata que todos temos, a pessoa cega em especial (também derivada dos chamados sentidos 'ósseo', 'visceral', 'álgico' e 'sentido de orientação magnética', também tão peculiares a certos seres vivos, como morcegos, pombos-correio, golfinhos, baleias), e que a pessoa cega pode desenvolver e elevar a níveis de extraordinária precisão, para se orientar e movimentar nos mais variados espaços e contextos ambientais (com ruídos de decibéis elevados, médios ou baixos, silêncios, aqui influindo também condições metereológicas/atmosféricas), identificar e detetar obstáculos ou qualquer sinal infocomunicacional, dirigir-se-lhes e localizá-los, até mesmo podendo e sabendo provocar a necessária informação acústica para os identificar e localizar a distâncias muito variáveis, consoante situações e circunstâncias igualmente muito diversas, por exemplo emitindo sinais acústicos, sons vocálicos, estalidos com a língua no céu da boca, batendo com a bengala no chão, com maior ou menor intensidade à medida que se desloca, usando calçado duro ou de couro para que, na sua marcha, os passos produzam som no seu embate no pavimento, em lugares que lhe são ergonomicamente estranhos ou familiares, assim lhe facilitando (num 'sonar' inteligente) a independência locomocional, a identificação de espaços e contextos, de situações e sinais informativos da máxima diversidade, principalmente sons, os mais variados que possam ocorrer ou que a nossa imaginação possa descobrir ou conceber.

Por exemplo, o nosso maravilhoso instrumento psicobiológico, a voz, veicula, sem equívocos, as nossas sensações, os nossos sentimentos, as nossas manifestações de prazer ou desprazer,

desgosto, repulsa... O gemido de quem está a dar à luz e o gemido de quem está em pleno climax, numa determinada consumação (nomeadamente na ansiedade de alívio/dar à luz ou sexual), são, aparentemente, idênticos... São questões de extrema e curiosa importância, os diferentes sons humanos/gemidos, que, no plano laboratorial, estão a merecer aprofundados estudos.

Temos aqui também a Teoria da Variabilidade Tiflopercecional, que é um projeto teórico-empírico e prático para se exercitar e aprofundar, com a pessoa cega, a sua autonomia e independência locomocional, no relacionamento e interação acústico/ecolocalizacional, espacial e distal.

Os principais sistemas sensoriais do ser humano deverão merecer todos, e não apenas, em regra, o mais absorvente (o da visão), a necessária educação e, nessa medida, o implícito desenvolvimento somatossensorial e cinestésico, no caso, com enfoque na multissensorialidade de bebés/pessoas cegas e bebés/pessoas normovisuais, desenvolvendo-se um processo conjunto e equitativo, o aprofundamento, validação, comprovação e aplicação da Teoria da Variabilidade Tiflopercecional (avaliando-se a perceção em continuidade e descontinuidade na ausência da visão anatómica ou com essa modalidade sensorial em pleno funcionamento), utilizando, explorando e rentabilizando ao máximo os sistemas sensoriais, incluindo as modalidades vestibular e proprioceptiva, no seio do sistema somatossensorial e da cinestesia, multissensorial e sociocognitivo, ao nível dos quatro sistemas sensoriais, exponenciando-lhes a capacitação, em analogia, tanto quanto possível, com os detentores dos cinco sistemas sensoriais, tendo em conta a tiflopercetibilidade (a competência da pessoa cega para detetar e localizar um determinado objeto ou obstáculo, essencialmente através do som e da hapticidade ecoacústica) e da perceção/visualização desse mesmo objeto ou obstáculo, pela pessoa normovisual, em que, para a pessoa normovisual, é dela que depende a continuidade ou descontinuidade da visão dirigida a esse tipo de alvo, enquanto que, para a pessoa cega, porque está privada dessa visão, a deteção ou localização desse alvo depende de vários fatores, de ordem acústica, térmica, biomecânica, ou de outra natureza sensorial, mas em que tem de haver um sinal ecoacústico-ecolocalizacional, que pode ser sonoro, propositadamente permanente ou intermitente para

que a descontinuidade não inviabilize a localização desse alvo pela pessoa cega (Guerreiro, 2021b, pp. 11-12-13-25-26, e 2018d).

*VALÊNCIA HÁPTICO-PERCETIVO MULTISSENSORIAL:

Competência e precisão háptico/tatológica e de identificação que a pessoa cega tem, e que pode cultivar até ao mais alto nível, nessa competência tendo corpo e intervindo a interocepção, a exterocepção e a propriocepção (funcionalidades biológicas e psicomotricionais que possuímos, e que o grande e de renome psicomotricista Vítor da Fonseca, inexcedível investigador e ensaísta também neste domínio, cabendo aqui assinalar ainda, entre outros, os investigadores Leonor Moniz Pereira e o psicólogo Serafim Queirós).

Reforçando esta afirmação, há que estudar e aprofundar a conciliação da riqueza da diversidade com a promoção da igualmente magnificência da equidade, devolvendo à ampla hapticidade/tatologia a sua tão significativa importância sensoriopercetiva, apesar de sempre colocada em último lugar na ordenação dos sistemas sensoriais principais, no horizonte da centralidade da visão (cultura nascida na Grécia Antiga e que influenciou, nessa aceção, todo o Ocidente), cabendo aqui referir Aristóteles (cª 383/384-322 a.C.), parafraseando-o, que afirma, no Tratado da Alma, ser-nos o sentido do tato o mais indispensável, sem o qual nenhum animal poderia existir, e Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), defendendo que toda a inteligência passa pelos sentidos e que todos os sentidos passam pelo tato, o que nos leva ainda, mesmo com alguma redundância propositada, a precisar e a justificar prioridades investigacionais a levar a cabo, como o imperativo inadiável de se aprofundarem mais conhecimentos sobre a fisiologia do tato, pesquisando e investigando a exata medida da amplitude da banda de transmissão de informação através desta modalidade sensorial (Guerreiro, 2021b, pp. 10-21).

*VALÊNCIA INFOSSOCIOCOMUNICACIONAL:

Faculdade capacitante no desenvolvimento intersocial e infocominclusivo que todos possuímos, mas a que a pessoa cega mais recorre, usa e cultiva, por ausência da visão anatómica, para se relacionar e interagir com os outros e com os ambientes em que se encontra, exercitando e refinando naturalmente, com cada vez mais precisão, os quatro sistemas sensoriais que lhe restam associados aos demais sentidos que temos, implicitamente também num constante aperfeiçoamento háptico-percetivo multissensorial,

inclusive alicerçando essa capacitação, alargando-a e aprofundando-a na máxima polivalência e suplência possíveis, de forma relativamente análoga àquela que as pessoas normovisuais desenvolvem, usando o sistema sensorial mais absorvente do ser humano, que é o da visão.

Neste mesmo contexto de relacionamento e interação/socialização, a infocomunicação, a palavra, a interlocução, todas as componentes da unidade da relação interlocutiva (verbais, paraverbais e não-verbais), é que nos socializam e nos tornam seres sociais, conhecendo-nos uns aos outros não só através da linguagem corporal, mas, para as pessoas cegas, sobretudo por intermédio da comunicação verbal e paraverbal, mas em que a linguagem corporal (cinesia e proxémica) também constitui significativo peso informacional/infocomunicacional, sociocomunicacional e sociocognitivo, em especial pelos efeitos que provoca e produz na intencionalidade que pode denotar-se facilmente na intonacionalidade.

A paraverbalidade oral (porque a paraverbalidade também se pode representar escrevendo, com pontuações e sinais acessórios) constitui informação precisa na intensidade, no timbre, na altura, na entoação da voz, mesmo no débito. A dicção é informação, pois, no dizer de François Billetdoux (1927-1991), "a dicção é metade do pensamento, tudo o resto é vocabulário" (Guerreiro, 2021b, p. 14).

*VALÊNCIA MULTISSENSORIAL-ERGOEDUCOMUNICACIoNAL:

Capacidades e competências que a pessoa cega tem, ganha e exercita devido a prementes necessidades, para organizar o por vezes caos infocomunicacional, situacional e contextual em que porventura se possa encontrar, adquirindo e cultivando habilidades sociocognitivas e de identificação de materialidades e imaterialidades, qualquer que seja a sua natureza, tendo em conta que a significação é a relação associativa entre a materialidade e/ou imaterialidade significante (palavra, gesto, imagem, objeto cultural...) e o conceito para que remete, e sinergias que lhe permitam lidar com esses contextos e cotextos, passando à descoberta e familiarização com esse lugar, no qual ganha natural autonomia e independência locomocional e de socialização, relacionando-se e interagindo num espaço, ergonomicamente adequado ou ajustável e convivial, em que impera a naturalidade sociocognitiva e sociocomunicacional.

Nesta aceção ergoeducomunicacional em suplência multissensorial, para que essa competência ou valência tiflocientífica se confirme, também se recorre ao exercício da comunicação educacional e da educação comunicacional ajustadas e certas, por vezes até se recorrendo à meta-socioeducomunicação para sermos capazes de nos certificarmos da razão por que às vezes o método de relacionamento e interação educomunicacional não é igualmente elucidativo para a pessoa cega e para a pessoa normovisual.

É que a pessoa cega só pode ter uma 'visão' certa das coisas e da imensurabilidade universal, das questões da objetividade e subjetividade, da abstração e conceitualidade, desde que nelas devida e inteligentemente contextualizada, sob o ponto de vista sensoriocognitivo e sociocognitivo, inteligindo essas questões, experienciando-as e integrando-as numa bem treinada, desenvolvida e aprofundada suplência multissensorial, constituindo esta capacidade e competência os seus olhos tiflopercecionais (alternativos aos anatómicos) e da intelecção, que lhe permitem ter e dominar, com extraordinária precisão, o absorvente olhar analítico e abrangente na máxima analogia com as pessoas normovisuais, assim intervindo, de modo preventivo e interventivo, positivo, na transformação de mentalidades na humanização social e do desenvolvimento e progresso do mundo global (Guerreiro, 2021b, p. 13).

*VALÊNCIA PEDAGÓGICO/DIDÁTICA SOCIOEDUCOMUNICACIONAL E CULTURAL:

Trata-se do específico e rigoroso desenvolvimento biopsicossocial e humano da pessoa cega (de etiologia congénita ou adquirida em tenra idade), trabalho que tem de iniciar-se no berço ou imediatamente a seguir ao seu aparecimento, em analogia com a pessoa normovisual. A pessoa cega congénita tem de ser alertada e ensinada, devidamente contextualizada desde o berço em tudo aquilo que está acessível aos olhos, em conformidade com o expresso em Guerreiro (2018a).

É uma competência que envolve prevenção e intervenção pedagógico/didática, num processo infocominclusivo (comunicando e informando de modo equitativo, pedagogicamente socioeducomunicando), no exercício e promoção da educação comunicacional e da comunicação educacional intrinsecadas uma na outra, naturalmente nivelando conceitualidade e léxico entre os interlocutores, assim se podendo encontrar a necessária intercompreensão (Guerreiro, 2021b, pp. 15-18-25).

*VALÊNCIA SOMATOSSENSORIAL-CINESTÉSICA:

Competência que a pessoa cega tem, e que pode desenvolver em alargamento e profundidade, para se relacionar e interagir, inteligindo tudo no e com o ambiente à sua volta e nele se movimentando com recurso aos mais diversos adicionais de orientação e mobilidade, de informação e identificação, como aromas, temperaturas, sons, silêncios, manifestações audíveis e de diferentes naturezas, mesmo referenciais de índole psicobiológica, os quais até lhe permitem aperceber-se, nitidamente, do agrado, indiferença ou desagrado de alguém face à sua presença (Guerreiro, 2021b, pp. 11-12-14-20).

Conclusão:

Por vezes, ao longo desta amostra de Tifloglossário, encontramos algumas Entradas do mesmo cuja designação não parece ter, imediatamente, relação direta e contextual com a matéria tiflológica e tiflocientífica nele consignada (como, por exemplo e entre muitas, **Educomunicação**, **Eduinfocomunicação**, **Infocominclusão**, **Psicomotricidade**, **Usabilidade**), mas a razão da intercalação dessas Entradas é por que consubstanciam a dinâmica cognitiva e o alcance equitativo que pretendemos conferir a este inovador Laboratório de Tiflociência.

É que a equidade social e humana é equilíbrio a todos os níveis (designadamente biopsicossocial e mental, ético e cívico, moral e espiritual) promocional em meta-socioeducomunicação e justiça social, num horizonte humano em que as reciprocidades em solidariedade e partilha deverão acontecer com naturalidade na mútua compreensão e aceitação uns dos outros, essencialmente por intermédio de meios sociocomunicacionais que a espontaneidade relacional e interativa possa ir tornando comuns.

Vamos olhar para os outros assim, procurando ajudá-los assim, para também nos podermos olhar e ajudarmo-nos assim...

Em suma, e numa breve síntese da integradora substância exposta neste artigo, acreditando que hão-de abrir-se as portas frutíferas para o nascimento e pleno funcionamento e operacionalidade do Laboratório de Tiflociência, que todas as possíveis sinergias da vontade humana e determinação, à Luz da ajuda do Senhor Deus do Universo e da premente necessidade investigativa e prática, nos deem forças para nos unirmos em Amor e Ciência na inovação e partilha para que, em cada segundo das nossas vidas, não falte a ninguém o pão

que mata a fome biofísica e psíquica, o pão cognitivo e da sanidade física e intelecto espiritual, o pão da generosidade e da harmonia, o pão dos consensos no entendimento e estabelecimento da paz e da justiça a todos os níveis, o pão da verdade e liberdade, igualdade e fraternidade em cidadania, o pão do perdão e da gratidão, o pão que faça sorrir o estelar feliz da luminosidade da alma em cada rosto humano.

Mais cedo ou mais tarde, desde que bem firmes no impulso e dinâmica do acrónimo mental da persistência intelecto espiritual em amor no peregrinar na esperança, TIDE (Tolerância e Inteligência, Diálogo e Entendimento), o sonhar em dignidade as realidades possíveis só poderá congratular-se (congratulando-nos) de sucesso e gratidão.

A maravilha do êxito deve ser encontrada no Sorrir com afeto harmonioso e sugestividade, apaziguador e promotor da inclusão em equidade na diversidade cultural e atitudinal. Isto porque o Sorrir, na discussão e suavidade ético deontológica para a solução de um problema e na fortaleza dos princípios para a sua resolução, é elegância dialógico diplomática e arte de sugerir no êxito discursivo e no vencer em cordialidade e cidadania.

Será, pois, neste contexto agradável de persistência, mas humilde e dignamente sorrindo, porque é no Sorrir, assente em cinco eixos começados por S de Sucesso (Sorrir é Suportar, Suavizar, ou Sugerir a Superação de Sofrimentos), que, também no dizer de Gedeão (1906-1997), o "mundo pula e avança" sempre que sonhamos criar soluções ou inovar hipóteses para a resolução de problemas que limitam ou condicionam a vida normal dos cidadãos, sobretudo aqueles que se confrontam com limitações ou desvantagens ao nível sensorial e de outras etiologias.

A criação e funcionamento do Laboratório de Tiflociência é um sonho altamente promissor e viabilizador da concretização feliz de realidades possíveis, as que transparecem nesta singela enunciação dos seus principais objetivos e na tiflocientificidade emergente na conceitualidade e léxico expressos no Tifloglossário, que está em permanente crescimento e atualização, do qual, como exemplo, apenas acabamos de apresentar uma ínfima parte neste artigo.

Temos de continuar a persistir (incentivando e mobilizando todas as sinergias positivas para esse efeito) no levantamento de hipóteses e na abertura de caminhos para a natural inclusão

em equidade ir ocorrendo, sendo, nessa perspetiva e dimensão teórico/empírica e prática, sensatos e invictos operários fazedores de ética socioeducomunicacional e pedagógica, construtiva e estruturante cultural e cívica de uma sociedade onde Todos possamos ter legitimamente lugar em dignidade e qualidade de vida, dando e recebendo em equidade e numa mútua aceitação uns dos outros, assim superando as necessidades e desvantagens de cada um com as alertantes e inspiradoras diferenças de cada um.

Referências Bibliográficas Básicas:

Amado, Maria C. T. M. Romeiras C. (2013). Hide and Seek: Normality Issues and Global Discourses on Blind School Modern Projects: Late 18th-19th Centuries. (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Especialidade História da Educação). Universidade Clássica / Instituto de Educação, Lisboa.

Amaral, Maria de São José M. L. S. (2016). Contexto Científico Tecnológico e Eliminação das Barreiras Sociocomunicacionais para as Pessoas com Défice Visual: Relevância das Tecnologias de Apoio (Tese de Doutoramento em Ciências da Informação). Departamento de Periodismo III da Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense, Madrid.

Antunes, Manuel de Azevedo (2023, setembro). De Émile Durkheim à globalocalização. Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência (pp. 62-72). Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia / Fundação Nossa Senhora da Esperança.

Guerreiro, A. Deodato (2023, setembro). Equidade socioeducomunicacional e cultural em espaços e ambientes culturais. Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência (pp. 10-44). Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia / Fundação Nossa Senhora da Esperança.

Guerreiro, A. Deodato (2021a). Ciência, cultura e tiflologia: Educomunicação parento-filial inclusiva. Ciência, Cultura e Cidadania (pp. 185-201). (Dir. científica A. D. Guerreiro). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (Com apoio do CICANT).

Guerreiro, A. Deodato (2021b). Ciência e tiflologia: Variáveis tiflocientíficas para a inclusão em qualidade e oportunidades equitativas. Conferência de abertura do 1º Congresso Internacional Ciência e Tiflologia - A Cegueira em Contexto Científico / CPTEI-FNSE-ULHT. Castelo de Vide: Fundação Nossa Senhora da Esperança, 15-17 junho. Acedido em

www.tiflologia.pt Guerreiro, A. Deodato (2021c, janeiro 8). Uma metodologia para a formação de professores de educação inclusiva na didática do braille. Atas do Seminário "A Didática do Braille" comemorativo do Dia Mundial do Braille (pp. 45-55). Organizado pelo Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura e coordenado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

Guerreiro, A. Deodato (2020a). Pensamentos: Cronologia I (2ª Edição revista e aumentada). Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida.

Guerreiro, A. Deodato (2020b). Vida, teoria e equidade: Elementos para uma teoria pedagógico educomunicacional e cultural em cidadania. Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida.

Guerreiro, A Deodato (2019a). Musicografia Braille e equidade na CPLP. Coautor e diretor científico. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT.

Guerreiro, A. Deodato (2019b). A música e a vida em equidade. Musicografia Braille e Equidade na CPLP (pp. 153-194). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT.

Guerreiro, A. Deodato (2018a). Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão: Humanizar a Vida em Cidadania e no Prazer Solidário de Existir. (Coautor e Diretor científico). Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida.

Guerreiro, A. Deodato (2018b). Guia de Intervenção Precoce na Disfunção Visual: Teoria e Prática em Educomunicação e Cultura na Família e na Sociedade. Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida.

Guerreiro, A. Deodato (2018c). Humor e inclusão. In A. D. Guerreiro (Dir. Científica), Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão: Humanizar a Vida no Prazer Solidário de Existir (pp. 326-329). Almada: EDLARS – Educomunicação e Vida.

Guerreiro, A. Deodato (2017). Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas. (Coautor e diretor científico). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT.

Guerreiro, A. Deodato (2016). À luz da acessibilidade e da usabilidade em cidades/espaços urbanos: ecologia comunicacional inclusiva. In M. Oliveira & S. Pinto (Eds.), Atas do Congresso Internacional Comunicação e Luz (pp. 215-227). Braga: CECS da Universidade do Minho.

Guerreiro, A. Deodato (2015, outubro). European intellectual platform for professionals in the field of typhlology: A challenge/proposal. R-LEGO - Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações, ISSN 2183-5845.

Guerreiro, A. Deodato (2012). Comunicação e Cultura Inclusivas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT (Com o apoio do CICANT/ECATI/ULHT).

Guerreiro, A. Deodato (2011a). Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência. (Coautor e Diretor científico). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT (Com apoio da FCT).

Guerreiro, A. Deodato (2011b). Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflologia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal. Lisboa: Câmara Municipal - DMC/Gabinete de Referência Cultural.

Guerreiro, A. Deodato (2011c). Tifloperceptibilidade avançada vs sociocomunicabilidade, inclusão e qualidade de vida. In Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência (pp. 16-49). Lisboa: Edições Universitárias Lusófona/ULHT.

Guerreiro, A. Deodato (2008). A arte nos museus e centros de ciência viva: ao alcance das mãos: utopia e realidade. Comunicação apresentada no Seminário Internacional ao Alcance das Mãos: Informação Táctil dos Museus / Centro de Ciência Viva, Parque das Nações, em parceria com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, da Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais e Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito do Gabinete de Referência Cultural - Polo Interactivo de Recursos Especiais. Lisboa: Pavilhão do Conhecimento, 29 setembro.

Guerreiro, A. Deodato (2000). Para uma Nova Comunicação dos Sentidos: Contributos da Tecnologização da Tiflografia para a Ampliação dos Processos Comunicacionais. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (Galardoado em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do mesmo Secretariado Nacional, atual Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.).

Guerreiro, Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes (2020). A Biblioteca Pública e o Conhecimento Universal: Elementos para um Estudo e Implementação de Competências Biblioinclusivas. Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida.

Hartmann, Cintya Floriani (2024, fevereiro). Theasthai: A Experiência de um Grupo de Pessoas Cegas na Plateia do Teatro (Tese de Doutoramento em Estudos de Teatro). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Leite, Manuel da Costa (2023, setembro). Typhlology. Tiflociência e Equidade no Mudo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência (pp. 73-84). Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia / Fundação Nossa Senhora da Esperança.

Novo, João Soares Palmeiro (2023, dezembro). Equidade nos Museus para Pessoas Cegas e Normovisuais: Novas Etapas Infoinclusivas ao Nível Tiflocientífico / 1º Museu Tiflológico em Portugal - Castelo de Vide (Tese de Doutoramento em Museologia). Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa.

Palmeiro, João (2023, setembro). Um museu de e para todos, com a ponta dos dedos num abrir e fechar de olhos, num cheiro que não se esquece para saborear até final, com acessíveis aplausos. Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência (pp. 45-61). Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia / Fundação Nossa Senhora da Esperança.

Silva, Artur Olímpio Ferreira Gonçalves (2015a). Ensino da Matemática a Alunos com Necessidades Visuais: Estratégias e Metodologias Dinamizadoras da Aprendizagem (Tese de Doctorado Europeu en Innovación Didáctica en la Sociedad del Conocimiento). Departamento de Didáctica y Organización Escolar de la Faculdad de Educación de la Universidad Complutense, Madrid.

Silva, Artur Olímpio Ferreira Gonçalves (2007). As Pessoas Deficientes Visuais e o Acesso à Informação nas Bibliotecas Municipais de Portugal (Tese de Doctorado en Ciencias de la Información, Documentación, Fundamentos, Tecnología y Aplicaciones). Departamento de Biblioteconomia Y Documentación de la Faculdad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense, Madrid.

Acessibilidade Sociomuseológica em Equidade para Pessoas Cegas e Normovisuais: Abordagem Sucinta

João Palmeiro, Ph.D

Doutorado em Museologia (Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa)

Presidente da Fundação Nossa Senhora da Esperança (FNSE)

Vice-Presidente do Centro Português de Tiflologia/FNSE

Diretor do Centro de Experiência Viva - Museu de Tiflologia/FNSE

E-mail: oriemlap@hotmail.com

Resumo:

O conhecimento é um bem público, seja em que domínio for, o qual tem de estar acessível a todos os cidadãos, independentemente das suas capacidades sensoriais e cognitivas ou limitações da mais diversa ordem e natureza.

A equidade nos museus para as pessoas cegas e normovisuais foi a questão sociomuseológica de partida que nos sensibilizou e nos mobilizou para um trabalho intenso e altamente motivador de pesquisa, investigação e desenvolvimento de hipóteses e obtenção de resultados nessa perspetiva.

Com base na possível saturabilidade conseguida, em que pesquisámos e investigámos esta matéria, não nos parece haver precedentes análogos, essencialmente ao nível da experiência viva e confirmada, validada e aplicada à Sociomuseologia, pensada para todos os cidadãos e com especial enfoque na equidade para pessoas cegas e sem essas limitações sensoriais.

Verificando esta lacuna equitativa, resolvemos levar a defesa pública uma Tese de Doutoramento em Museologia, cujas políticas funcionais e operacionais assentam nos princípios básicos e dinamizadores da equidade alargada ao público-alvo em referência, permitindo às pessoas cegas usufruírem, nas visitas aos museus, de um plano de igualdade em direitos e oportunidades, qualidade no prazer observacional e de intelecção.

Os passos formais e promissores que conseguimos dar estão bem evidenciados no plano prático e de conteúdo intelectual, em termos sistemáticos, normativos e cognitivos, nos seis Capítulos que fundamentam e estruturam a nossa Tese, e sendo fundamentos estruturantes bem elucidativos e demonstrativos da nossa constatação e convicção da realidade anómala e

excludente que tem vindo a ser oferecida pela generalidade dos museus aos cidadãos que, sob o ponto de vista anatómico, não veem e aos que veem.

E é nesta aceção que procuramos espelhar o nosso propósito metodológico e científico no encaminhamento e afunilamento do nosso alicerçado e comprovado pensamento para uma síntese integradora em reflexões e considerações finais, salientando e justificando a inequívoca importância desta investigação, que profundamente nos atraiu e envolveu, a qual muito desejamos que venha a ser frutífera em posteriores etapas equitativas a explorar e a prosseguir.

Palavras-Chave: Sociomuseologia e equidade; Inclusão, Tifloinclusão, Tiflologia/Tiflociência

Abstract:

Knowledge is a public good, in any field, which must be accessible to all citizens, regardless of their sensory and cognitive abilities or limitations of the most diverse order and nature.

Fairness in museums for blind and partially sighted people was the starting socio-museological question that sensitised us and mobilised us to do intense and highly motivating research, investigating and developing hypotheses and obtaining results from this perspective.

Based on the possible saturation we have achieved in researching and investigating this subject, we don't think there are any similar precedents, essentially at the level of living and confirmed experience, validated and applied to Sociomuseology, designed for all citizens and with a special focus on equity for blind people and those without such sensory limitations.

Having verified this equity gap, we decided to publicly defend a Doctoral Thesis in Museology, whose functional and operational policies are based on the basic and dynamic principles of equity extended to the target audience in question, allowing blind people to enjoy equal rights and opportunities when visiting museums, as well as quality in observational pleasure and intellection.

The formal and promising steps that we have managed to take are well demonstrated in practical terms and in terms of intellectual content, in systematic, normative and cognitive terms, in the six chapters that underpin and structure our thesis, and being structuring foundations, they are very clear and demonstrate our observation and conviction of the anomalous and excluding reality that has been offered by most museums to citizens who, from an anatomical point of view, do not see and to those who do see.

And it is in this sense that we have tried to reflect our methodological and scientific purpose in the direction and tapering of our well-founded and proven thinking towards an integrative synthesis in reflections and final considerations, emphasising and justifying the unequivocal importance of this research, which deeply attracted and involved us, and which we very much hope will be fruitful in further equitable stages to be explored and pursued.

Key words: Sociomuseology and equity; Inclusion, Tifloinclusion, Tiflologia/Tiflociência

Breve Síntese

Elaborámos e defendemos, no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa, a Tese de Doutoramento em Museologia, com o título "Equidade nos Museus para Pessoas Cegas e Normovisuais: Novas Etapas Infoinclusivas ao Nível Tiflocientífico / 1º Museu Tiflológico em Portugal - Castelo de Vide", cuja consulta recomendamos, não obstante a mesma estar a ser preparada para publicação em livro, nos suportes papel e digital/PDF acessível.

No sentido de divulgarmos nesta revista, "Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência", publicação com revisão por pares do Centro Português de Tiflologia/FNSE, a matéria desta aprofundada investigação, apresentamos apenas uma brevíssima síntese integradora das linhas de força que nortearam a elaboração da Tese em referência, salientando parte da complexidade caracterizadora da mesma, havendo a necessidade de sermos um pouco recapitulativos na sua extensão.

Pensar em Sociomuseologia para todos, mais exatamente nos Museus em que a equidade na acessibilidade e usabilidade contemple todos os visitantes, em especial as pessoas cegas e as normovisuais em igualdade de circunstâncias e oportunidades no usufruto da visita, a lei também tem de, obrigatoriamente, ser olhada, interpretada e adequada às diversas exigências/valências museográficas e museológicas que a Sociomuseologia equitativa sugere e impõe em termos funcionais e operacionais inclusivos, em que a equidade assuma o seu papel preponderante no plano da eficiência e da eficácia para todos os cidadãos que visitam ou consultam Museus.

Quando se analisa cronologicamente o processo normativo dos Direitos Humanos, somos levados a concluir que irá surgir uma quarta ou quinta geração desse tipo de direitos fundamentais. Ainda que este tipo de direitos influencie na totalidade o quadro normativo português, continua a mudança de valores da sociedade, vai exigir o aparecimento de normas, como as que agora se inserem no Regulamento Geral de Proteção de Dados Pessoais, que visam dar resposta aos novos desafios, que uma sociedade massificada pelas redes sociais constitui. Claro que será possível fazer uma abordagem dos Direitos Humanos, que não seja exclusivamente normativa, e que tenha em conta, na gestão da sociedade, aspetos de dimensão exclusivamente sociológica. Apesar da deformação do nosso conhecimento

jurídico, entendemos que nem tudo é normativizado, aliás, o direito positivo invadiu as regras de Portugal. Há uma verborreia legislativa com regulamentos, decretos-lei, leis, textos constitucionais e regulamentos comunitários, que se atropelam desmedidamente. A conversa é séria, pois, nem mesmo o jurista tem a noção da teia legislativa que o rodeia. As normas fazem-se porque alguém as vai desrespeitar, e, portanto, o seu caráter preventivo e dissuasor só faz sentido, se a sociedade se aperceber da violação da norma e das suas consequências.

Ora, o que não faltam são exemplos de violações de princípios e normas no campo dos Direitos Humanos, sem que isso signifique qualquer sanção objetiva da sociedade. Reconhecidamente, existem alguns direitos tipificados como direitos humanos, que se encontram enraizados na sociedade, e independente da sua normatização e da sua fiscalização pelos órgãos de soberania, a sociedade reage ao seu incumprimento. Defendemos por isso uma maior consciencialização das novas gerações, para as regras que conduzam a uma sociedade mais justa, igualitária e mais equilibrada. Para tal, torna-se indispensável sensibilizar a família, as comunidades à volta e as escolas para a necessidade de referir que a consequência do incumprimento de uma norma fundamental não será somente a possível sanção que um tribunal possa decidir, mas, especialmente, a censura social que tal comportamento pode produzir.

Estamos certos de que o texto da Constituição da República Portuguesa ajuda muito no princípio de modificação de uma sociedade. Provavelmente, nem sequer seriam necessárias mais normas, apenas seria desejável que o texto essencial da nossa legislação fosse um dos textos base das escolas em Portugal. Porém, simultaneamente neste contexto, impor-se-á sempre a sensibilidade, a curiosidade práxica, teórico-empírica e científica, pesquisa e investigação, sistematização e teoria, ciência (para provar) e filosofia (para explicitar a ajuda na compreensão e constatação da comprovação científica, convencendo). A ciência, no sentido factual e empírico, objeto e metodologia, é a razão do mundo, sendo a sua alma a arte de a explicitar, numa dimensão probatória e assente na confirmação por verificação experimental ou comparativa.

O acervo do museu será no futuro, para alem do que está fisicamente disponível, o poder de contemplar virtualmente TUDO. Cognitivamente vivemos de representações, mas temos de ter consciência, que a fonte original será sempre melhor, que a representação. Claro que a

representação se traduz cada vez mais, numa ferramenta indispensável a melhor compreender o passado. Especialmente se a memória, não consegue acompanhar o tempo real. A inteligência consegue trabalhar conceitos abstratos, mas será que a máquina e a informação virtual poderão no futuro acompanhar esse desafio. A inteligência artificial ao serviço do cidadão, começa a ser uma realidade, mas só atinge verdadeiramente esse desiderato, se for a artificialidade da máquina a construir uma base de raciocínio sem a intervenção humana. Percebe-se que a tecnologia tem servido a humanidade para melhorar o mundo, mas seria preocupante, se algum dia se viesse a perceber, que a representação abstrata da realidade comandasse a própria realidade.

Esta sociedade positivamente invadida pela tecnologia está a perder cada dia, a fronteira entre abstração e realidade. Não se culpe a sociedade, se queremos que a computação resolva os problemas da humanidade. O risco é mesmo gostar mais da representação do que a realidade. Não nos parece que essa ideia possa subsistir, num mundo em que a diversidade se afirma também cada vez mais. Imagine se por absurdo, o estereótipo de homem ou mulher, ser o máximo denominador comum e a representação sociológica ser una, numa sociedade com todos altos louros e espadaúdos. Certamente seria terrível e desapaixonante. Esse risco não está em cima da mesa, porque dificilmente a máquina pode gerar emoções, como a paixão ou a saudade. A IoT pode criar smart devices de relacionamento, mas será impossível conceber mecanismos de inteligência artificial, no domínio dos sentimentos, que nem o ser humano consegue explicar e muito menos perceber.

Num plano avançado e futurista de analisar a computação, somos levados a concluir, que nunca a abstração se confundirá na plenitude com o real.

Questões da Cultura, Linguagem, Escrita e Comunicação no Plano Tiflológico, constituíram o fulcro das nossas atenções à cegueira no contexto da oralidade e da escrita, a cegueira enquanto reveladora das equivocidades da comunicação, bem como conceitos e preconceitos a propósito de "ver" e "não-ver" (atendendo, por vezes também, à coexistência de "problemas" e de questões oriundos de outros horizontes históricos que sobrevivem no "arquivo cultural" da humanidade - oral e/ou artificialmente), enunciando já um alargamento da comunicação e da cultura acessíveis às pessoas cegas, consubstanciado no fenómeno da cultura em geral, como móbil inexpugnável da tão almejada (e já observável nalguns casos)

transformação das mentalidades no que se refere à compreensão e intercompreensão despreconceituada (em termos experienciais e culturais) das inequívocas e demonstradas potencialidades e capacidades das pessoas cegas, em muito equiparadas (por vezes em perfeita analogia) com as das pessoas normovisuais.

O tato dos nossos sentidos (Nogueira, 1992), a maravilhosa faculdade, que é a perceptibilidade sensorial, que todos possuímos, tem sido injustamente subjugada pela hipervalorização do sentido da visão, sobretudo no pensamento ocidental. É preciso conferir a esta faculdade (a da tatologia ou mais exatamente háptico-perceptivo e multissensorial) a indiscutível relevância e imprescindibilidade que tem, acordando-a, em alguns casos, libertando-a, reabilitando-a e atribuindo-lhe o poder a que ela tem direito, e que sempre teve, mas que não lhe tem sido nada fácil merecer esse reconhecimento. Temos agora, no âmbito da Sociomuseologia, a excelente e inovadora oportunidade de o demonstrar quão importante e indispensável ela é para todos os seres humanos, e não só, principalmente como fenómeno tiflo-sócio-comunicacional, tiflointerativo e tifloinclusivo.

Karl Popper (1902-1994) diz-nos que "toda a solução dada a um problema levanta novos problemas; principalmente quando o problema original é profundo e a solução apresentada é corajosa" (Popper, 1992). É nesta aceção que nos sentimos e nos posicionamos, impulsionados pela extraordinária complexidade da investigação que abraçamos, nela nos envolvendo uma grande paixão e coragem para aprofundar a questão da acessibilidade e usabilidade, hapticidade e multissensorialidade, cinestesia e somatossensorial em ecolocalização (na orientação e mobilidade) das pessoas cegas nos museus, apesar de, igualmente, também estarmos cientes de que enveredámos por esta problemática animados pela sensata prudência e consciencialização da sua enorme complexidade tiflológica na área da Sociomuseologia, em que propomos a equidade e sistematização de uma vertente sociocomunicacional e sociocognitiva nova e a descoberto neste domínio. Ficaríamos profundamente felizes se este nosso contributo teórico-empírico e experiencial, viesse a impressionar positivamente as sensibilidades de investigadores responsáveis nesta matéria e, por consequência, a ampliar o horizonte académico científico e investigacional, granjeando a possível e desejável generosidade intelectual de quem nos vier a ler.

Em suma e em conclusão, em Portugal estava a faltar um Museu interativo de experiência viva no plano da equidade em acessibilidade e usabilidade nos museus para visitantes cegos e normovisuais. O Centro de Experiência Viva - Museu de Tiflologia (CEV/MT), da Fundação Nossa Senhora da Esperança (FNSE), em Castelo de Vide, e por impulso do Centro Português de Tiflologia, vem suprir esta ausência e incentivar outros museus a seguirem a sua estratégia metodológica no encontrar e/ou no investigar e estudar as soluções sociomuseológicas mais adequadas e equitativas.

A consecução destes resultados científico culturais, alicerça a sua génese, no nosso País, na década de 60 do século XIX, sobretudo em questões fomentadoras da emancipação humana e social dos cidadãos cegos e com baixa visão em Portugal, tendo vindo aí, nesta Fundação, a Fundação Nossa Senhora da Esperança (que é o fecundo berço do aprofundamento destas questões), a encontrarem-se sucessivas soluções nos planos sociolaboral, no desempenho de atividades musicais, de alto nível no campo da aprendizagem e execução instrumental em orquestra, e de outras atividades mais de natureza fabril, prosseguindo um caminho, tão difícil quanto delicado no domínio da equidade, até aos dias de hoje.

No Centro de Experiência Viva - Museu de Tiflologia há um espólio permanente, no qual irão sendo intercaladas temáticas expográficas "infocominclusivas", num sistema intermitente e evolutivo de substituição alternada dessas temáticas, consoante a circunstancialidade epocal e/ou inovacional desde o passado até à atualidade.

Suportados e no seguimento da filosofia científica e investigacional do Centro Português de Tiflologia (CPTEI), este dinâmico equipamento sociomuseográfico e de experiência viva ao nível teórico-empírico e prático a nível nacional (em algumas valências tiflocientíficas além-fronteiras) integra nas suas funções (articuladamente com o CPTEI e o Jardim Sensorial Manuel da Costa Leite (JSMCL), bem como com as possíveis parcerias científicas a estabelecer nesta área interdisciplinar e transdisciplinar), designadamente:

- Investigação circunstancial e pontualizada nas questões da equidade na acessibilidade e usabilidade dos museus, em especial por parte dos cidadãos cegos e com baixa visão.

- Consultoria neste domínio e realização de estudos equitativos no âmbito da sociomuseografia e Sociomuseologia.

- Formação profissional por áreas temáticas e realização de Atividades de extensão socio museológica, presenciais e/ou online, em articulação protocolada com parceiros científicos na área, no âmbito do CPTEI, CEM/MT, Jardim Sensorial e de Projetos análogos ou decorrentes de Protocolos de Cooperação a outorgar (progressivamente e na medida das adequadas e prementes necessidades) entre a própria FNSE e outros organismos e entidades que prossigam trabalhos de investigação na área da tiflologia, em Portugal e no estrangeiro.

Porque temos vindo a observar e a experienciar esta realidade, cabe aqui anotar alguns tópicos básicos que uma pessoa cega (naturalmente que também as pessoas normovisuais) gosta de encontrar neste Museu específico, o CEV/MT (que é promotor, promissor e inovador em ideias positivamente equitativas), para além de outros que venham a considerar-se relevantes:

- O CEV/MT integra e conta a História da Tiflologia em Portugal e conecta-a, de forma ciberespacial (através de hiperlinks nacionais e estrangeiros), com a História Geral da Tiflologia nos diferentes países do mundo, estando devidamente equipado, nos planos da acessibilidade e da usabilidade, com os adequados dispositivos tiflotecnológicos.

- O CEV/MT projeta, dinamiza e organiza Exposições temáticas da mais diversa natureza sensorial, as quais possam contribuir, de modo adequado e evolutivo, para o desenvolvimento somatossensorial e cinestésico das pessoas cegas e normovisuais, em cuja dinâmica multissensorial (e suplência multissensorial) se observe e exercite um trabalho vivo e sério na inclusão em equidade.

- A amplitude funcional do CEV/MT operacionaliza, equaciona, na sua atividade, o recurso a outros espaços associados e/ou alternativos ao espaço físico/arquitetónico onde o mesmo se encontra instalado.

- O CEV/MT, em articulação com o CPTEI e o Jardim Sensorial, desenvolve investigação, fomenta e dá Formação e Consultoria na área da acessibilidade e usabilidade em Sociomuseologia, com particular incidência nas necessidades visuais.

Aliás, convém precisar que, quando se concebe de raiz ou se adapta qualquer equipamento cultural, bibliotecas, arquivos históricos, espaço museológico, espaço multiusos, seja o que for, no plano da equidade em acessibilidade e usabilidade também das pessoas cegas, as sete valências tiflocientíficas, já explicitadas justificadamente nesta Tese, têm de estar bem ativas e refletidas num absoluto espírito de conceção, funcionalidade, testagem e comprovada utilização equitativa desses espaços.

Temos de possuir bem presentes esses criteriosos princípios básicos e indispensáveis de ordem tiflológica e científica, dado que a Tiflologia já se enuncia, conforme o fundamentado e comprovado por Guerreiro (2020, 2021a, 2021b e 2023), como Ciência Humana e Social, na forma de senda iniciática nas Ciências Sociais e Humanas, encerrando em si a Tiflologia, como Tiflociência, as referidas sete variáveis ou competências entrosadas umas nas outras, como:

1. - A Háptico Perceptivo-Multissensorial, que é a competência e precisão tatológica e de identificação que todos temos, mas que a pessoa cega pode cultivar e refinar ao mais elevado nível, pelas razões óbvias que bem conhecemos, nessa capacidade e competência tendo corpo e intervindo a interocepção, a extereocepção e a propriocepção, como funcionalidades biológicas e psicomotricionais que possuímos.

2 - A Somatossensorial-Cinestésica.

3 - A Ecolocalizacional-Locomocional (Orientação e Mobilidade).

4. - A Ergoeducomunicacional em Suplência Multissensorial.

5. - A Cognitivo-Sociocognitiva.

6. - A Infocomunicacional-Sociocomunicacional.

7. - A Pedagógico Educomunicacional e Cultural.

Este conjunto de sete valências/capacidades/competências em tiflociência, como já afirmámos, constitui um enfoque de investigação e desenvolvimento, promocional do desenvolvimento biopsicossocial e humano da pessoa cega em analogia com essa evolução na pessoa normovisual, havendo a necessidade de se fazer uma viagem desde a mais remota ancestralidade, com particular enfoque (deixando para trás Homero, entre outros) em autores como Nicholas Saunderson (cego desde um ano de idade, nascido em 1682 e falecido

em 1739, que veio a ser professor em Cambridge, onde fora encarregue da cadeira Lucasiana, nela sucedendo a Newton e William Whiston, ensinando as matérias de filosofia newtoniana, hidrostática, mecânica, ótica, som e astronomia, inventor de instrumentos de cálculo, geometria e ótica para sua utilização e demonstrações aos alunos, a quem é atribuído o teorema de Bayes, entre tantos outros relevantes acontecimentos), Diderot (1972), Louis Braille (1829), Castro (1976a, 1976b, 1961a, 1961b, 1938 e 1936), AMADO (2021, 2013 e 2008), Amaral (2016), Fonseca (2021b), Godinho (2021), Guerreiro (2023, 2021a, 2021b e 2000), Hampshire (1981), Monteiro (1974), Oliva (2003), Pecegueiro (1962, 1960, 1959 e 1957), Pereira, Carlos (2021, 2018 e 2013), Pereira, Leonor (2021 e 1993), Queirós (2021), Rasteiro (2021 e 2017), Reino (1992), Silva (2015a, 2015b e 2007), Villey (1946 e 1937).

Este primeiro quartel do século XXI será extremamente criativo, inovador e promissor na área da tiflologia em Portugal, com o CPTEI, CEV/MT, JSMCL (num alargado e aprofundado trabalho de investigação e desenvolvimento implicitado nos fundamentados propósitos históricos emancipadores dos cidadãos cegos abraçados e prosseguidos pela Fundação Nossa Senhora da Esperança), com a envolvência de alguns órgãos governamentais, mas tudo isto que está em acontecimento, e esperamos que em efetiva concretização, com base em valências inexplicavelmente ainda ignoradas, esquecidas, menosprezadas por alguma inconveniência... A história, às vezes, tem destas coisas!

Na filosofia científica e prática de atuação das sinergias supra também se integra o conceito de “Gestor de Inclusão”, criado e arquitetado sob inspiração do então Magnífico Reitor da ULHT, Professor Doutor Mário Moutinho, cabendo aqui salientar que há muita sensibilidade e criatividade, saber científico e académico, um elevado e digno espírito coletivo e com inquestionável determinação para a realização de boas práticas inclusivas assentes na confirmação por verificação experimental e experiencial (por vezes também comparativa), constituindo-se este Grupo num conjunto de sinergias humanas e científicas muito singular nas circunstâncias em que nos juntamos, nada fácil de encontrar assim.

Há realização de investigação e desenvolvimento em “Estudos Ergonómico-Espaciais e Multissensoriais na Diversidade e Equidade em Sociomuseologia”, sendo uma preocupação nova e com todas as pernas para andar.

Estes trabalhos de investigação poderão desenvolver-se de mãos dadas entre o CPTEI, o CEV/MT, o Jardim Sensorial/Dialogante, o Departamento de Museologia da Universidade Lusófona, outros Centros de Investigação e estabelecimentos de Ensino Superior que já têm Protocolos de Cooperação assinados com a FNSE e com o CPTEI, sob os olhos dos órgãos governamentais que começam a manifestar-se, envolvendo nestes trabalhos mais empenho e desempenho pessoais e institucionais internos e externos a este compromisso essencialmente polidimensional (CPTEI-CEV/MT-JSMCL-Universidade Lusófona), em termos institucionais, mas unidos num projeto científico comum:

- Em relação à realização de formação específica e centrada nas valências sociomuseológicas a desenvolver em equidade para pessoas cegas e normovisuais.

- Em relação à realização de estudos ergonómico-espaciais/cósmico sensoriais (inclusive praticando jogos lúdico científicos no plano de radicalidades sensoriocognitivas na acessibilidade e compreensão espacial/flutuações no ar em diferentes altitudes, mesmo a saltar de aviões) sobre o desenvolvimento e exercício da motricidade física e multissensorialidade, valorizando a diversidade na promoção da equidade numa aceção pedagógico educomunicacional e cultural.

- Em relação ao objetivo de inclusão em equidade, também há que investir fortemente em variáveis, como o relacionamento e interação com o meio, mobilidade no meio, autonomia e independência nos espaços morfológicos e geográficos da Vila de Castelo de Vide e imediações histórico culturais, mas associando tudo isto, de forma muito prática, às alternativas tecnológicas específicas.

- Há que assumir funções de consultoria sobre acessibilidade e usabilidade nos museus, essencialmente correspondendo às necessidades das pessoas cegas.

Na verdade, e citando uma reflexão de Guerreiro (2002):

Todos podemos ser (e só devemos querer sê-lo) positivos empreendedores sociocomunicólogos e educadores, como operários fazedores de ética e deontologia, filósofos e psicólogos, arquitetos e urbanistas, na cúmplice organização dos pensamentos e ações, das palavras e atuações para a harmonia humana e social de todos, num mesmo idioma e identidade de ações e intenções, desde que, devotamente agindo nessa medida e equidade,

jamais nos cansando de fomentar e desenvolver, inovar e exponenciar, partilhar e acessibilizar o conhecimento e o bem-estar a todos (Guerreiro, 2022, Pensamento 128).

Seja-nos permitida alguma imodéstia, mas, de acordo com as pesquisas que efetuámos, a matéria investigada e apresentada na Tese de Doutoramento que origina esta nossa reflexão em artigo, constitui um Marco Histórico singular na reciprocidade intercompreensiva no entendimento, na cooperação e no estabelecimento de normas e específicos princípios tiflocientíficos aplicados à Sociomuseologia para todos, privilegiando, no caso concreto, especialmente a equidade nos museus para cidadãos cegos e normovisuais.

É que a hegemonia da normalidade e a intermitente pressão da inferioridade do anómalo andam por aí a degladiarem-se e a vitimizaarem-se mutuamente num absurdo clima de paradoxos e controvérsias que só inviabilizam ou condicionam a prossecução e possível implementação das indispensáveis políticas equitativas, abrangendo todos os cidadãos, sendo uma premente questão que, a nosso ver, só poderá resolver-se numa árdua e longa viagem em permanente empenho e desempenho de trabalhos na cultura da equidade, semeando e colhendo, como é o caso e o propósito da nossa investigação na forma de Contributos para a Equidade em Acessibilidade e Usabilidade das Pessoas Cegas e Normovisuais nos Museus.

Algumas Referências Bibliográficas Básicas:

Amado, M. C. T. M. R. C. (2021). Da ubiquidade do virtual na investigação: Relevância da acessibilidade na disponibilização de recursos históricos, sociológicos e culturais online. Comunicação apresentada no 1.º Congresso Internacional Ciência e Tiflologia - A Cegueira em Contexto Científico / CPTEI-FNSE-ULHT. Castelo de Vide: Fundação Nossa Senhora da Esperança, 15-17 junho. Acedido em www.tiflologia.pt

Amado, M. C. T. M. R. C. (2018a). José Álvares de Azevedo. In A. D. Guerreiro (Dir. Científica), Dicionário de conceitos, nomes e fontes para a inclusão: Humanizar a vida no prazer solidário de existir (p. 57). Almada: EDLARS – Educomunicação e Vida.

Amado, M. C. T. M. R. C. (2018b). Nicholas Saunderson. In A. D. Guerreiro (Dir. Científica), Dicionário de conceitos, nomes e fontes para a inclusão: Humanizar a vida no prazer solidário de existir (p. 569). Almada: EDLARS – Educomunicação e Vida.

Amado, M. C. T. M. R. C. (2013). Hide and seek: normality issues and global discourses on blind school modern projects (late 18th-19th centuries) (Tese de Doutoramento não publicada, em Ciências da Educação, Especialidade História da Educação). Universidade Clássica / Instituto de Educação, Lisboa.

Amado, M. C.T.M. R. C. (2008). Escritos em branco: Rupturas da ciência e da pedagogia no Portugal oitocentista: O ensino para cegos no Asilo-Escola António Feliciano de Castilho (1888-1930) (Dissertação de Mestrado, não publicada, em Ciências da Educação). Universidade Clássica / Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa.

Amaral, M. S. J. M. L. S. (2016). Contexto científico tecnológico e eliminação das barreiras sociocomunicacionais para as pessoas com défice visual: Relevância das tecnologias de apoio (Tese de Doutoramento, não publicada, em Ciências da Informação). Departamento de Periodismo III da Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense, Madrid.

Antunes, M. A. (2018). Museologia e acessibilidade: O Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna - Um museu para todos. In A. D. Guerreiro (Dir. Científica), Dicionário de conceitos, nomes e fontes para a inclusão: Humanizar a vida no prazer solidário de existir (pp. 437-456). Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida.

Guerreiro, A. D. (2023). Equidade socioeducomunicacional e cultural em espaços e ambientes culturais. Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência. Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia/FNSE, nº 0 setembro.

Guerreiro, A. D. (2021a). Ciência, cultura e tiflologia: Educomunicação parento-filial nclusiva: - Ciência, Cultura e Cidadania (pp. 185-201). (Dir. científica) A. D. Guerreiro. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (Com apoio do CICANT).

Guerreiro, A. D. (2021b). Ciência e tiflologia: Variáveis tiflocientíficas para a inclusão em qualidade e oportunidades equitativas. Conferência de abertura do 1.º Congresso Internacional Ciência e Tiflologia - A Cegueira em Contexto Científico / CPTEI-FNSE-ULHT. Castelo de Vide: Fundação Nossa Senhora da Esperança, 15-17 junho. Acedido em www.tiflologia.pt

Guerreiro, A. D. (2021c, janeiro 8). Uma metodologia para a formação de professores de educação inclusiva na didática do braille. Atas do Seminário A Didática do Braille comemorativo do Dia Mundial do Braille, pp. 45-55. Organizado pelo Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura e coordenado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação. Lisboa: ULHT.

Guerreiro, A. D. (2011a). Comunicar e interagir: Um novo paradigma para o direito à participação social das pessoas com deficiência. (Coautor e Diretor científico). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT (Com apoio da FCT).

Guerreiro, A. D. (2011b). Literacia braille e inclusão: Para um estudo histórico-cultural e científico da tiflografia, tiflologia, infotecnologia e equipamentos culturais em Portugal. Lisboa: Câmara Municipal - DMC/GRC.

Guerreiro, A. D. (2011c). Tifloperceptibilidade avançada vs sociocomunicabilidade, inclusão e qualidade de vida. In Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência (pp. 16-49). Lisboa: Edições Universitárias Lusófona/ULHT.

Guerreiro, A. D. (2008). A arte nos museus e centros de ciência viva: ao alcance das mãos: utopia e realidade. Comunicação apresentada no Seminário Internacional ao Alcance das Mãos: Informação Táctil dos Museus / Centro de Ciência Viva, Parque das Nações, em parceria com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, da Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais e Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito do Gabinete de Referência Cultural - Polo Interactivo de Recursos Especiais. Lisboa: Pavilhão do Conhecimento, 29 setembro.

Guerreiro, A. D. (2000). Para uma nova comunicação dos sentidos: Contributos da tecnologização da tiflografia para a ampliação dos processos comunicacionais. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (Galardoado em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do mesmo Secretariado Nacional, atual Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.).

Leite, M. C. (2023). Typhlology. Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência. Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia/FNSE, nº 0 setembro.

Moutinho, A. (2015). Realidade aumentada aplicada à Museologia (Tese de Doutoramento em Museologia). Lisboa: FCSEA, ULHT.

Moutinho, M., & Figurelli G. (2016). Os Cadernos de Sociomuseologia 1993-2012: da nova Museologia à Sociomuseologia. Cadernos de Sociomuseologia, 7, 19-29.

Moutinho, M., & Guedes, S. (2015). Representações do Brasil em museus de Portugal. Cadernos de Sociomuseologia, 5, 31-54.

Moutinho, M. (2014). Definição evolutiva de Sociomuseologia. Cadernos de Sociomusologia, 28, 5-38.

Moutinho, M. (2012). Nueva Museologia de ayer, Sociomuseologia hoy: de los procesos históricos a las tendencias actuales. Revista de Museologia, 54, 30-34.

OMS (2004). Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Lisboa: Direção Geral da Saúde.

Palmeiro, J. (2023). Um museu de e para todos, com a ponta dos dedos num abrir e fechar de olhos, num cheiro que não se esquece para saborear até final, com acessíveis aplausos. Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência. Castelo de Vide: Centro Português de Tiflologia/FNSE, nº 0 setembro.

Palmeiro, J. (2019). Viagem no tempo com paragem na musicologia social: O Centro Português de Tiflologia e a evocação da génese da musicografia/música/orquestra de cegos no país. Musicografia Braille e Equidade na CPLP, (pp. 83-91). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (Dir. científica A. D. Guerreiro, com apoio do CICANT/ECATI/ULHT).

Palmeiro, J. (2018). Fundação Nossa Senhora da Esperança. In A. D. Guerreiro (Dir. Científica), Dicionário de conceitos, nomes e fontes para a inclusão: Humanizar a vida no prazer solidário de existir (pp. 267-270). Almada: EDLARS – Educomunicação e Vida.

Parlamento Europeu (2021). Estratégia para os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030.

Passarelli, B., Silva, A. M., & Ramos, F., Org's (2014). E-Infocomunicação: Estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac.

Pecegueiro, J. (1962, dezembro). Tiflologia da linguagem. Poliedro: Revista de Tiflologia e Cultura, 63, 1-12.

Pecegueiro, J. (1960, fevereiro-março). Os cegos devem organizar-se e dignificar-se a si próprios: A propósito do 2.º aniversário da Associação de Cegos do Norte de Portugal. Poliedro: Revista de Tiflologia e Cultura, 35, 1-9.

Pecegueiro, J. (1959, maio). Os cegos não são invisuais. Poliedro: Revista de Tiflologia e Cultura, 27, 1-7.

Pecegueiro, J. (1957, fevereiro). A formação intelectual dos cegos. Poliedro: Revista de Tiflologia e Cultura, 4, 1-5.

Pereira, C. M. (2021). O potencial multissensorial da inclusão da condição de cegueira no ensino da arquitetura. Comunicação apresentada no 1.º Congresso Internacional Ciência e Tiflologia - A Cegueira em Contexto Científico / CPTEI-FNSE-ULHT. Castelo de Vide: Fundação Nossa Senhora da Esperança, dias 15-17 junho. Acedido em www.tiflologia.pt

Pereira, C. M. (2018). Arquitetura inclusiva. In A. D. Guerreiro (Dir. Científica), Dicionário de conceitos, nomes e fontes para a inclusão: Humanizar a vida no prazer solidário de existir (pp. 20-21-334). Almada: EDLARS – Educomunicação e Vida.

Pereira, C. M. (1913). A dimensão multi-sensorial da arquitetura: Uma abordagem qualitativa ao espaço balnear marítimo centrada na invisibilidade (Tese de Doutoramento em Arquitetura, Instituto Superior Técnico, Lisboa).

Pereira, L. M. (2021). A informação sensorial na orientação e mobilidade: o desenvolvimento da criança cega neste contexto. Comunicação apresentada no 1.º Congresso Internacional Ciência e Tiflologia - A Cegueira em Contexto Científico / CPTEI-FNSE-ULHT. Castelo de Vide: Fundação Nossa Senhora da Esperança, dias 15-17 junho. Acedido em www.tiflologia.pt

Pereira, L. M. (1993). Estruturação espacial e equilíbrio: Estudo com crianças de visão nula ou residual. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Silva, A. O. F. G. (2007). As pessoas deficientes visuais e o acesso à informação nas bibliotecas municipais de Portugal (Tese de Doctorado en Ciencias de la Información, Documentación, Fundamentos, Tecnología y Aplicaciones). Departamento de Biblioteconomia Y Documentación de la Faculdad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense, Madrid.

O Significado da Pele, do Tacto e do Sentido Háptico na Educação da Pessoa Cega

Vítor da Fonseca, Ph.D

Doutorado em Educação Especial e Reabilitação (Universidade de Lisboa)

Agregado em Perturbações do Desenvolvimento (Universidade de Lisboa)

Mestre em Dificuldades de Aprendizagem (Universidade de Northwestern/Chicago)

Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Motricidade Humana (UL)

Investigador e Psicomotricista

E-mail: vitordafonseca@netcabo.pt

{{{ Descarregar aqui o texto }}}

Para uma Abordagem Integrada da Informação Tiflológica

Armando Malheiro da Silva, Ph.D

Doutorado em História Contemprânea (Universidade do Minho)

Professor Catedrático na Faculdade de Letras (UPorto)

Investigador no CITCEM

E-mail: armando.malheiro@gmail.com

Resumo

Uma insistência amiga, porém muito desafiadora, originou este artigo em que se procura mostrar como a Ciência da Informação, tal como é perspetivada e ensinada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pode dialogar com a Tiflologia, tal como ela está sendo, hoje assumida em Portugal. Depois de uma síntese caracterizadora da CI, esclarece-se o sentido de informação tiflológica e remata-se com a aplicação do modelo sistémico e integrador da informação a casos concretos, com o o Centro Português de Tiflologia, na Fundação Nossa Senhora da Esperança em Castelo de Vide, Alentejo, Portugal.

Palavras-chave: Tiflologia; Ciência da Informação; Informação tiflológica; Modelo sistémico.

Abstract

A friendly, but very challenging, insistence gave rise to this article in which we seek to show how Information Science, as it is viewed and taught at the Faculty of Arts of the University of Porto, can dialogue with Typhology, as it is being, today. assumed in Portugal. After a synthesis characterizing the IC, the meaning of typhological information is clarified and ends with the application of the systemic and information-integrating model to specific cases, with the Portuguese Center of Typhlology at the Nossa Senhora da Esperança Foundation in Castelo de Vide, Alentejo, Portugal.

Keywords: Typhlology; Information Science; Typhological information; Systemic model.

1. Tiflologia e Ciência da Informação

Temos de reconhecer que o termo tiflologia não é muito frequente entre os académicos em geral e entre os ligados às Ciências Humanas e Sociais, ficando o seu uso acantonado num nicho de especialistas preocupados, por razões pessoais, ou por empatia intelectual com os meandros internos e externos da condição humana das pessoas cegas. O termo não é recente, tem origem no século XIX, mas em Portugal está a ser revalorizado e atualizado, merecendo uma atenção especial. Augusto Deodato Guerreiro tem sido um destacado promotor deste movimento epistemológico e é dele a definição, datada de 23 de junho de 2020 e acessível *online*:

> A Tiflologia é o estudo sistemático, interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, sobre a problemática da cegueira física, como Ciência Humana e Social (uma senda nas Ciências Sociais e Humanas), em contexto teórico-empírico e científico, sendo um neologismo resultante da aglutinação dos vocábulos gregos "tiphlos" (cego) mais "logos" (fundamento lógico de um argumento/raciocínio), cujo primeiro termo, que poderemos entender como génese da terminologia e conceptualidade, surgido no século XIX, foi Tiflofilia (apego/dedicação à causa/problemática da pessoa cega).
>
> Trata-se de um vasto campo epistemológico entrosado em afinidades científicas diversas, para a consecução de provas em muitos dos seus domínios, nomeadamente háptico perceptivo, somatossensorial e cinestésico, ecolocalizacional e locomocional (orientação e mobilidade), multissensorial e ergoeducomunicacional, cognitivo e sociocognitivo, infocomunicacional e sociocomunicacional, como garante promocional do desenvolvimento biopsicossocial e humano das pessoas cegas, em analogia com as pessoas normovisuais.
>
> O conceito de Tiflologia encerra em si mesmo e respira interdisciplinaridade (nas suas valências tiflocientíficas próprias), multidisciplinaridade (no âmbito das ciências que lidam com especificidades semelhantes ou afins) e transdisciplinaridade (no estudo, investigação, identificação e intervenção nas relações e influências recíprocas e sistémicas entre o psiquismo/mental e a

neurocognição/psicomotricidade, evocando-a nas estruturas, funções e disfunções neurodesenvolvimentais do cérebro e na sua organização íntima, assim como nos instrumentos cognitivos e no conjunto do funcionamento mental que integram, planificam e executam, como resposta adaptativa/interface com que interagimos no envolvimento em tudo aquilo em que pudermos ou em que nos encontrarmos envolvidos), ampliando a tiflologia, como tiflociência, aprofundando-a e promovendo-a na humanidade com a inerente e sugestiva cientificidade da Arte pedagógico educomunicacional, simultaneamente com os ajustados contributos da própria Ciência, para o equacionamento e explicitação da sua necessária compreensão social em equidade e cidadania.

Nesta aceção, para que a abstração e proposicionalidade, as categorias abstratas e análises demonstrativas ou dedutivas, sobre a realidade tiflológica, não ofusquem o factual e empírico, o tangível e observável, a confirmação por verificação experimental ou comparativa, e para que eventuais equívocos não surpreendam a cientificidade da Tiflologia, convém estarmos cientes de que:

Gotthold Epihraim Lessing (1729-1781) defendera que a "verdade" é a "finalidade da Ciência" e que o "prazer" é a "finalidade das Artes". Maxim Gorky (1868-1936) sustentara que a "Ciência é a razão do Mundo" e que a Arte é a "sua alma". Porém, e parafraseando Albert Einstein (1879-1955), a ciência só pode determinar o que é, não o que deve ser, e deixando permanecer fora do seu domínio a necessidade de juízos de valor de todos os tipos.

É nesta perspetiva e constatação, essencialmente num plano holístico de inclusão em qualidade e oportunidades equitativas, que a importância e o alcance da Tiflologia se poderão encontrar na investigação e análises conjuntas de ciências diversas, conjugando alicerces e fundamentação entre si, numa conjunta atividade pesquisacional e de comprovação, estudos específicos baseados em experiências, práticas e teorias nos mais variados contextos e situações, validando resultados em sucessivas etapas de investigação e desenvolvimento para, nessa articulação científica conjunta, fomentarem hipóteses para a descoberta de soluções frutíferas, no âmbito prático e científico das ciências da vida, com a sociologia e a ética inclusivas em humanização, também nas áreas da biologia e

> antropologia, da psicologia e psicofisiologia, da psicomotricidade, da física e engenharia de reabilitação, das neurociências, da inteligência artificial e de outras que venham a ser consideradas necessárias integrar nesta interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade investigacionais.
>
> É a Tiflologia (já Tiflociência) que, neste enquadramento teórico-empírico e científico, se ocupa da valorização da diversidade e promoção da equidade em igualdade e oportunidades para as pessoas cegas, comprovadamente demonstrando as suas potencialidades e competências, em uniformidade com as pessoas normovisuais, na esfera da ecologia do saber e do bem-estar na sociedade de todos[1].

Uma extensa definição que passa a marcar os debates focados na realidade humana e social da cegueira, perspetivada de um ângulo científico ou investigativo. E por isso ela merece-nos um comentário antes de começarmos a estabelecer o diálogo possível e necessário com a Ciência da Informação.

Entendida enquanto espaço essencialmente interdisciplinar, a Tiflologia abre-se a uma agenda de temas e de problemas, que atraem várias disciplinas e saberes, com primazia para as Sociais e Humanas, sendo de destacar, naturalmente, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Pedagogia, sem diminuição da pertinência de outros, como, por exemplo, a Ciência da Informação. E não se exclui, também, da definição transcrita de Augusto Deodato Guerreiro, o diálogo com as Ciências Naturais e a Tecnologia.

A equidade entre cegos e normovisuais assenta num processo de garantia de condições de acesso e fruição de tudo o que qualquer ser humano necessita e tem direito. A instrução e a cultura só se tornaram acessíveis para os portadores de deficiência visual com a criação de um código ou linguagem para onde toda a informação (conhecimento disponível pudesse ser transferido. E daí à criação de Bibliotecas de documentação em braille já em plena Modernidade[2], o que constituiu uma evidente aproximação da Biblioteconomia ao

[1] Guerreiro, Augusto Deodato. Tiflologia. Definição. Url: https://www.tiflologia.pt/definicao

[2] Para o caso português ver Guerreiro, Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes. A Biblioteca Pública e o conhecimento universal: elementos para um estudo e implementação de competências biblioinclusivas. Almada: Augusto Deodato Guerreiro/EDLARS-Educomunicação e Vida, s.d., pp. 63-103.

universo tiflológico. Porém, se ao longo do séc. XX houve amplos avanços nesta relação especializada, também é verdade que no âmbito arquivístico e museológico os resultados constrataram bastante pela negativa.

Entretanto, ocorreram desenvolvimentos tecnológicos e epistemológicos no campo da documentação/informação, tornando-se oportuno explicar, aqui, para um público menos conhecedor da evolução verificada, que por Ciência da Informação entendemos uma transdisciplina resultante de uma dinâmica de integração das anteriores disciplinas práticas e profissionais (Arquivística, Biblioteconomia, Documentação e Museologia), a que se agregam, inevitavelmente, os Sistemas (Tecnológicos) de Infomação e Multimédia. Vejamo-la, pois em síntese, mas de maneira a um esclarecimento o mais cabal possível.

Hans Werllich datou a origem da expressão Ciência da Informação em 1959 para designar o estudo do conhecimento registado e sua transferência num sentido mais amplo. Anthony Debons estabeleceu a origem do termo em 1952, no Segundo Congresso Internacional de Ciências de Sistemas de Informação, realizado em Hot Springs (Estado da Virgínia, EUA). Mas o quadro fundador mais consensual são as Conferências realizadas pelo Georgia Institute of Technology em Atlanta (Geórgia, EUA), nos dias 12 e 13 de outubro de 1961 e 12 e 13 de abril de 1962, com a indicação expressa de se dedicar à "formação" de especialistas em Ciência da Informação (Proceedings, 1962).

Jesse H. Shera e Donald B. Cleveland repetiram essa estrutura em um artigo de 1977, projetando-a como um programa epistemológico completo, mais ideal do que prático: (I) a ciência da informação é aquela que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo de informação e os meios de processamento da informação para máxima acessibilidade e utilização; (II) o processo inclui a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. O campo é derivado ou relacionado à matemática, lógica, linguística, psicologia, tecnologia da computação, operações de pesquisa, artes gráficas, comunicações, biblioteconomia, administração e alguns outros campos.[3] Harold Borko (1922-2012), em 1968, assumiu a definição e ampliou-a, acrescentando este parágrafo: "Tem tanto uma componente de ciência pura, que investiga o assunto sem ter em conta a sua aplicação, como

[3] Ver Silva, Armando Malheiro; Ribeiro, Fernanda. Das "ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo formativo. Porto: Edições Afrontamento, 2002, pp. 53 -54).

uma componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos. (...) a biblioteconomia e a documentação são aspectos aplicados da ciência da informação."[4]. Procuraram estabelecer uma Ciência, mas esta deixou erros e perguntas sem resposta: Que propriedades da informação eram estas? Afinal, o que se entende por informação? Com que método o CI operou? A IC integrou transdisciplinarmente Biblioteconomia e Documentação? Por que o CI omitiu a Arquivologia e a Museologia do seu cardápio interdisciplinr?? O CI era uma disciplina interdisciplinar ou interdisciplinar?

Definições de e para um novo tempo - o da "tecnologia computacional." Uma nova maneira de fazer as antigas operações de organização, coleta, armazenamento, pesquisa, recuperação e uso da informação Tempo para novos conceitos - "propriedades", "comportamento da informação", "forças que regem o fluxo de informações" e "meios de processamento de informações para a otimização do acesso e uso". Um novo tempo pressentido e anunciado de forma sincrética por um visionário e pacifista - Paul Otlet (1868-1944),} que atuou junto com Henri La Fontaine (1854-1943) e construiu um legado "europeu" que os novos demiurgos norte-americanos não puderam ignorar, muito menos rejeitar. O Traité de la Documentation (1934) ampliou a noção de documento e sistematizou toda a abordagem científica possível. para esse objetivo. Radamés Linares Columblé[5] destaca o legado de Otlet (junto com a "recuperação de informação") como um dos antecedentes, mas reconhece que a invenção, em 1946, das tecnologias computacionais teve aplicação imediata, especialmente para resolver as preocupações dominantes neste período de explosão documental sobre como localizar e buscar informações.

No quadro de uma leitura histórica, Radamés Linares confirma a naturalidade norte-americana da Ciência da Informação, o que é plenamente corroborado por vários trabalhos dessa origem. The History of Information Science, 1945-1985, de Dorothy D. Lilley e Ronald Trice[6] confirma e reforça a narrativa de Radamés. Estes autores esclarecem que na Europa se misturavam a Biblioteconomia centrada no documento e a Documentação centrada no microfilme, o que não acontecia nos Estados Unidos, onde surgiram as condições para uma

[4] Ibidem, pp. 53-54.
[5] Linares Columblé, Radamés. Ciencia de la Información, su historia y epistemologia. Bogotá: Rojas Eberhard Editores, 2005.
[6] Lilley, Dorothy B. & Troce, Ronald W. A History of information science, 1945-1985 San Diego: Academy Press Inc.1989. p. 1.

nova ciência - CI - que se propunha a fazer mais e melhor do que. Documentação (da Europa) através de “sistemas de informação não convencionais”, ou seja, “sistemas e produtos” imersos em aplicações computacionais.

Entre 1945 a 1985 (marco cronológico suficiente aqui para a demonstração que pretendemos fazer) é possível indicar várias “etapas” da Ciência da Informação: de 1948 a 1968, desenvolvimento da disciplina a partir da emocionante criação de sistemas de busca e recuperação de informação à imagem e semelhança de Memex (1945) de Vannevar Bush (1890-1974); No final da década de cinquenta iniciou-se a automatização ou informatização de grandes bibliotecas públicas e especializadas (“aplicação de IC às Bibliotecas”), ou seja, entre 1940 e 1985 ocorreu uma actividade online focada na criação e expansão da recuperação de bases bibliográficas e texto completo, bem como catálogos de acesso público on-line, a “grande revolução”; e entre 1965 e 1985, a das redes, que Becker e Olsen, em 1968, definiram como a interconexão de coisas, sistemas ou organizações: “quando dois participantes estão envolvidos em um padrão comum de troca de informações por meio de comunicação com algum propósito funcional”. Este último aparece dividido em três subperíodos: o início (1965-1971); o do planeamento e desenvolvimento (1972-1978) e o da retracção, descentralização e diversificação (1979-1985). O que esta revisão demonstra é que a Ciência da Informação colocada em prática nos EUA só foi desenvolvida como investigação aplicada em estreita ligação com a Ciência da Computação, sem dúvida uma referência explícita e implícita nas definições de 1961-62 e 1968.

Trabalhos recentes confirmam plenamente este viés prático e tecnológico: James Gleick em "Informação: uma história, uma teoria, um dilúvio"[7] e Walter Isaacson (autor do best-seller “Steve Jobs”) com “Os Inovadores”[8] Traçaram, sob o signo da informação, não a história do CI idealizado em 1961-62, mas das TIC até hoje. E o português Pedro Domingos, professor nos EUA, “The Master Algorithm: how the search for machines of last resort will remake our world” (2015), desenvolveu a ideia provocativa e estimulante de que “não há nada que as máquinas não possam fazer isto."

[7] Gleick, James. Informação: uma história. Uma reoria, um dilúvio. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2012.

[8] Isaacson, Walter. Os Inovadores: como um grupo de hackers, génios e geeks criaram a revolução digital.. Porto: Porto Editora, 2014.

Falta, pois, consenso epistemológico sobre o que é Ciência da Informação e nem sequer há consenso sobre o uso desta expressão! ... Uma rápida revisão da literatura publicada na área até o momento permite identificar duas perspectivas ou tendências bem marcadas: a cumulativa e a fragmentada; e o evolutivo.

Na perspectiva cumulativa ou fragmentada, os vários Autores que a apoiam reconhecem que existe afinidade temática entre diversas disciplinas, aceitando, no entanto, que são diferentes e autónomas entre si: Arquivologia/Arquivística; bibliologia; bibliografia; biblioteca; Documentação/Ciências Documentais; museologia; Design de exposições;

"Informação documental"; e "Ciência da Informação"/Ciência da Informação. Nesta perspetiva, a afinidade admitida tem a ver com o facto de todas as disciplinas acima referidas tratarem de algo comum ou semelhante: conteúdos manuscritos, impressos ou impressos gravados/inscritos em qualquer suporte (do papel ao eletrónico). Mas também tem a ver com uma dimensão profissional muito forte: estas disciplinas surgiram de um conjunto de tarefas práticas configuradas no perfil de um profissional específico – o arquivista, o bibliotecário, o museólogo, o documentarista, etc. Salvar, preservar, ordenar, descrever e colocar à consulta/utilização pública constituía, de facto, um denominador comum de todos estes profissionais. A perspectiva cumulativa e fragmentada afirma-se pela diferença, embora sobretudo artificial e corporativa, pela prevalência do formal sobre o substancial e pela atribuição a cada uma destas disciplinas de um "paradigma" próprio ou que garanta a sua autonomia eterna e "independência". Podemos dizer que esta perspectiva não é hoje homogénea, porque o seu suporte epistemológico é cada vez mais frágil, no entanto persiste e continua presente na grande maioria dos modelos de formação existentes no mundo.

Na perspectiva evolucionista, há essencialmente um exercício de superação: (a) da interdisciplinaridade limitada e estática; (b) a primazia da profissionalização; e (c) do mal-entendido documental - afinal o documento é isso e contém algo mais... A perspectiva evolutiva afirmou-se na Universidade do Porto e traduziu-se desde 2001-02 num projecto de formação - o Bacharelado em Ciência na Informação (continuada, a partir de 2008, no Mestrado em Ciência da Informação e, em certa medida, no Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) - que procurou integrar os diferentes profissionais até então formados numa estrutura profissional sintética e versátil - o gestor de

informação. Supõe-se, portanto, que existe um dinamismo disciplinar que implica a passagem das etapas da multi e interdisciplinaridade para a da transdisciplinaridade.

O aprofundamento analítico das perspectivas levou à formulação e proposta de dois paradigmas, mais recentemente, um terceiro:

paradigma custodiante, historicista, patrimonialista e tecnicista;
paradigma político-ideológico e sociocultural; e
paradigma pós-custodial, informacional e científico.

Mas antes de caracterizar estes três paradigmas, é importante perceber que a natureza científica de uma disciplina é avaliada tendo em conta a dimensão institucional e académico-profissional (realização de eventos, promoção de cursos de graduação e pós-graduação, revistas, livros, etc.) e o teórico-metodológico. Estas duas dimensões têm uma relação estreita com as três modalidades de construção e operacionalização da actividade científica, muito bem explicadas no campo da filosofia da ciência por Olga Pombo.[9]:

Pluri/disciplinaridade:
Apenas associação disciplinar;
Compartilhando objetivos comuns;
Multiplicidade de métodos;
Existência de fronteira disciplinar.

Interdisciplinaridade:
Linguagem parcialmente comum;
Coesão entre saberes;
Integração disciplinar;
Compartilhando objetivos comuns;
Transferência de problemas, conceitos e métodos;
Multiplicidade de métodos;
Limite disciplinar discreto.

Transdisciplinaridade:
Linguagem, estrutura, fundamentos e mecanismos comuns;

[9] Pombo, Olga. Interdisciplinaridade: ambiões e limites. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2004.

Coesão entre saberes;

Máxima integração disciplinar;

Compartilhando objetivos comuns;

Transferência de problemas, conceitos e métodos;

Falta de limites disciplinares;

Multiplicidade de métodos;

Visão unificada e sistêmica de um setor.

Voltando à caracterização dos paradigmas da área da Informação e Documentação, temos a possibilidade de estabelecer características fortes de cada um destes paradigmas.

O paradigma custodial, historicista, patrimonialista e técnico tem como características a supervalorização da guarda; a conservação e restauro dos suportes em função da actividade profissional dos arquivistas e bibliotecários; a identificação do serviço/missão custodiante e pública do Arquivo, Biblioteca e Museu com a preservação da cultura "erudita" ou "superior" (artes, letras e ciências) de um povo em antinomia mais ou menos explícita com o popular, cultura de "massa" e "produtos de entretenimento"; a ênfase na memória como fonte legitimadora do Estado-Nação e na cultura como reforço identitário do próprio Estado, sob a égide de ideologias de pendor nacionalista; a importância crescente do acesso aos "conteúdos" através de instrumentos de investigação (guias, inventários e catálogos) de documentos entendidos como objectos patrimoniais, mantendo-se, no entanto, o valor patrimonial do documento mais forte do que o imperativo informativo; e a prevalência da divisão e da assunção profissional derivada da criação e desenvolvimento de serviços/instituições de Arquivo, Biblioteca, Museu e mesmo Centro de Documentação, induzindo um espírito corporativo enraizado e instintivo que fomenta a confusão entre profissão e ciência (permite a ideia errada de que a profissão de arquivista, bibliotecário, museólogo ou documentarista gera naturalmente disciplinas científicas autónomas).

O paradigma político-ideológico e sociocultural ou, mais propriamente, dialético significa a substituição da égide científica da História, da Filologia e das Humanidades pela Sociologia e Antropologia; a alteração do tipo de mediação praticada que deixa de ser passiva, custodiante e elitista para se tornar ideológica e sociocultural, interveio com base na premissa neomarxista de colocar a cultura ao serviço de uma sociedade emancipada do capital e sem

classes; da mediação técnica baseada em instrumentos de investigação e visão crítica das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, preferencialmente utilizadas para animação sociocultural; e a aposta prioritária na Biblioteca Pública e no Museu (especialmente regional e local) e nas estratégias de rede centradas tanto na Leitura Pública como na Memória Colectiva, em detrimento do papel dos Arquivos (lucidamente vistos como "reservas logísticas" do Poder) e os Centros de Documentação Científica e Tecnológica[10].

O paradigma pós-custodial, informacional e científico caracteriza-se pela valorização da informação como fenómeno humano e social, sendo a materialização num meio um epifenómeno (ou derivado informacional); a confirmação do incessante e natural dinamismo informacional oposto à "imobilidade" documental, traduzindo-se o primeiro no trinómio criação-seleção natural-acesso/utilização e o segundo na antinomia efémero-permanente; a máxima prioridade concedida ao acesso à informação por todos através de condições específicas, bem definidas e transparentes, uma vez que só o acesso público justifica e legitima a guarda e a preservação;

É imperativo investigar, compreender e explicar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez do universo rudimentar e fechado da prática empírica composto por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos aparentemente "assépticos" ou neutros de criação, classificação, ordenação e recuperação; a informação; e a substituição da lógica instrumental pela lógica científico-abrangente da informação na gestão, ou seja, a informação social está envolvida no processo de gestão de qualquer entidade organizacional e as práticas informacionais ocorrem e estão articuladas com concepções e práticas dos gestores e atores como estrutura e cultura organizacional, o cientista deve compreender o significado de tais práticas e apresentar dentro de determinados modelos teóricos as soluções (retro ou) prospectivas mais adequadas[11].

Explicar de forma sucinta mas clara em que perspectiva e paradigmas nos situamos pode ser ainda complementado com a proposta de uma definição operacional de Ciência da Informação que defendemos: a Ciência da Informação é uma ciência social "que investiga

[10] Silva, Armando Malheiro da; Paletta, Francisco Carlos. Ciência da Informação: estudos de epistemologia e de ética. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022, p. 12.

[11] Silva, Armando Malheiro da. A Informação: da compreensão do fenómeno à construção do objeto científico. Porto: Edições Afrontamento; Cetac.Com, 2006. Pp. 158-159.

problemas, tópicos e casos relacionados com o conhecimento infocomunicacional perceptível e cognoscível. fenômeno através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento da informação (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação)"[12]. E sendo esta disciplina uma ciência social aplicada, temos que perceber que os seus graduados (graduados e pós-graduados) estão destinados a exercer uma profissão que reúne, pelo menos, as profissões que se formaram na Modernidade: bibliotecário, documentarista, arquivista e museólogo. – sob a denominação, que incorpora também a componente informática ou computacional – de gestor de informação. Por esta razão, insistimos sempre que a gestão da informação representa uma atividade profissional e não um campo científico, exclusivo das Ciências da Informação.

Gestão da informação, seja esta de que tipo for, qualquer que seja o suporte e não importa o código em que se encontra representada, constitui o elo prático entre o domínio tiflológico e o campo científico da documentação/informação. Por isso, cabe agora especificar uma tipologia e mobilizar a atenção para a urgência de gerir informação produzida e utilizada ou consumida por pessoas cegas.

2. O que é a Informação Tiflológica?

Convém, num item próprio, destacar e esclarecer este tópico essencial porquanto é a base da aproximação entre Tiflologia e Ciênia da Informação.

Não se trata, aliás, de matéria difícil de apresentar e elucidar. Uma definição lançada, em 2002, no livro Das "ciências" documentais à ciência da informação[13] desta forma: "conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolso significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada"[14]. Esta é a versão original, algo imperfeita e incompleta, que foi tendo acrescentos e retoques: "representações mentais e emocionais", "codificadas (símbolos, signos)", "modeladas socialmente"... Porém, desde o início que está patente a

[12] Silva, Armando Malheiro da. A Informação, ob. cit., p. 141.
[13] Silva, Armando Malheiro da; Ribeiro, Fernanda. Das "ciências" documentais à ciência da informação, ob. cit.
[14] Ibidem, p. 37.

complementaridade fenomenológica entre o ato de informar e o de comunicar. Com efeito, na raiz latina de informação está a palavra *informare* (dar forma) e na do verbo comunicar está *comunio* (comungar). Temos, assim, possível caber em infocomunicação a definição original entretanto progressivamente aprimorada: conjunto estruturado (da unidade de representação simples à combinação mais complexa) de representações racionais e emocionais codificadas e, consequentemente, modeladas pela interação de forma social(numa base de plena equidade), capaz de ser registada em qualquer tipo de suporte e partilhada de forma síncrone ou assíncrone e uni ou multidireccionada[15]- Um aprimoramento que acentua as três dimensões do fenómeno que este conceito operatório se reporta: a dimensão cognitiva (binómio cognição-emotividade); a sociocultural; e a comunicacional. Três dimensões que configuram a informação ou a infocomunicação em geral e a tiflolóa i erm particular. Trata-se de uma segmentação relevante que dá visibilidade aà cpacidade simbólica e sígnica das pessoas cegas expressaras em suas ideias e emoções e de pirtálha-las entre si e , muito importante também, com os normovisuais.

A informação tiflológica é gerada e trabalhada/estudada pelos cegos, materializando-se em documentos, sendo que documento deve ter uma aceção simples e ampla, ou seja, levada até ao limite objetivável. Documento é toda a informação registada ou inscrita num suporte. E assim sendo um livro em papel, uma plataforma ou aplicação componentes integradas do dispositivo digital (*smartphone*, *tablet*, computador...), o instrumento musical (adaptado ou não para cegos), uma cadeira, um edifício, etc. são documentos, seguindo a definição adotada e que tem a vantagem óbvia de evidenciar que todos estes artefactos serem mentefactos, ou seja, resultarem de uma representação mental que é materializada num suporte seja para uma leitura ou visualização diretas ou um uso determinado. Há um denominador comum – a informação – sobre o qual o usuário se centra em sua busca e no decurso dela estabelece cognitivamente as relações pertinentes.

A alternativa a esta aceção de documento foi apresentada na década de cinquenta do séc. XX pela discípula de Paul Otlet, Suzanne Brier, através da alegoria do antílope: visto na savana livre e selvagem não é um documento; capturado e levado para um laboratório e convertido em objeto de estudo (vivo ou morto) torna-se um documento. Nesta perspetiva o documento não resulta de um sentido codificado e inscrito num suporte, ou seja, do

[15] Silva, Armando Malheiro da; Paletta, Francico Carlos. Ciência da Informação, ob. cit., p. 13.

autor/produtor, mas de quem o interpreta (interpretante/utilizador), o que leva a considerar o documento como apenas um ato de comunicação e não um ato de gerar informação ou conhecimento. É uma perspetiva redutora e equivocada, que contraria grosseiramente a raiz latina da palavra documento (docere): o meio de aprender algo. Por documento é o hifen natural entre informação e comunicação.

3. Aplicação da abordagem integrada ou sistémica

Estabelecido um posicionamento conceitual sobre infocomunicação e documento tiflológico chegamos ao ponto final da defesa de uma tese consequente com os pressupostos tecidos. A separação sensorial, fruto do senso comum imediato, entre material bibliográfico, arquivístico e museológico, instituída na Modernidade, teve como efeito na prática fragmentar conjuntos informacionais surgidos e mantidos na íntegra pelos seus produtores e utilizadores (os prossumidores), dispersando as partes por instituições ou serviços autónomos e distantes – o Arquivo, a Biblioteca e o Museu.

Sabemos que esta prática foi dinamizada ao longo dos sécs. XIX e XX, tornou-se vigente e inquestionável, mas com a inevitabilidade de ser possível concentrar todo o tipo de informação num único suporte – o digital – a biblioteca e o arquivo viram repositórios e o museu "virtual" uma experiência imersiva agregada a bases de dados ou de conteúdos complementares.

Significa isto que à abordagem fragmentada e primária tem de suceder a abordagem integrada ou sistémica. O conceito operatório de sistema[16], concebido de forma simples e utilitária, como um todo formado por partes diferentes entre si, porém claramente interdependentes. Revela-se capaz de nos livrar das perceções simplistas e de penetrarmos na complexidade. O sistema opõe-se à mera soma de partes distintas que nunca chegam a gerar uma unidade semântica clara e forte.

Herdeiro do legado profissional do bibliotecário, do documentalista, do arquivista e até do museólogo, o cientista/gestor da informação não é um historiador, um jurista, linguista, um economista, um arquiteto, um crítico de arte, ou seja, ele não produz informação e não se serve dela para explorar o objeto destes especialistas – o seu objeto de

[16] Silva, Armando Malheiro da; Ribeiro, Fernanda. Das "ciências" documentais à ciência da informação:, ob.cit., pp.

estudo e de trabalho é a informação em si mesma, ou seja, o contexto em que surge, como é ou deve ser organizada nesse contexto, como é mediada para práticas de uso e, finalmente, quais as necessitadas e condutas de uso da informação. E por ser este o foco é essencial ter um conceito operatório como o de infocomunicação (informação + comunicação), que pode parecer estranho e até bizarro a eruditos e colecionadores[17]

Não parece difícil ou sequer artificial observar e compreender o Asilo para Cegos Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide, hoje Fundação com igual invocação, onde se encontra instalado o Centro de Experiência Viva - Museu de Tiflologia[18], como um sistema, desde logo porque se trata de uma estrutura formada por objetivos e criadora de uma dinâmica infocomunicacional prolongada por mais de um século. Nela foi sendo acumulada uma informação tilfilógica que é um todo devidamente contextualizado e que só pode ser apreciado, estudado e (re)utilizado sem quebra alguma dessev inculo contextual. Isto implica a adoção de procedimentos práticos convergentes como, por exemplo, concentrar numa base de dados convergente às descrições normalizadas de todos os documentos sejam eles quais forem de maneira a ser possível recuperá-los de forma relacionada, ou seja, a prática comum de elaborar ficheiros manuais distintos para o material bibliográfico, arquivístico e museológico ou, atualmente, plataformas de descrição digital separadas e incomunicáveis, é um erro e um desperdício de recursos financeiros.

É interessante constatar uma mudança significativa que não é apenas terminológica. Embora mantendo o termo Museu (Museu de Tiflologia) a designação de Centro de Experiência Viva reflete uma tendência que está a generalizar-se, no domínio museológico, de aliar as novas tecnologias à educação e comunicação fortemente imagética. O modelo clássico, de exposição estática não é sustentável e tem de ser substituído, mas a substituição que está em curso carece de uma sustentável conceção sistémica. E a solução passa por

[17] Ocorre, aqui, lembrar a estranheza manifestada num blogue, há vários anos, por José Pacheco Pereira face à definição que utilizamos de informação. Estranheza compreensível para quem, como muitos, é guiado por um paradigma custodial virado para a urgente preservação de documentos passíveis de se perderem e com eles a memória histórica de um povo e de um país num tempo determinado (passado). Para um gestor de informação, hoje, faz todo o sentido o esforço de preservação memorial da informação de ontem, mas não pode estabelecer-se ruturas com a que nasce hoje e nascerá amanhã num fluxo continuo possível dentro de outro paradigma: o pós-custodial, infocomunicacional e científico.

[18] Ver url: https://www.facebook.com/tiflologia/?locale=bg_BG&paipv=0&eav=Afahyc7sPdUshzv4kS4hD4pjqVcEDBtq4B5_AKcIAqWhODNx6oK43VjdOKwMxvOK5W0&_rdr

introduzir no universo museológico o conceito de Sistema de Informação[19], que opera também e de forma muito proveitosa nos acervos bibliográficos e arquivístico. Em termos práticos o Centro de Experiência Viva não pode deixar de fora a Biblioteca Braille e documentos administrativos ou jruidicos ou patrimoniais que pertencem à mundividência e quotidiano dos cegso- Esta integração percebe-se estar já a ser percebida e seguid,a mas a consomação plena eo pensamento sistémico no interior deste mangíifico e singular projeto gerará, sem dúvida, proveitosos efeitos, que importará seguir e monitorra, sendo um fruto do Centro Português de Tiflologia (centro de investigação tiflológica singular em Portugal), também instalado na Fundação Nossa Senhora da Esperançar.

Referências

Gleick, James. Informação: uma história. Uma reoria, um dilúvio. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2012.

Guerreiro, Augusto Deodato. Tiflologia. Definição. Url: https://www.tiflologia.pt/definicao

Guerreiro, Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes. A Biblioteca Pública e o conhecimento universal: elementos para um estudo e implementação de competências biblioinclusivas. Almada: Augusto Deodato Guerreiro/EDLARS-Educomunicação e Vida, 2020.

Isaacson, Walter. Os Inovadores: como um grupo de hackers, génios e geeks criaram a revolução digital. Porto: Porto Editora, 2014.

Lilley, Dorothy B. & Troce, Ronald W. A History of information science, 1945-1985. San Diego: Academy Press Inc. 1989.

Linares Columblé, Radamés. Ciencia de la Información, su historia y epistemologia. Bogotá: Rojas Eberhard Editores, 2005.

Marques, Isabel. O Sistema de Informação. Dissertação apresentada no Mestrado de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2010. Url.: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55282/2/TESEMESISABELMARQUES000124492.pdf

Pombo, Olga. Interdisciplinaridade: ambiões e limites. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2004.

[19] Ver Marques, Isabel. O Sistema de Informação. Dissertação apresentada no Mestrado de Museologia da Faculdade de Letras daUniversidade do Porto. Porto, 2010. Url.: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55282/2/TESEMESISABELMARQUES000124492.pdf

Silva, Armando Malheiro da. A Informação: da compreensão do fenómeno à construção do objeto científico. Porto: Edições Afrontamento; Cetac.Com, 2006

Silva, Armando Malheiro da & Paletta, Francisco Carlos. Ciência da Informação: estudos de epistemologia e de ética. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022.

Silva, Armando Malheiro; Ribeiro, Fernanda. Das "ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo formativo. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

Mascaró e a Escrita em Relevo por Meio de Pontos

para as Pessoas Cegas e Normovisuais

Elsa Rodrigues

Doutoranda em História da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

E-mail: alidangelo@gmail.com

Resumo:

Aniceto Mascaró y Cós foi um médico oftalmologista catalão que em 1870 abriu uma clínica oftalmológica em Lisboa. Para além de exímio médico, dedicou-se à causa dos cegos, criando um sistema de leitura e uma musicografia para cegos e normovisuais. Não só pretende este artigo dar a conhecer os aspetos mais significativos da sua vida, mas também contextualizá-los, analisando, sobretudo, fontes documentais coevas e inéditas na historiografia nacional. Por isso, este artigo almeja contribuir para o entendimento do Sistema Mascaró e explicar como este foi acolhido no meio intelectual da época. Por fim, dar-se-á a conhecer a fundamentação teórica que está na base do Sistema Mascaró, mencionando igualmente a criação e oferta educativa do Instituto Médico-Pedagógico Mascaró para Cegos.
Palavras-Chave: Aniceto Mascaró, ensino de cegos, sistema de leitura, cegos, normovisuais.
Nota: As traduções dos textos originais em espanhol, catalão, francês e inglês foram feitas pela autora do artigo.

Abstract:

Aniceto Mascaró y Cós was a Catalan ophthalmologist who opened an eye clinic in Lisbon in 1870. As well as being an excellent physician, he dedicated himself to the cause of the blind, creating a reading system and a musicography for the blind and for those who have their sight. The aim of this article is not only to reveal the most significant aspects of his life, but also to put them into context, analysing, above all, coeval documentary sources that are unpublished in Portuguese historiography. This article therefore aims to contribute to an understanding of Mascaró System and explains how it was received in the intellectual milieu at the time. Finally, the theoretical basis of the Mascaró System will be covered, as well as the creation and educational provision of the Mascaró Medical-Pedagogical Institute for the Blind.
Keywords: Aniceto Mascaró, teaching the blind, reading system, blind, sighted.
Note: The translations of the original texts in Spanish, Catalan, French and English were made by the author of this article.

ESCORÇO BIOGRÁFICO DE ANICETO MASCARÓ Y CÓS DESDE O SEU NASCIMENTO ATÉ À SUA FIXAÇÃO PROFICIONAL EM LISBOA

Anicet Mascaró i Cos[20] nasceu em Lladó, na província de Girona, na Catalunha, a 17 de maio de 1842, no seio de uma família de médicos há várias gerações, sendo filho do renomado médico-cirurgião que estudou em Cervera e exerceu em Lladó, Silvestre Mascaró y Cós[21] (1780-1859), redator do *Diario de Ciencias Médicas,* um periódico de Barcelona da década de 1830. Era sobrinho de Josep Mascaró, um hábil obstetra e irmão de Josep Mascaró y Cós (1829-1843) que faleceu quando ainda era estudante de medicina na Universidade de Barcelona, de Joan Mascaró y Cós (1840-1918) que exerceu medicina em Bañolas, no município de Girona e de Joaquín Mascaró y Cós (1845-1906), médico ao serviço da armada espanhola desde 1867, tendo, nos primeiros anos, feito comissões em Londres, Itália, na ilha de Cuba, em Nova Iorque e em Porto Príncipe (capital do Haiti), tendo depois se estabelecido em Cartagena[22] (região de Múrcia). Fernando Mascaró Ballester corrobora que a família Mascaró começou "com Salvio Mascaró que morreu em 1712, depois de exercer como cirurgião em Vilóvi" (*Ocho generaciones médicas de una família catalana*, 1972, p. 47). Como é afirmado na obra *El médico-oculista Don A. Mascaró ante la opinión pública, ante la prensa y ante los tribunales* (1875, p. 15) "desde os seus primeiros anos lhe reconheceram uma especial predileção para as ciências médicas, e desde cedo começou a ajudar o seu pai nas difíceis operações que ele praticava".

Em 1857, com apenas 15 anos, foi admitido na Faculdade de Medicina da Universidade de Barcelona, mas devido ao seu caráter independente e espírito crítico em relação ao tipo de ensino ministrado, foi levado ao conselho disciplinar. Como não podia permitir que no seu processo aparecesse escrito um parecer de tal natureza, apelou ao governo da nação, expondo que era vítima de injustiça. Pascual Madoz e Ibáñez, membro do Conselho do Governo, interveio junto do Ministro do Fomento, Rafael de Bustos y Castilla-Portugal (Marquês de Corvera) e, assim, Aniceto Mascaró foi readmitido na Universidade, tendo concluído os seus estudos universitários em 1862 com excelente classificação final.

---

[20] Grafia do seu nome em catalão.

[21] Algumas fontes referem o nome Silvestre Mascaró y Cros, outras Silvestre Mascaró y Cós (em espanhol), outras ainda Silvestre Mascaró i Cos (em catalão).

[22] Conforme noticiado em Sección judicial: parte de sentencia (1898, 13 de diciembre). *La Dinastia*, nº 6751, p. 2 e em Don Emilio Selva y Rubí, Relator Secretario de la Audiencia Territorial de Barcelona (1900, 2 de junio). *La Dinastia*, nº 7991, p. 2

Começou de imediato a exercer medicina em Barcelona, tratando todos os pacientes, independentemente do seu estrato social e não cobrando os seus serviços aos que tivessem carências económicas. Contudo, conforme noticiou a *Revista de sanidade militar española y extranjera*, 1864, p. 101, verificou-se a "Rejeição das candidaturas dos bacharéis em medicina e cirurgia (...) Sr. Aniceto Mascaró y Cós, nas quais solicitavam a admissão na Ordem dos Médicos".

No ano seguinte, em 1865, tal como noticia o jornal *La Ilustración Española y Americana,*

> quando a cólera morbo asiática assolava cruelmente Barcelona, Mascaró Cos [sic] residia na conturbada capital do Principado e dedicava todo o seu zelo à assistência aos inválidos, ricos e pobres, que eram inúmeros, sem aceitar qualquer retribuição da Câmara Municipal ou de particulares; também ele, vítima da sua abnegação, foi acometido pela terrível doença, e o sábio oculista deve a sua vida aos cuidados que lhe dispensou, naquelas circunstâncias críticas, o Doutor Valdaura, conhecido médico de Barcelona. (Don Aniceto Mascaró Cos, 1871, p. 205)

Em outubro de 1867, conjuntamente com o médico urologista Francisco Coronado, fez uma viagem médico-científica a Valência. Hospedaram-se no Hotel de Madrid, situado na Plaza Don Juan de Villarrasa. Ao local acudiu elevado número de pacientes e por conseguinte tiveram de se transferir para a Plaza de Barcas, número 1, alugando um palácio que passou a servir de hospital.

A 10 de julho de 1868 saiu de Valência num comboio correio para Madrid onde obteve a borla de doutoramento na Universidade de Madrid e de imediato partiu numa viagem pedagógica, passando por Paris, Londres e Berlim a fim de estudar os avanços científicos na cura das doenças dos olhos. Em *El médico-oculista Don A. Mascaró ante la opinión pública, ante la prensa y ante los tribunales* (1875, p. 133) é relatado que "Hospitais, clínicas particulares, museus, bibliotecas e fábricas de instrumentos médicos são diariamente visitados pelo doutor Mascaró". Acrescenta-se que ele passou a fazer estas viagens anualmente, usando para o efeito o seu período de descanso.

Através duma busca constante de saber e devido ao seu espírito inventivo, Aniceto Mascaró "revolucionou os procedimentos operatórios de oftalmologista, tendo inventado

instrumentos de admirável precisão e de utilidade reconhecida" (Idem, p. 17). Ele operava às cataratas, ao glaucoma, ao estrabismo, a tumores, a leucomas e a deformações infraoculares.

No início de maio de 1869 chegou a Sevilha onde executou operações difíceis. Alguns pacientes dedicaram-lhe serenatas e poesias, expressando a gratidão para com o extraordinário médico. Vários jornais de imprensa regional divulgaram os seus feitos que praticava a todas as classes sociais. Segundo o jornal *La Comisión*, de 25 de agosto de 1869, foi organizada uma subscrição com mais de 300 assinantes que contribuíram para a realização de uma serenata dedicada a Aniceto Mascaró. "A subscrição fica hoje encerrada por já ser suficiente para os gastos materiais, anunciando-se a serenata para sexta-feira, 27, às nove e meia da noite à porta do doutor, Praça Nova, número 12, para conhecimento de todos".

Em janeiro de 1870 foi chamado a Barcelona para executar uma importante operação. A 19 de janeiro já se encontrava na capital da Catalunha, albergando-se no palácio cedido pela escritora e poeta Dona Gertrudis Gomez de Avellaneda y Arteaga (1814-1873) onde instalou o seu hospital. No entanto, em meados de abril de 1870 regressou a Sevilha onde teve uma demonstração de reconhecimento dos seus pacientes que lhe organizaram uma serenata. Como era um médico muito solicitado, foi a Cádis operar às cataratas do irmão do Governador Civil, Gonzalez de la Veja, e a 4 de julho desse mesmo ano foi chamado a executar operações nas ilhas Canárias, onde permaneceu de 20 de julho a 24 de agosto. Os pacientes brotavam de todas as partes atraídos pela sua fama. Aí executou operações às cataratas, à pupila artificial (Iridectomia), entrópio e ectrópio (que era um método especial criado pelo próprio Aniceto Mascaró), estrabismo, fístula lacrimal, circuncisão da conjuntiva, pterígio, calázio, blefaroplastia e extração do globo ocular.

De 12 de outubro a 5 de novembro de 1870 permaneceu na ilha da Madeira, alojando-se no Hotel Giulietti. Através do jornal *A Voz do Povo* de 17 de novembro de 1870, [p. 2] tem-se conhecimento que Aniceto Mascaró "removeu cataratas e fez outras operações com o maior sucesso possível" e que (Idem) "O Dr. Mascaró emprestou os seus serviços para dar vista a muitos cegos, de forma gratuita". E o mesmo jornal acrescenta que "Da nossa parte, prestamos ao ilustre professor espanhol o mais profundo reconhecimento pela caridade com que tratou os pobres desta ilha, alguns dos quais já sofriam há bastante tempo grandes privações por não poder trabalhar". Atualmente sabe-se que as situações relatadas

correspondiam a pacientes que sofriam de cataratas, mas que a sua doença só era operável após a cegueira.

Depois da sua estada na Madeira, partiu no navio a vapor "Zaire" com destino a Lisboa. Ao chegar à capital portuguesa hospedou-se no Grand Hotel Central, situado na Praça Duque da Terceira, onde recebia pacientes. Mais tarde estabeleceu-se na Rua do Ferragial de Baixo, número 31, e posteriormente instalou a sua clínica na Rua do Alecrim, número 20, r/c. Ainda hoje, sobre a porta dessa morada, se pode observar uma lápide mencionando "Clínica de enfermidades de los ojos y quirúrgicas, fundada por A. Mascaró en 1870". No romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, a personagem principal deambula pela cidade e encontra a lápide da clínica do doutor Mascaró e reflete que "é bem verdade que não basta gravar o nome numa pedra, a pedra fica, sim senhores, salvou-se, mas o nome, se todos os dias o não forem ler, apaga-se, aquece, não está cá". (Saramago, 1984, p. 35)

Uma ressalva para explicar que a 6 de fevereiro de 1869 o Ministro do Fomento do Governo Espanhol, Manuel Ruiz Zorrilla (1833-1895), promulgou em Madrid um decreto tornando válidos em Espanha os títulos profissionais portugueses. Portanto, os médicos portugueses que quisessem exercer medicina em Espanha podiam fazê-lo. Em síntese, o decreto, que foi publicado no *Boletin Oficial de la Provincia de Segovia*, a 19 de fevereiro de 1869, número 23, diz o seguinte:

> Uma das mais constantes aspirações dos liberais da nossa pátria tem sido e é a íntima união e amizade entre Espanha e Portugal. (…) Artigo 1º - Os certificados de estudos aprovados nos estabelecimentos públicos de ensino em Portugal serão válidos em Espanha. (Sección primera: (Gazeta del Domingo 7 de febrero de 1869, número 38): Ministerio de Fomento. Decreto, p. 1)

Ora, Aniceto Mascaró pensou que em breve o Governo Português haveria de emanar um decreto manifestando a reciprocidade, ou seja, que os médicos espanhóis se pudessem estabelecer em Portugal e foi precisamente com esse intuito que veio para Lisboa.

Porém, no início de abril de 1871 foi-lhe instaurado um processo por exercício ilegal da medicina. Segundo o *Jornal do Commercio* de 6 de abril de 1871: "A polícia da 2ª divisão intimou hoje, em cumprimento de ordens superiores, o Dr. Aniceto Mascaró y Cós, com o fim de o impedir de exercer a sua profissão em Lisboa, enquanto não estiver legalmente habilitado, sob pena de procedimento judicial". Em consequência desta intimação Aniceto

Mascaró foi obrigado a fechar o seu consultório em Lisboa. Perante este desrespeito, mais de duzentos dos seus pacientes manifestaram-se a seu favor na Praça da Ajuda (junto ao Palácio Real), onde foram recebidos pelo Ministro do Reino (o Conde de Arcos) que lhes pediu que fossem a casa do Marquês de Ávila e Bolama, então Presidente do Conselho de Ministros, para que ele os ouvisse.

> No entanto, devemos salientar que o Duque de Ávila propôs sinceramente ao Dr. Mascaró a revalidação do seu título através de um exame, mas este não quis aceitar por considerar inoportuno e para ver se desta forma chamava a atenção do nosso representante de Portugal, modificando um comportamento tão pouco honroso para Espanha. (Portugal y el doctor Mascaró, 1882, p. 2)

Pouco depois Aniceto Mascaró obteve a proteção do rei D. Luís e a dispensa do Ministro Espanhol em Lisboa que fez com que a Embaixada Espanhola tomasse diligências e intercedesse por ele. Igualmente, os seus pacientes assinaram uma petição e deste modo Aniceto Mascaró conseguiu reabrir a sua clínica e o seu prestígio não cessou de aumentar. O relator de *La Ilustración Popular* de 16 de abril de 1873 (p. 4) adjetiva o "doutor Mascaró como uma das mais puras glórias da ciência médica".

No seguimento deste episódio, na sessão da Câmara dos Deputados de 10 de abril de 1871[23], o deputado Francisco Júlio Caldas Aulete (1823-1878), apresentou um projeto de lei que criaria a reciprocidade entre Portugal e Espanha. Ou seja, tentou que os profissionais espanhóis pudessem exercer livremente as suas profissões em Portugal. Seguindo este raciocínio o deputado Caldas Aulete propôs em concreto "Artigo 1º - As certidões de aprovação em qualquer disciplina em estabelecimentos do ensino público de Espanha serão válidas em Portugal" (Sessão da Câmara dos Senhores Deputados, 11 de abril de 1871, p. 258). Todavia, o projeto de lei não foi aprovado. Aliás a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, pronunciou-se abertamente contra o seu projeto que o considerou "inútil, lesivo e perigoso e pede a sua rejeição" (Uma tabuleta de médico que não paga imposto camarário, 1956, p. 167). No geral, os estudantes das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto, assim como os da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra mostraram-se contra o projeto de lei. A discussão foi acesa, sobretudo, entre o estudante Augusto António da Rocha (1849-

[23] O Diário da Câmara dos Senhores Deputados de 10 de abril de 1871, página 247, unicamente diz "O Sr. Caldas Aulete: - Pedi a palavra para mandar para a mesa o seguinte projeto de lei, que passo a ler (*leu*)", só se tendo conhecimento do conteúdo do projeto-lei pela imprensa.

1901) que defendia o projeto de lei enquanto que o estudante José António Serrano (1851-1904), da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, combatia-o.

Francisco da Silva Magalhães apresentou no *Jornal do Commercio* de 26 de abril de 1871 uma carta dirigida aos estudantes de medicina da Universidade de Coimbra, expondo que o projeto de lei de Caldas Aulete não devia, unicamente, contemplar profissionais espanhóis, mas sim os de qualquer país. Aqui se apresenta um trecho relevante dessa carta:

> Vem para Portugal uma pessoa ilustre, espanhola ou alemã, francesa ou russa, inglesa ou escandinava, seja de que nacionalidade for, e a humanidade não pode beneficiar dos seus conhecimentos porque... o académico ainda não fez o primeiro exame. O resultado dos exames técnicos dependerá sempre do capricho dos examinadores, porque na medicina, como em todas as ciências, há certas teorias que podem ter sido esquecidas sem prejuízo, e substituídas por princípios da maior importância prática. Muitos ramos da árvore da ciência podem ter secado, enquanto o tronco vivo é preservado. (Aos estudantes de medicina da Universidade de Coimbra, 1871, [1])

De julho a finais de novembro de 1873 Aniceto Mascaró empreendeu mais uma viagem médico-científica, tendo ido ao Brasil na companhia do médico Eduardo Domínguez-Alfonso Villarreal y Feo (1840-1923), formado na Universidade de Barcelona. Iniciaram a viagem por Pernambuco, pois segundo o Regulamento da Junta de Higiene Pública então vigente, ao regular o exercício da medicina no Brasil, no artigo 27 concedia ao Governo da Nação:

> para dar licença aos médicos, cirurgiões e boticários formados em Universidades ou Escolas estrangeiras para exercerem suas profissões no Império, no caso de que sejam autores de obras científicas de reconhecido merecimento, e que sejam de bem estabelecida reputação literária, independente de qualquer outra formalidade. (Idem)

Contudo, os médicos brasileiros sentiram-se prejudicados perante a abnegação dos médicos espanhóis que muitas vezes nada cobravam aos seus pacientes e por isso tentaram impedi-los de exercer a medicina. Perante esta situação, o povo de Pernambuco implorou a interceção do Imperador do Brasil, D. Pedro II, que concedeu o direito de graça aos dois médicos.

Consequentemente, decidiram dirigir-se para o Recife, mas aí foram acusados de charlatanice. A 17 de novembro de 1873 o doutor Juca escreveu no Jornal do Recife:

> Pois bem, de mais a mais, alguns espanhóis, querendo competir com tantos e tão ilustres médicos, e prejudicar os nossos médicos daqui, que vimos nascer e crescer. Não! Não pode ser! Saibam de uma vez por todas que a ciência não é cosmopolita; (…) Os curandeiros com casa aberta, estes que só cobram algum dinheiro aos míseros incuráveis… que mal podem fazer? Não roubam a clientela a ninguém, uma vez que vivem como podem. Enquanto estes espanhóis, não. Porque o desaforo consiste não em matar doentes, mas em curar sem se ser doutor. (Charlatanice, 1873, p. [2])

Em consequência destas afirmações, Aniceto Mascaró e Eduardo Domínguez foram presos sob a acusação do exercício ilegal da medicina, e mais tarde foram apresentados em tribunal. Mas de seguida foram libertados, pois a acusação era infundada. Em janeiro de 1874 Aniceto Mascaró ainda proferiu conferências no Rio de Janeiro, mas devido aos anteriores incidentes retirou-se em polémica e regressou a Lisboa, tendo Eduardo Domínguez regressado às ilhas Canárias.

Na capital portuguesa trabalhou arduamente, mas nunca esquecendo a sua terra natal. O *Boletin de Primera Enseñanza*, de 8 de junho de 1886 noticiou a benfeitoria realizada pelo Dr. Mascaró: “O Município de Lladó conta com uma escola para crianças muito capaz e com boas condições para o ensino, graças aos fundos generosamente doados por D. Aniceto Mascaró, célebre médico, filho daquela povoação, residente há muitos anos em Lisboa” (p. 10).

Na sua clínica era a coadjuvado pela sua esposa, Dona C. Doménech de Mascaró que, para além de prestar auxílio junto das irmãs da Caridade, o ajudava como oftalmologista nas cirurgias por ele executadas. A sua erudição está atestada no artigo assinado em seu nome, publicado no *Boletim do Clero e do Professorado*, um periódico semanal de Lisboa, publicado a 20 de junho de 1875, intitulado “A restauração da fisionomia dos zarolhos, por meio de olhos artificiais com os mesmos movimentos expressivos dos naturais” no qual termina afirmando que na clínica Mascaró os pobres que lhes batem à porta são acudidos sendo-lhes colocado gratuitamente olhos artificiais sempre que necessitam desse procedimento médico.

Aniceto Mascaró planeou fazer uma viagem médico-científica acompanhado pelo seu irmão Joaquín Mascaró à América do Norte, para assistir ao Congresso Internacional de Medicina que se realizou em Filadelfia durante seis dias de setembro de 1876 e que coincidiria com a Exposição Universal (*Universal International Exhibition of Arts, Manufactures, and Products of the Soil and Mine*) também realizada em Filadelfia, de 10 de maio a 10 de novembro desse mesmo ano, no *Fairmount Park*.

A revista *La Llumanera de Nova Iork* noticiou em junho que:

> O célebre oculista catalão, Doutor Mascaró, famoso em todo o mundo, não só pelas maravilhosas curas que realiza, mas também pelos atos de caridade que as acompanham, está em Havana e virá a Nova Iorque dentro de pouco tempo para ir a Filadélfia participar no encontro internacional de faculdades que aí se prepara. Estamos ansiosos por o acolher. (Aviat será aqui, 1876, p.3)

Contudo, o seu nome não consta da lista de congressistas nem de oradores na secção de oftalmologia do livro de atas do dito Congresso Internacional de Medicina.

O número 17 da revista *La Llumanera de Nova Iork,* publicada em outubro de 1876, anunciou que "Chegou a Nova Iorque o célebre oculista Dr. Aniceto Mascaró y Cós, que tanto em Portugal, como no Brasil e na Ilha de Cuba obteve grande renome pelas operações difíceis que fez e pelas obras de caridade que as acompanham". (p.2) Enquanto que o número 19, da mesma revista, publicada em novembro informou que "O distinto oculista catalão partiu de Nova Iorque com a sua estimada família, no dia 12 de outubro no vapor Columbus, parará em Havana, onde estará alguns tempos antes de regressar a Espanha". (p.2)

A SUA ABNEGAÇÃO E DEDICAÇÃO AOS CEGOS

Relata-nos Vítor Ribeiro, na revista Serões, que para Aniceto Mascaró:

> a proteção e a educação dos cegos era o seu desinteressadíssimo enlevo: "Os cegos não vêem, dizia ele, mas imaginam; e como os povos da Península são muito ricos em imaginação, os meus cegos hão de ver na mente o que a sensibilidade dos dedos descobre na escrita". (Protecção aos desvalidos: Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa alma portugueza: Os cegos: II, 1906, p. 493)

O seu interesse pela causa dos cegos fê-lo criar o Sistema Mascaró em 1888 e fundar o Instituto Médico-Pedagógico Mascaró para Cegos em 1889. A partir daí, a par da sua carreira médica, dedicou-se à tiflologia. O seu Instituto promovia a edição de um periódico, denominado Revista Mascaró para Cegos e Videntes, impressa no seu sistema, que ele enviava gratuitamente aos cegos que a solicitassem, assim como a amigos e às redações das revistas de educação. Desconhece-se quantos números foram editados, porque os exemplares omitiam essa informação, mas, através de informação documental consegue-se apurar que a revista foi publicada, pelo menos, entre 1888 e 1897. Se bem que, se possa levantar a hipótese de ter sido editada até 1906.

Expõe-se de seguida dois exemplos de jornais espanhóis que acusaram a receção da Revista Mascaró:

> Recebemos de D. José Rubaudonadeu Corcelles, um exemplar da Revista Mascaró, para cegos e videntes, com os alfabetos Braille e Mascaró, e o exame de uma cega do Liceu (Instituto) de Lisboa, em cuja cidade portuguesa - Rua do Alecrim, nº 20 - está establecido, há muitos anos, o médico oculista ampurdanês doutor D. Aniceto Mascaró y Cós. (Hemos recibido de Don José Rubaudonadeu Corcelles, 1897, p. 3)
>
> e
>
> Recebemos o número correspondente a 20 de novembro último a presente publicação, dada à luz pelo distinto médico-oculista ampurdanês D. Aniceto Mascaró. (...) Agradecemos ao digno ex-deputado federal D. José Rubaudonadeu Corcelles, de Madrid, que teve a bondade de nos remeter tão curiosa revista. (Revista Mascaró, para ciegos y videntes, 1898, p. 30)

Pelo exposto depreende-se que Aniceto Mascaró mantivesse amizade com José Rubaudonadeu y Corcelles (1841-1916), que era político e jornalista, e tinha sido deputado espanhol às Cortes durante o sexénio Democrático (1873-1879). Portanto, a sua ligação a Espanha permanecia viva.

Analisando agora a informação impressa num folheto de divulgação do Instituto Médico-Pedagógico Mascaró, disponível no *website* dos Centros Oftalmológicos Palomar, em (https://www.centrospalomar.com/index.php?option=com_content&view=article&id=107&Itemid=150&lang=english2), fica-se a saber que o referido instituto promovia o “ensino livre

de cegos e videntes, surdos-mudos, idiotas e toda a classe de enfermos do corpo ou do espírito", estando essa formação a cargo do professor cego Marcos Barreiros, pensionista da Câmara Municipal de Lisboa e antigo professor efetivo dos cegos pelos sistemas de Llorens, Braille e Mascaró, nas aulas da Santa Casa da Misericórdia, no Asilo da Mendicidade e no Colégio D. Maria Pia em Xabregas. Por conseguinte, o ensino da leitura e escrita era ministrado por esse habilitadíssimo professor.

O instituto oferecia ainda o ensino de afinação de pianos pelo cego Luís Galveias, discípulo do grande filantropo G. Steglich. O ensino da arte tipográfica com aplicação à musicografia era ministrado pela sua filha Vera Mascaró y Doménech de Mello. O ensino de lavores e piano era providenciado por várias senhoras e cavalheiros amigos dos cegos. O cego Adolfo António Lobato ocupava-se do ensino das artes manuais com oficina de palheireiro e cesteiro em Lisboa e o cego J. Martins ensinava o ofício de sineiro.

Ulteriores informações sobre a oferta formativa eram dadas pelo seu filho que se chamava Aniceto Vítor Hugo Laffayette Mascaró y Doménech, que estudou medicina em Madrid e que também exerceu oftalmologia em Lisboa, junto do seu pai, tendo sido amplamente conhecido por Aniceto Mascaró, filho.

O Instituto Médico-Pedagógico Mascaró formou pessoas cegas capazes:

> Um dos discípulos do dr. Mascaró, o cego Lobo de Miranda, tendo sido devotamente lecionado pelo falecido general Claudio Chaby e pelo sábio lente da Universidade de Coimbra o sr. dr. Bernardino Machado, apóstolo da instrução popular, e ambos entusiastas ter conseguido ver a definitiva vitória do seu método. (Protecção aos desvalidos: Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa alma portugueza: Os cegos: II, 1906, p. 492).

Ora, Lobo de Miranda, foi nomeado professor oficial de alunos normovisuais na Escola Normal de Lisboa usando o sistema Mascaró. Este professor nunca frequentou o ensino especial para cegos, tendo unicamente frequentado o Instituto Médico-Pedagógico Mascaró para Cegos, usando a régua e o alfabeto Mascaró, o que lhe permitiu posteriormente frequentar cursos para normovisuais obtendo boas classificações e ingressar na carreira da docência.

A MUSICOGRAFIA MASCARÓ

Nas suas próprias palavras, Mascaró descreve a sua musicografia da seguinte forma:

> A musicografia Mascaró visível, cujo princípio é também a da musicografia Braille invisível, é substituída com êxito pelo método do sol-fá tónico nas escolas dos videntes, tendo todas as vantagens da musicografia Braille sem os seus inconvenientes, porque a musicografia Braille só é suscetível de ser tocada pelos cegos e é indecifrável pelos que têm a vista, aos quais estraga a vista se persistirem com ela nas suas escolas. (Mascaró, 1905, p. 5)

O folheto referido no capítulo anterior, disponível no *website* dos Centros Oftalmológicos Palomar, também é exemplificativo da sua musicografia. Ele mostra um espécime da musicografia Mascaró para cegos e videntes, dando o exemplo do Hino Nacional Suíço composto por Henry Carey (1687-1743), edição especial só para videntes. Acrescenta-se que a musicografia pelo sistema Mascaró mereceu em 1900 o parecer favorável do Conselho Escolar do Conservatório de Música de Lisboa.

Um outro folheto, datado de 1899, também ele disponível no supramencionado *website*, editado por Aniceto Mascaró dá a conhecer o Hino Nacional Português da Carta Constitucional impresso com a autorização dos proprietários e editores Sassetti & Cª, com sede na Rua do Carmo, número 56, Lisboa.

O SISTEMA MASCARÓ PARA CEGOS E VIDENTES

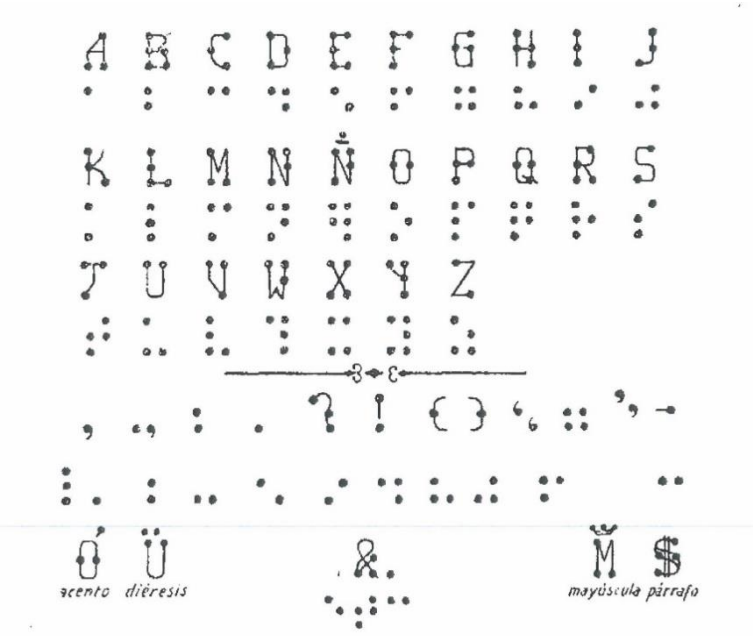
O alfabeto

Pedro Molina y Martín, professor no *Colégio Nacional de Sordomudos y de Ciegos*, situado em Madrid, contextualizou que:

> O ideal perseguido pelo Sr. Mascaró era o de combinar o ponto em relevo com a linha sem ele, produzindo um só ato caligráfico, de modo a que a obra resultante pudesse ser apreciada e compreendida, não só pelo cego, mas também pelos mais ou menos cegos, e afligia-o o isolamento em que, depois de instruídos em qualquer convencionalismo, ficavam os cegos em relação ao resto dos não versados na linguagem escrita de Braille, Umbert, Wait ou outros. (Pedagogía especial: La lectura-escritura para ciegos, 1902, p. 153)

Por conseguinte, concebeu um sistema que servisse cegos e normovisuais. A. M. de Lima Carvalho, citando um parecer emitido pelo Émile Martin, diretor da *Institution Nationale des Jeunes Aveugles de Paris* acerca do método de escrita Mascaró por meio da letra vulgar, publicado na Revista de Educação e Ensino, em fevereiro de 1894, afirma que "O sistema Mascaró obedece à regra da formação dos caracteres por meio de pontos que definam o melhor possível o princípio, o meio e o fim ou o princípio e o fim ou, toda a letra romana, sendo possível, que pretendemos representar" (Carvalho, 1894, p. 12). Pelo exposto percebe-se que, os pontos em relevo são sobrepostos à letra desenhada, assinalando os limites ou as extremidades das letras que são abertas e os contornos das letras que são fechadas.

No entanto, não resta dúvida que Aniceto Mascaró se baseou no sistema Braille, pois ele parte duma base de seis pontos em relevo. Os pontos são os mesmos que em Braille: os pontos 1, 2, 3, formando, do topo para a base, a coluna vertical esquerda e os pontos 4, 5, 6, formando, também do topo para a base, a coluna direita. Usou ainda a mesmas medidas, a mesma régua e a mesma punção do Braille. No que concerne aos equipamentos para produzir esta grafia, não consta que alguma vez Aniceto Mascaró se tenha preocupado com um novo invento. Concluindo, cingindo-nos apenas ao seu invento, ele pode ser entendido como uma reorganização dos seis pontos em que assenta o Sistema Braille.



O sistema Mascaró e o seu equivalente em Braille.

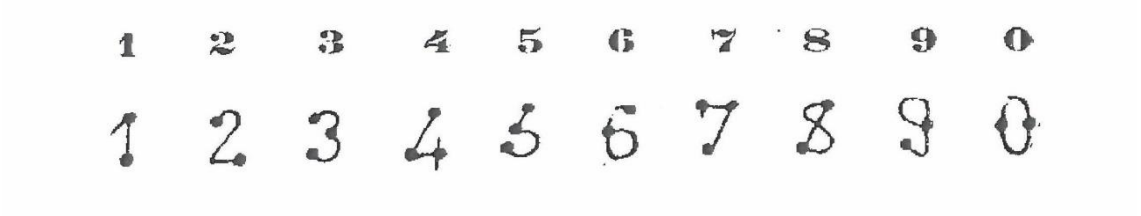
No máximo as letras podem ter seis pontos em relevo e um ponto em cima da letra se ela tiver acento. Para os cegos há uma aparente arbitrariedade nos pontos que constituem cada letra. Como o sistema não tem em relevo as linhas das letras, os cegos não sabem como se desenha essa letra. Uma crítica apresentada é que é difícil ter uma mnemónica, uma vez que os pontos representam apenas o princípio e o fim dos caracteres. Por exemplo: a letra T corresponde aos pontos 1, 3 e 4, enquanto que a letra E corresponde aos pontos 1, 2, 3, 4 e 6.

A numeração

O Sistema Mascaró faz uso dos números árabes, que seguem a mesma lógica usada para as letras, quer isto dizer, os pontos assinalam as extremidades dos números, acompanhando o desenho dos mesmos. Por exemplo, o número Um corresponde aos pontos 4 e 6. O número Dois corresponde aos pontos 1 e 6. A representação do Zero corresponde aos pontos 2 e 5.

> Consta este sistema de 24 pontos para as dez figuras numéricas, ou seja, menos um do que o sistema de Santiago e dois terços da totalidade de sistema francês, entrando na sua construção de seis números dois pontos e três pontos nos restantes números. (Pedagogía especial: Procedimientos para la enseñanza de la aritmética á los ciegos: IV: El dualismo Mascaró - La caja poligonal, 1893, p. 423)

Como descrito (Idem, p. 424) “Estes pontos, quando o cego os usa como números para a comunicação com os que têm vista, une-os através de linhas, como indicamos na figura, fazendo uso de papel calcográfico”.



Numeração pelo Sistema Mascaró.

A opinião sobre a praticalidade deste sistema não era unânime e críticas eram-lhe tecidas. Tomemos como exemplo as seguintes questões levantadas na revista *La Escuela Moderna*, em 1893:

> Com o uso destes sinais matemáticos, que podem ser praticados com a régua Llorens e com a régua Braille quando se trata de uma comunicação parcial, isto é, apenas entre cegos, o Dr. Mascaró tenta fazer um casamento entre o ponto e a linha, mas do qual, na realidade, o resultado não passa de uma variegação bastante obscura que, embora difícil de executar, será sempre pobre em resultados práticos. E porque não, se nunca foi possível unir o que é antagónico e de natureza oposta? Como é que o ponto, representante genuíno da ausência de comprimento, pode ser associado àquilo que, tal como a linha, tem essa dimensão como única característica? (Pedagogía especial: Procedimientos para la enseñanza de la aritmética á los ciegos: IV: El dualismo Mascaró - La caja poligonal, 1893, p. 424)

Outra objeção ao sistema Mascaró também colocada pela revista *La Escuela Moderna*, em 1893, era que o ensino dos cegos não ficava facilitado uma vez que "obriga os seus alunos a gravar o ponto em alto relevo, bem como a linha colorida que lhe falta" (p. 425), exigindo uma dualidade de ações ao tratar cada figura numérica. Em conclusão, "a execução simultânea da linha e do ponto parece demonstrar que cada um destes elementos, por si só, é insuficiente para satisfazer o desejo almejado por todos os professores, desejosos de facilitar este ensino aos seus alunos cegos" (Idem, p. 425).

Os sinais de pontuação

Aniceto Mascaró igualmente criou quinze sinais de pontuação, como por exemplo, o sinal de vírgula, ponto final, dois pontos, ponto e vírgula, trema, sinal de exclamação, sinal de interrogação, parágrafo, indicação de letra maiúscula, entre outros. Uma dificuldade que lhe era apresentada era:

> O acento, o trema e a letra maiúscula são escritos, (…) no sulco coronário da linha, ou seja, sobre a letra que devem afetar. A vírgula e o ponto final têm o mesmo sinal em relevo, distinguindo-se o primeiro do segundo pelo pequeno

> traço que lhe é acrescentado, indicação impossível de ser percebida pelos cegos. (Pedagogía especial: La lectura-escritura para ciegos, 1902, p. 160)

Comparação entre o Sistema Mascaró e o Sistema Braille

Somente as letras N e X são iguais em ambos sistemas. A letra N é escrita com os pontos 1, 2, 4, 5, e 6, enquanto que para escrever a letra X usam-se os pontos 1, 3, 4 e 6. Por coincidência as letras D, F, G, I, L, M, T, N, Y e W do sistema Mascaró são representadas como as letras O, P, J, L, V, U, M, C, W e D em Braille. As letras V, Z, S e C do sistema Mascaró são os signos mistos do Braille. A letra O do sistema Mascaró é o sinal ortográfico do Braille. As letras P e Q do sistema Mascaró correspondem ao entre aspas e ao ponto de exclamação do Braille. As letras B, E, H, J, K e R no sistema Mascaró correspondem aos sinais de sumar, igual, radical, maiúscula, menor que e subtração no sistema Braille.

Visões antagónicas

Jean-Jacques Dussouchet (1843-1910), professor agregado de gramática no Liceu Henrique IV, situado em Paris, deixou plasmada na *La Revue Pédagogique* a sua crítica ao sistema Mascaró e à Revista Mascaró para cegos e videntes, porque não lhes viu as vantagens que Aniceto Mascaró idealizou.

> O Dr. Mascaró, em Lisboa, quis fundir a escrita Braille e a estilografia, mas desnaturou a primeira com poucos benefícios para a segunda. (...) Para a forma de cada letra, o Sr. Mascaró adota uma disposição de pontos que, quando estes pontos são ligados por linhas coloridas, formam uma figura mais ou menos angular que se aproxima da forma das letras em caracteres pretos. (Revue Mascaró pour aveugle et voyants, 1898, p. 369)

E acrescentou:

> Trata-se, como diz o autor, de um "progresso inegável"? Infelizmente, não. Em primeiro lugar, o cego não pode verificar se a linha colorida marcou efetivamente o seu papel branco; além disso, esta linha torna a sua escrita consideravelmente mais lenta. Assim, quando os cegos escrevem apenas para si próprios, dispensam as linhas e limitam-se aos pontos em relevo, uma vez que estão a escrever apenas para o tato. Por outro lado, quando escrevem para

> pessoas com visão, podem deixar de lado os pontos, uma vez que estão a escrever apenas para a visão. Assim, as duas formas de escrita, pontos e linhas sobrepostos, só funcionam uma contra a outra, em vez de se ajudarem mutuamente. (Idem, pp. 369-370)

E continuou com a sua crítica incisiva:

> O alfabeto Mascaró, que tenta reproduzir a forma das letras latinas, não poderá ser usado no grego, no russo, no alemão, etc. Do ponto de vista pedagógico, o Sr. Mascaró ilude-se quando pensa que o seu sistema facilitará "a coeducação dos cegos e dos videntes". Nas nossas aulas, o professor faz demonstrações no quadro, dita os trabalhos de casa, manda ler e explicar textos, etc. (Idem, p. 370)

Em suma, considera impossível que um cego possa ser ensinado conjuntamente com normovisuais devido à sua deficiência:

> Sem dúvida que é vantajoso para uma criança cega frequentar a escola local até poder ser admitida num estabelecimento especial. Além disso, muitas vezes o professor, sensibilizado pelo isolamento da infeliz criança, encarrega-se de iniciar a sua educação e aprende o Braille para que ela possa aprender por sua vez. (...) Infelizmente, o cego é um aleijado, um ser incompleto que precisará sempre dos olhos e da compaixão dos outros. Ele precisa de livros especiais, de professores especiais, de ensino especial. Não será o sistema Mascaró que poderá pôr o cego em pé de igualdade com os videntes. (Ibedem)

Opinião oposta tinha A. M de Lima Carvalho que pensava:

> É incontestável que o alfabeto Braille representa uma das mais preciosas conquistas para a educação dos cegos. Não pode, no entanto, ser nela considerado a última palavra, - provam-no os trabalhos de Foulcoult, os de mademoiselle Mulot e os do dr. Mascaró. (Carvalho, 1894, p. 11)

O SISTEMA MASCARÓ E A CARTILHA MATERNAL

Querendo ensinar cegos pobres, Aniceto Mascaró escreveu a João de Deus em 1894 pedindo-lhe licença para adaptar o método de leitura *Cartilha Maternal* ao seu sistema para

cegos e videntes. João de Deus, sensível às necessidades dos cegos respondeu-lhe numa missiva:

> Exº amigo Mascaró. Aqui reitero por escrito a faculdade de publicar na sua bela ortografia de cegos, inteligível a cegos e videntes, o que julgar aproveitável da Cartilha Maternal. Seu amigo e admirador João de Deus. Lisboa, 25 de novembro de 1894. (Deus ; Mascaró, 1896, [p. 2])

Malogradamente, João de Deus faleceu antes que Aniceto Mascaró tivesse tido oportunidade de terminar a sua adaptação da *Cartilha Maternal*. Deste modo, para manter o vínculo, Aniceto Mascaró enviou um cartão de pesar pelo falecimento de João de Deus à família enlutada (M 3755) e poucos dias depois enviou uma missiva a Guilhermina das Mercês Battaglia Ramos, viúva de João de Deus, apresentando o seu desejo de adaptar a *Cartilha Maternal* ao sistema Mascaró e afirmando ter, para tal efeito, a devida autorização do seu falecido marido.

Em janeiro de 1897 Guilhermina das Mercês Battaglia Ramos recusa o seu pedido respondendo que "Como viúva de João de Deus, e co-herdeira com os meus filhos e cabeça de casal, mantenho a propriedade da *Cartilha Maternal*, de que não podemos ser esbulhadas por uma simples carta particular, sem solenidades jurídicas" (M 1980). Contudo, acrescenta:

> Sobre esta propriedade da *Cartilha Maternal* pesam encargos, as despesas da última edição na Imprensa Nacional, as quais não sendo amortizadas pela venda do livro; e por forma alguma devo consentir que uma edição venha agora embaraçar a venda daquela e colocar-me na situação de não poder pagar essa dívida. (...) Como, porém, meu marido desejava que a *Cartilha Maternal* fosse aplicada ao ensino de cegos, e com certeza a V. Exª. o imprimir pelo seu processo gráfico o que julgar aproveitável! mantenho a mesma decisão, permitirei gratuitamente que se imprima sem cores, e exclusivamente para ensino dos cegos os trechos necessários extrair da *Cartilha Maternal.* (M 1980)

Em resposta Aniceto Mascaró explicou que:

> (...) são muito exagerados os temores de V. Exª ao julgar que a impressão da *Cartilha Maternal*, segundo o meu processo gráfico inteligível a cegos e videntes, possa por qualquer forma prejudicar os interesses dos herdeiros do malogrado João de Deus, pois que ninguém que não seja um cego ou um

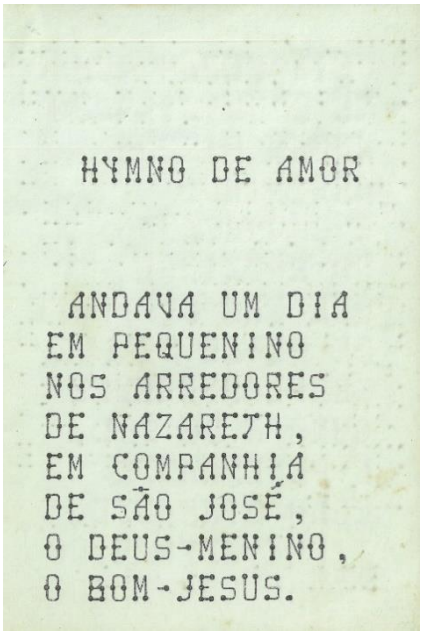
> bibliófilo comprará cartilhas cujo custo será doze vezes maior do que as ordinárias para videntes. Além de que lhes faltaria a distinção silábica e as explicações que João de Deus e os seus admiradores consideram essenciais. (M 1858)

E como não se resignava com uma resposta negativa, Aniceto Mascaró fez-lhe uma proposta:

> 1º - Os herdeiros de João de Deus entregarão o papel para imprimir a *Cartilha* pelo meu processo gráfico comum a cegos e videntes sob a minha direção até ao fim do presente ano de 1897, para não ficar sem efeito esta concessão, e pagarão os gastos de composição e impressão, etc.
>
> 2º- Na primeira página da *Cartilha* colocar-se-á a autorização que tenho de João de Deus (...)
>
> 3º - Emprestarei o tipo necessário sem sair das minhas mãos, e dirigirei todas as operações sem mais interesse que o de obter exemplares grátis para os cegos pobres, sendo o seu número fixado segundo o costume estabelecido pelo Governo de Portugal, para com os autores cujas obras se imprimem na Imprensa Nacional. (M 1858)

Não obstante esta proposta, a resposta final de Guilhermina das Mercês Battaglia Ramos foi perentória. “Em suma, repito o que acima disse: publique V. Exª o seu método pela forma que entender, mas sem usar dum método que é exclusivamente meu e de meus filhos”. (M 1858)

Apesar de não ter obtido a permissão necessária para publicar a *Cartilha Maternal*, como Aniceto Mascaró já tinha impresso o poema de João de Deus intitulado “Hino de Amor”, que é um poema incluído na *Cartilha Maternal*, e por não o querer desperdiçar, distribuiu-o entre vários interessados. O Museu João de Deus possuiu dois desses exemplares.



Primeira página do poema Hino de Amor impresso pelo sistema Mascaró.

"Cabe aqui referir que o poeta João de Deus (primeiro professor de cegos no nosso país) - afirma-o Joaquim Guerrinha – "mandara vir de Paris, em 1884, os primeiros livros em Braille" (Guerreiro, 2011, p. 78). Deste modo, a recusa de Guilhermina das Mercês Battaglia Ramos em permitir a impressão da *Cartilha Maternal* pelo sistema Mascaró revela-se ainda mais surpreendente em virtude de João de Deus ter sido, incontestavelmente, uma pessoa dedicada ao auxílio dos cegos. Certamente a sua decisão não terá sido de acordo com a vontade do seu defunto marido.

A fim de melhor enquadrar a figura de João de Deus e colocá-la como uma figura cimeira do ensino de cegos dar-se-á algumas explicações sobre a sua ação direta neste campo. A sua amizade com A. M. de Lima Carvalho reforça a ideia que João de Deus se relacionava com pessoas que tentavam implementar o ensino de cegos em Portugal. A dedicatória manuscrita na folha de rosto do livro "Em favor dos cegos!" dirigida a João de Deus espelha isso mesmo: "Ao ilustre poeta João de Deus tem a honra de oferecer o mais obscuro dos seus admiradores Lima Carvalho. 7 de março de 1895". Através da leitura desta obra tem-se conhecimento que foi a Senhora Adèle Marie Louise Souto (filha de Joseph-François Xavier Sigaud), o próprio A. M. de Lima Carvalho e o senhor Léon Jamet (1864-1941), antigo aluno do *Institut National des Jeunes Aveugles* situado em Paris e organista da Igreja de São Luís dos

Franceses, em Lisboa, que se dirigiram ao rei D. Luís em 1887 a fim de expressar a intenção de proteger os cegos.

> O Rei e a Rainha tiveram a amabilidade de receber a Senhora Souto, o Senhor de Lima Carvalho, duas jovens portuguesas cegas, ensinadas pela Senhora Souto, e o Senhor Jamet. Suas Majestades mostraram um grande interesse pelo trabalho destas jovens cegas e prometeram a sua alta proteção à obra projetada. (Carvalho, 1894, p. 20)

Dando seguimento a este projeto foi fundada a Associação Promotora do Ensino dos Cegos a 12 de março de 1888 e, posteriormente, a 1 de janeiro de 1889 foi inaugurado o Asilo-Escola António Feliciano de Castilho, em Pedrouços. A colaboração de João de Deus materializou-se na escrita de uma poesia intitulada Saudação (PT 24) que foi musicada por Alfredo Keil e que se destinou a ser cantada pelos cegos do Asilo António Feliciano de Castilho no dia da sua inauguração, à entrada de El Rei D. Luís I. Noutra ocasião escreveu o poema intitulado Braille que foi recitada por uma aluna do Asilo António Feliciano de Castilho, num espetáculo em benefício dessa instituição escolar. O tema da cegueira aparece com alguma frequência na poesia de João de Deus. Uma das suas poesias pouco conhecidas foi editada por R. V. em 1894 e intitula-se O Cego (Coeli enarrant gloriam Dei). Pelo contrário, uma poesia sua bastante popular que aborda a temática da cegueira intitula-se Miséria.

No opúsculo *Notícia acerca do Asilo-Escola António Feliciano de Castilho para a infância cega e do ensino aí ministrado* é mencionado que:

> Para o ensino da leitura adoto o método do Dr. João de Deus, que já se acha impresso em Braille assim como os Deveres dos Filhos do mesmo autor; e para substituir a distinção silábica de preto e pardo, usada para os videntes, lembrou o próprio autor se fizesse idêntica distinção com a separação de um retângulo entre cada sílaba. (Leite, 1892, p. 5)

É bastante reveladora esta descrição, pois não só João de Deus autorizou a impressão da *Cartilha Maternal* em Braille, que na época era escrito à pauta ou escrito em Braille à mão, mas também deu indicações sobre como fazer a representação silábica. Perante mais este exemplo, dificilmente se compreende a veemência com que Guilhermina das Mercês Battaglia Ramos se recusou a que a *Cartilha Maternal* fosse impressa no sistema Mascaró.

É curioso notar que o Instituto de Cegos do Porto, fundado em 1903, possuía na sua biblioteca várias obras de João de Deus impressas em relevo pelo sistema Braille, nomeadamente, *Poesia* e a *Cartilha Maternal*. Esta informação está referida na brochura Memória Descritiva do Instituto de Cegos do Pôrto, escrita por Miguel Mota em 1932, então diretor desse Instituto.

Por outro lado, indagando sobre a relação de João de Deus e José Cândido Branco Rodrigues (1861-1927), que tanto impulsionou o ensino de cegos em Portugal, é evidente que se conheciam. Em 1878 o jovem Branco Rodrigues traduziu uma obra literária francesa e pediu a opinião de João de Deus acerca da qualidade da sua tradução. João de Deus enviou-lhe a resposta numa carta que Branco Rodrigues aproveitou para colocar como prólogo da sua tradução intitulada Coração: Espelho d'Outro.

> Exº Sr. e meu jovem amigo. Não pude ler, por causa das ocupações que sabe, toda a sua tradução; mas li o bastante para reconhecer os dotes que lhe aconselham o caminho das letras. Já o facto de preferir sem precisão, e no meio das sensualidades que lhe oferece esta cidade, semelhantes entretimentos sempre mais ou menos áridos e austeros, denuncia gosto e vocação. Pois ceda aos naturais impulsos, e não se arrependerá. (…) (Rodrigues, 1878, p. 1)

Infelizmente, com o tempo, a amizade entre Branco Rodrigues e João de Deus ficou ferida. O motivo foi que em 1879 Branco Rodrigues publicou o seu *Método simultâneo de Leitura e Escrita* e disse no prefácio [p. II] "o método (…) é ao mesmo tempo talvez o mais racional e o mais expedito, que se conhece. A experiência o demonstrará em Portugal". Em outubro de 1881 João de Deus acusou Branco Rodrigues de ter plagiado a *Cartilha Maternal* no concerne à distinção silábica. Os litígios entre ambos e os editores Pacheco & Barbosa (proprietários da Livraria Catholica) foram amplamente noticiados nos principais periódicos nacionais, chegando Branco Rodrigues a pôr em causa os direitos de autor da tradução feita por João de Deus da obra *Os Deveres dos Filhos* e inclusive acusando João de Deus de se ter inspirado em métodos de leitura estrangeiros para a conceção da sua famosa *Cartilha Maternal*. Nos meses de novembro e de dezembro de 1881 esta polémica dominava as colunas dos jornais e desconhece-se se a amizade tenha sido alguma vez restabelecida, pois perante a ausência de correspondência epistolar conclui-se que o diferendo poderá nunca ter sido sanado.

Por seu turno, é inegável que João de Deus estivesse envolvido na formação de professores cegos. Numa carta enviada por Francisco Adolfo Coelho (filósofo, escritor e pedagogo, 1847-1919) escrita de sua casa, situada na Travessa da Bela Vista, número 9 - 1º andar, mas não datada, ele diz a João de Deus o seguinte:

> Meu amigo. Ontem na Associação dos Professores Primários recebeu [sic] um bilhete seu apresentando-me um professor, que infelizmente não tive o prazer de ver. Ora eu desejava muito conhecer o professor do ensino dos cegos adaptado pelo meu amigo, por isso peço-lhe me diga como posso ver o respetivo professor na sua lecionação. (M 1027)

Por fim, acrescenta-se que a incontestável dedicação de João de Deus aos cegos está plasmada nas palavras de Joaquim Guerrinha, recordando que em 1951:

> Efetuou-se a primeira reunião, na qual participaram nove cegos, na Rua Tomás da Anunciação, nº65 - 1º, resolvendo-se a criação dum novo organismo de auxílio a cegos que, depois de várias sugestões aqui descabidas, se designou pelo nome de Liga de Cegos João de Deus, justa homenagem a quem, com tanto carinho, pela primeira vez se dedicou ao ensino dos Cegos em Portugal. (Guerrinha, 2004, p. 203)

MASCARÓ, FIGURA PÚBLICA

Provando quão célebre Aniceto Mascaró era na cidade de Lisboa e quão reputados eram os seus inventos, é a seguinte ilustração realizada pelo caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro na revista António Maria, acompanhada da seguinte legenda:

> Na última da Carmen, em São Carlos, foi-nos dado, neste tempo de desprazeres, o prazer de admirar as joias de Adele Borghi (muita pedra e pouca voz), joias tão luminosamente ardentes que, se não fora a generosa intervenção do espetador dr. Mascaró, que generosamente nos receitou um colírio, e nos aconselhou o uso de lunetas fumadas, teriam martirizado nossos olhos com a mais dolorosa oftalmia. De lunetas, viemos para casa, a cismar no motivo que levaria pela primeira vez à ópera o evidente inimigo das moléstias

da vista, precisamente no dia em que trepava ao poder um ministério de vistas tão direitas, mas de olhar tão torto[24]. (Theatro de S. Carlos, 1892, p. 347)



Teatro de São Carlos. Ilustração representando Adele Borghi cantando, o Dr. Mascaró de binóculos na mão e um senhor de lunetas esfumadas.

BIBLIOTECA DE CEGOS E VIDENTES

Aniceto Mascaró gostaria de criar uma Biblioteca de Cegos e Videntes. Para tal converteu para o seu sistema várias obras poéticas, nomeadamente sonetos de Luís de Camões e trechos da obra intitulada "D. Quixote de la Mancha" da autoria de Miguel de Cervantes, com o intuito de providenciar excertos de obras literárias ou poéticas aos cegos, que de outra forma não teriam acesso, pela inexistência de obras impressas em sistemas para cegos. O poema Hino de Amor, da autoria de João de Deus, que anteriormente foi

[24] Refere-se ao 45º Governo Constitucional de 17 de janeiro a 27 de maio de 1892, constituído por José Dias Ferreira (Presidente do Conselho), José Dias Ferreira (Ministro do Reino), D. António Aires de Gouveia (Ministro dos Negócios Eclesiásticos e Justiça), Joaquim Pedro de Oliveira Martins (Ministro da Fazenda), Jorge Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado (Ministro da Guerra), Francisco Joaquim Ferreira do Amaral (Ministro da Marinha e Ultramar), António de Sousa Silva Costa Lobo (Ministro dos Negócios Estrangeiros), Sebastião José de Carvalho (Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria), José Dias Ferreira (Ministro da Instrução Pública e Belas Artes). Por decreto de 3 de março de 1892 foi extinto o Ministério da Instrução Pública e Belas Artes.

mencionado, fazia parte da Biblioteca de Cegos e Videntes que Aniceto Mascaró estava a formar.

A Voz do Cego, por exemplo, poesia da autoria de Francisco José Pereira Palha de Faria e Lacerda (1827-1890) que tinha sido originalmente recitada pelo próprio autor na sessão do Grémio Literário de 13 de março de 1849, foi publicada por Aniceto Mascaró no seu sistema.

Analisando a compilação de "Sonetos… escritos para cegos pelo sistema do Dr. Mascaró", documento lacónico de data, constáta-se que o soneto "Sete anos de pastor Jacob servia" escrita para cegos pelo sistema Mascaró, foi oferecida ao Dr. Antonio Sánchez Moguel (1838-1913), filólogo, historiador e professor catedrático de literatura na Universidade de Madrid. Por seu turno, o famoso soneto escrito a propósito da morte de Natércia cuja primeira estrofe inicia por "Alma minha gentil, que te partiste" foi editado no sistema Mascaró em várias línguas, nomeadamente em português; em castelhano, traduzido por M. P. Coronado; em catalão, traduzido por F. Matheu; em galego, traduzido por D. R. del Valle; em francês, traduzido por H. de Courtois; em italiano, traduzido pelo Monsenhor Próspero Peragallo, que exerceu o seu ministério sacerdotal inicialmente em Génova e posteriormente em Lisboa na Igreja de Nossa Senhora do Loreto (de setembro de 1865 a julho de 1896) tendo depois regressado a Génova; em inglês, traduzido por John James Aubertin (1818-1900), astrónomo inglês que traduziu os Lusíadas e membro da *Royal Astronomical Society*; em alemão, traduzido por Wilhelm Storck (1829-1905), poeta, germanista, linguista e tradutor. É provável que a impressão deste poema tenha sido feita em 1895, pois no espólio de Brito Aranha existe um exemplar com nota manuscrita pelo próprio datada de setembro de 1895.

As obras escolhidas para serem impressas no sistema Mascaró já tinham caído no domínio público. Portanto, não levantavam problemas de propriedade intelectual. Para além do mais, é notável a multitude de pessoas que faziam parte da sua rede de amizades e que aceitaram contribuir com o seu conhecimento linguístico para a causa dos cegos.

O CONGRESSISTA MASCARÓ

Como é descrito na revista *Gimbernat*, nº 69, de 2018, Aniceto Mascaró "Participou em numerosos congressos para explicar a sua técnica de extração da catarata, como o fez no Congresso Internacional de Barcelona durante a Exposição de 1888" (p. 79). Tratou-se do

Congresso de Ciências Médicas realizado de 9 a 15 de setembro, por iniciativa e com a subvenção do Conselho Geral da Exposição Universal de Barcelona, que teve lugar no *Parc de la Ciutadella* de 8 de abril a 9 de dezembro.

No fragmento da memória enviada por Aniceto Mascaró ao Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, organizado por Rafael María de Labra (1840-1918) e realizado em Madrid em 1892, Aniceto Mascaró afirma que:

> O meu alfabeto assim como o de Braille, baseia-se em seis pontos colocados na mesma disposição em que se encontram nas pedras do jogo do dominó". "Daremos a esses seis pontos, contando-os em sentido vertical, os números 1, 2, 3 e 4, 5, 6". "O cego que queira escrever pelo meu método, servindo-se da régua de Braille ou da de Llorenz, colocará entre dois papéis um papel calcográfico azul e tendo de memória os seis pontos de que acima indicámos os números, tomará, por exemplo, os números 3, 4 e 6 formando mentalmente a letra A; traçando-a com o punção, sucede que o papel transmissível imprime na linha diagonal e uma outra vertical que representam um A para os videntes enquanto que, os três pontos combinados do meu alfabeto (.:) farão compreender ao cego que é esta a letra em que pousa o dedo. (Carvalho, 1894, p. 14)

De igual modo, João de Deus recebeu um convite remetido por Rafael María de Labra para participar no Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano:

> (…) Peço-lhe em nome de todos os organizadores do Congresso Pedagógico - não se reduz a solicitar a sua presença na próxima Assembleia. Atrevemo-nos a suplicar-lhe também em primeiro lugar, que tome por sua conta alguns dos temas assinalados pelos organizadores do Congresso ou qualquer outro que a superior inteligência de V. nos imponha, seja de caráter puramente doutrinal, seja em relação estreita com o estado pedagógico do Reino Português. (M 1237)

Porém, talvez por inépcia, por falta de saúde, de motivação ou interesse, João de Deus não compareceu no referido Congresso.

Quase uma década mais tarde, em o *Diario de Noticias*, de 17 de março de 1900

foi dado a conhecer o seguinte despacho "O *Diario do Governo* publicou ontem a portaria nomeando o nosso colega Branco Rodrigues, redator do *Jornal dos Cegos*, representante de Portugal neste congresso, que se realizará em Paris (…)". Este trecho refere-se ao *Congrès International pour l'amélioration du sort des aveugles* (Congresso Internacional para o Melhoramento da Sorte dos Cegos), realizado em Paris, na sala das festas da *Instituition Nationale des Jeunes Aveugles*, realizado de 1 a 5 de agosto, no qual participaram mais de 700 congressistas de vários países e que coincidiu com a realização da Exposição Universal de 1900, realizada de 14 de abril a 12 de novembro. O doutor Aniceto Mascaró foi um dos congressistas. Em relação ao sistema Mascaró, George Leygues, Ministro da Instrução Pública e das Belas Artes de França[25], declarou que "o seu sistema representava o aperfeiçoamento do Braille e como apreço concedeu-lhe as *palmas* da Academia. Em 1900, no Congresso de Paris trezentos votos o aprovaram". (Protecção aos desvalidos: Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa alma portugueza: Os cegos: II, 1906, pp. 489-490)

Durante o congresso foram levantadas várias questões práticas em relação ao ensino de cegos, que foram expostas no *Jornal dos Cegos* de outubro de 1900, num artigo assinado por Álvaro Coelho, entre elas "Como é que o ensino pode ser entregue a um professor cego e a vigilância a um vidente?" (p. 478); "Até que ponto e por que meios pode a escola primária dos videntes servir para o desenvolvimento intelectual da criança cega?" (p. 479). A maioria dos congressistas respondeu a esta questão afirmando que "A escola primária dos videntes pode ter alguma utilidade para a criança cega, mas não pode nunca suprir a escola especial, para onde ela deve ser mandada o mais cedo possível" (p. 479). No mesmo artigo há uma declaração de Álvaro Coelho que parece que implicitamente está a criticar Aniceto Mascaró por ele defender a integração de cegos na escola dos videntes:

> Cremos porém que, dada a unanimidade dos 400 congressistas de Paris, não virão de novo os partidários da escola comum, entre nós, a pedir que se cometa o gravíssimo erro da adoção de tal expediente, ainda que para isso se sirvam dos famosos alfabetos que leem o cego e o vidente (Congresso Internacional para o melhoramento da sorte dos cegos, 1900, p. 479).

[25] Georges Leygues (1857-1933) foi Ministro da Instrução Pública e das Belas Artes nos períodos de 30 de maio de 1894 a 26 de janeiro de 1895 e de 1 de novembro de 1898 a 7 de junho de 1902.

Na sessão de encerramento do congresso ficou decidido que o próximo Congresso Internacional para o Melhoramento da Sorte dos Cegos se realizaria em Bruxelas de 6 a 10 de agosto de 1902. O doutor Aniceto Mascaró e o seu filho participaram nesse congresso onde voltou a apresentar o seu sistema e a debater-se pela causa dos cegos. As conclusões do Congresso realizado em Paris não ecoaram no íntimo do doutor Aniceto Mascaró que tinha uma opinião diametralmente oposta. Apercebe-se dessa situação através das suas palavras proferidas no decorrer dos trabalhos da Conferência realizada em Bruxelas em 1902:

> Nunca estivemos de acordo sobre este ponto dos internatos, especialmente para os jovens cegos. Os jovens cegos, quer na sua juventude, quer na idade adulta, devem ser sempre externos e livres, e não encerrados em estabelecimentos especialmente criados para a sua educação. (Royaume de Belgique / Ministère de la Justice, 1902, p. 122)

E acrescentou "Além disso, habituam-se a perder completamente a noção e a ideia de família, a maior felicidade que se pode gozar na terra" (Idem, p. 123).

Acreditando na vantagem da educação em simultâneo de cegos e normovisuais, desenvolveu o seu pensamento, acrescentando:

> No caso de se utilizarem as escolas especiais já existentes para cegos ou de se criarem novas escolas para a sua educação preliminar, é forçoso admitir que nelas seriam recebidos não só indivíduos completamente cegos, mas também todos os outros que sofressem de vários graus de cegueira, até ao próprio indivíduo com visão. (…) A comunhão desta aprendizagem, quer nas escolas para cegos, quer nas escolas para videntes, poderia dar resultados muito importantes, que os tiflófilos já há muito tempo preveram. (Royaume de Belgique / Ministère de la Justice, 1902, p. 141)

E prosseguiu com o seu raciocínio:

> Os recreios nas escolas para cegos, depois do que eu disse sobre a comunidade de alunos, serão organizados de acordo com as mesmas linhas. Em todos os casos, em todos os aspetos da vida, seja nas escolas, nas oficinas ou nas fábricas, a pessoa cega deve ser acompanhada por um aluno com visão, pois já vimos que um complementa o outro. Todas as recreações, conversas, jogos, passeios e exercícios diversos devem ser feitos da mesma forma que para as

> pessoas com visão. (…) Cada aluno cego terá sempre um companheiro com visão. Ninguém saberá ou sequer se lembrará que há cegos entre eles; todos serão educados sem distinção ou preponderância dos sentidos mais ativos. A mistura obrigará o cego a não sentir a sua condição e, consequentemente, a não ser infeliz, por inveja dos seus colegas; e o indivíduo com visão, ao prestar serviços ao seu amigo, terá em troca um indivíduo que, em muitas ocasiões, também lhe prestará os serviços dos sentidos que estes indivíduos têm mais desenvolvidos do que os restantes. (Idem, p. 215)

Igualmente explanou sobre a situação dos cegos em Portugal no meio laboral, detalhando:

> Em Portugal, único país onde os cegos são estimados por todos, independentemente da classe a que pertençam, estão empregados em todos os diferentes setores da enorme diversidade laboral. Há, no entanto, ofícios mais acessíveis aos cegos, outros que lhes são muito especiais, e outros ainda em que são utilizados apenas como auxiliares. Na cestaria, carpintaria e encadernação, no fabrico de pincéis e rolhas de cortiça, como estofador de cadeiras, etc., o cego em Portugal dá amplas provas da sua atividade e utilidade, que, em nosso entender, bem poderia ser aproveitada em todas as indústrias, empregando uma proporção de 10% de trabalhadores cegos entre os seus colegas visuais. Para além disso, temos ainda as profissões de afinadores, professores de música, organistas e carrilhonistas (…). (Idem, p. 68)

E aprofundou a sua análise acrescentando que:

> Em Portugal, não há uma oficina onde os cegos não trabalhem, porque gostamos de proteger os cegos neste país. Eles não têm um ofício completo, mas os visuais vêm em seu auxílio e a divisão do trabalho está a tornar-se cada vez mais acentuada. Desta forma, a aprendizagem pode ser cada vez mais curta, não só para os cegos, mas para os adultos em geral. O objetivo não deve ser tornar o cego um trabalhador perfeito, mas permitir-lhe ganhar a vida o mais rapidamente possível. (Idem, p. 111)

Para além disso, alvitrou em *Congres International pour l'amélioration du sort des aveugles* que “Este Congresso deveria produzir uma espécie de declaração dos direitos dos

cegos. Deveríamos nomear uma comissão para elaborar uma fórmula que estabelecesse os direitos dos cegos, uma fórmula a ser introduzida na lei". (p. 97). Mas consciente dos obstáculos a esta proposta salvaguardou-se dizendo:

> É evidente que não podemos fazer aqui leis que regulem os direitos dos invisuais, mas podemos exprimir os nossos desejos. Por isso, penso que posso manter a minha proposta, que não tem por objetivo alterar a lei, mas sim proclamar um princípio de equidade. (Idem, p. 97)

Asseverou também que "Não considero que o uso da estenografia entre os cegos seja útil ou enfadonho, porque na minha opinião é uma questão de importância secundária para a educação deles". (Idem, p. 161)





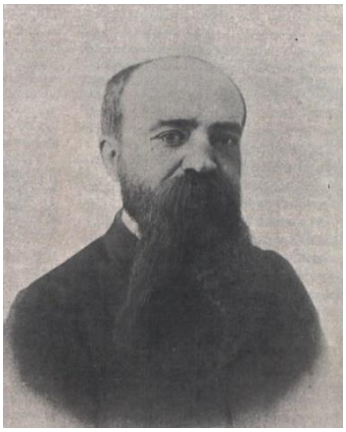


Imagem 1: Retrato de perfil do Dr. Aniceto Mascaró. Ilustração de T. Pablo, Xilografia Tomás Carlos Capuz (c. 1834-1899). [1873]

Imagem 2: Retrato do Dr. Aniceto Mascaró. Ilustração de Pastor. [1888]

Imagem 3: retrato do Dr. Aniceto Mascaró. Cliché de Photographia Central de Muñiz Martínez[26]. [1898]

De regresso a Lisboa, Aniceto Mascaró continuou envolto em polémica devido ao seu sistema, por isso o advogado Alfredo Ansur (1849-1927) escreveu a Sua Majestade, El Rei D. Carlos, a propósito da perseguição que lhe era injustamente feita:

[26] Fotógrafo com dois estúdios: um no Largo da Abegoaria, número 4 e outro na Rua Serpa Pinto, número 66, em Lisboa e que teve atividade entre 1872 e 1900.

> Poucas vezes terá subido à presença de Vossa Magestade, um processo tão nefando e nojento como este em que é recorrente o dr. D. Aniceto Mascaró licenciado em medicina e cirurgia pela Universidade de Barcelona, como prova o título incorporado nos autos. Mas, em casos excecionais como este, quando a mentira e a vingança mesquinha pretendem cegar Themis, para triunfarem abroqueladas com ela, o advogado faltaria ao seu dever mais imperioso e sacrossanto se lhe minguasse a coragem no combate em prol da verdade e da inocência ultrajada. São de tal quilate e tão revoltantes os abusos praticados contra o recorrente, que esta minuta devera ser traçada não a pena, mas com lança, não com tinta, sim com peçonha. (…) (Ansur, 1902, p. 1)[27]

No final da sua exposição ao monarca apresentou as vantagens do sistema Mascaró, e mostrou uma comparação entre o alfabeto Braille e o alfabeto Mascaró publicada no jornal parisiense *Siècle*, datada de 4 de setembro de 1902. Esta não era a primeira vez que Alfredo Ansur auxiliava Aniceto Mascaró. *Hommage à S. M. la Reine du Portugal* foi um documento por ele escrito à Rainha D. Amélia, em 1897 no sistema Mascaró, numa edição bilingue em Português e Francês.

Apesar de se deparar com obstáculos, Aniceto Mascaró não deixou desvanecer a sua vontade de ver o seu sistema amplamente divulgado e manteve o entusiamo em aprender com os seus pares a fim de se manter atualizado. Com esse intuito participou na Conferência Internacional de Cegos (*International Conference of the Blind*), assim como na Exposição, ambas realizadas no Central Hall, em Edimburgo, de 19 a 24 de junho de 1905. Para esse fim, imprimiu uma brochura em inglês sobre os princípios do seu pensamento, fazendo a apresentação do seu sistema para cegos e normovisuais, assim como da sua musicografia e explanando sobre os desenvolvimentos dos mesmos em Portugal. No seu regresso ofereceu um exemplar dessa brochura à então Biblioteca Nacional de Lisboa, atual Biblioteca Nacional de Portugal. Ao ler essas páginas tornam-se evidente os seus objetivos primordiais:

> A instrução do cego deve ser gratuita e obrigatória em todos os países civilizados. (...) A única forma de instruir bem o cego é tornando-o completo; este estado de perfeição só será alcançado com uma educação conjunta, do cego com os que vêem. (...) O método Mascaró para uso de cegos, aplicável a

[27] Documento truncado existente no espólio de Bernardino Machado.

> cegos e a videntes, é o único auxiliar possível para este objetivo, uma vez que permite aos estudantes normais e anormais, de seguirem os seus estudos enquanto usam os mesmos livros. (Mascaró, 1905, pp. 3-4)

Aniceto Mascaró faleceu em 25 de abril de 1906, durante o 15º Congresso Internacional de Medicina, decorrido em Lisboa de 19 a 26 de abril, na Faculdade de Medicina, ao Campo Santana, quando em plena sessão científica de oftalmologia, usando a palavra "para defender com tenacidade inabalável a causa do ensino dos cegos, caiu subitamente fulminado por congestão cerebral" (Uma tabuleta de médico que não paga imposto camarário, 1956, p. 166). A revista *Occidente* de 30 de abril de 1906 informou que "O enterro do dr. Mascaró saiu da Igreja do Hospital de São José e foi acompanhado por muitos dos congressistas que ainda se achavam em Lisboa" (p. 90). Com o seu falecimento desapareceu também o seu sistema para cegos e normovisuais.

REFLEXÕES FINAIS

No prefácio da obra *Em favor dos cegos!: duas palavras ácerca da sua instrucção* é afirmado:

> Foi tão largo o período em que aos cegos se atribuiu uma completa incapacidade que não é para estranhar que ainda hoje, muitas pessoas, aliás inteligentes e ilustradas, considerem como um facto extraordinário a instrução desses infelizes e julguem dificílimo se não impossível o aproveitamento do seu braço em um avultado número de indústrias. É a essas pessoas que este nosso humilíssimo trabalho se destina. (Carvalho, 1894, p. 3)

Esta era a ideia generalizada em relação ao cego. Não obstante, na conferência proferida por J. A. de Almeida Bessa no Asilo-Escola António Feliciano Castilho, ele descreveu a realidade estrangeira como sendo mais atenta aos cegos e criando estabelecimentos que os protegiam:

> Por toda a parte no estrangeiro, como já dissemos, se vêem sociedades de proteção ao cego trabalhador, escolas, oficinas, asilos com clínica oftalmológica e com estabelecimentos de trabalho, vindo atestar, bem claramente, que a proteção com a utilização, com o aproveitamento da

> atividade do cego, não é uma utopia de cérebros sonhadores! (Bessa, 1901, p. 9)

No seu íntimo, Aniceto Mascaró também não considerava essa realidade uma utopia. Por isso, com o intuito de aproveitar as capacidades dos cegos, ele criou um sistema para cegos e normovisuais e advogou que o ensino não devia ostracizar os cegos em asilos e em escolas de ensino especial onde estes só conviviam entre si. Pelo contrário, os cegos teriam muito a beneficiar se estudassem com alunos normovisuais. Esta foi a posição constante do doutor Aniceto Mascaró tanto em relação ao ensino na escola como em relação à aprendizagem de ofícios e posterior inserção na vida laborar. Para além disso, se os cegos tivessem um ofício, poder-se-iam emancipar economicamente, deixando a mendicidade a que muitos estavam votados. Defensor dos cegos, ele assegurava que "Os cegos devem gozar dos mesmos direitos e privilégios que os que vêem; a sua frequência nas mesmas escolas e oficinas é indicada como um meio natural de obter as vantagens consequentes" (Mascaró, 1905, p. 4).

Aniceto Mascaró trabalhou em prol dos cegos sem visar fins pecuniários. Contudo, muitos não entenderam a sua visão, por isso não encontravam vantagens em se colocar cegos e normovisuais nas mesmas escolas, nem sequer de usarem o mesmo manual escolar de ensino da leitura que servisse alunos com visão e sem ela. Mas o seu espírito não esmorecia. A sua perseverança e a sua convicção de ideias levaram-no a afirmar que:

> Estamos certos do triunfo final do Método Mascaró, apesar de todas as dificuldades e oposições que lhe sejam colocadas pelos "falsos amigos" dos cegos. Continuaremos a seguir o mesmo caminho nesta tarefa que nos impusemos e a vitória estará connosco em qualquer caso, com ou sem a sanção oficial, pois é nesta última e só nesta, que confiam os amantes da rotina e os exploradores dos cegos. (Mascaró, 1905, p. 6)

José de Albuquerque e Castro, professor do Instituto de Cegos de São Manuel, localizado no Porto, numa conferência proferida no Clube dos Fenianos Portuenses, a 29 de janeiro de 1951 organizada pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, disse em relação aos cegos, que "Toda a forma de descriminação, favorável ou desfavorável, é considera-los diferentes. E, enquanto eles forem olhados como diferentes, pouco ou nada se andará no

caminho da sua recuperação" (p 50). Pois meio século antes já o Dr. Aniceto Mascaró opinava o mesmo, mas foi incompreendido entre os seus pares.

Embora tenha criado em 1889 o Instituto Médico-Pedagógico Mascaró para Cegos onde os invisuais podiam ter acesso a vários tipos de instrução e aprender ofícios, Branco Rodrigues ao participar no Segundo Congresso Pedagógico organizado pela Liga Nacional de Instrução, realizado em abril de 1909 no qual na 4ª secção apresentou a III tese, subordinada ao tema "Anormais físicos - Ensino dos cegos" afirmou que até 1900 Portugal não tinha nenhum instituto onde se ensinassem cegos.

> Portugal não figura nesta lista, porque até aquela data não se tinha fundado no nosso país nenhum, instituto análogo aos que existiam em todas as nações civilizadas, onde os cegos pudessem iluminar o seu espírito e receber o ensino profissional que os habilitasse a ganhar a sua vida. (Liga Nacional de Instrução, 1909, p. 382)

Isto é uma evidência que o Dr. Aniceto Mascaró não tenha ganho, por parte de alguns eruditos, o devido reconhecimento pela sua obra.

Quanto à justificação da origem do seu sistema disse "As almas de Valentin Haüy e de Louis Braille estiveram na base da criação do sistema Mascaró para cegos e videntes" (Mascaró, 1905, p. 6). Detalhando acrescentou que:

> Louis Braille aperfeiçoou a escrita em pontos inventada por Barbier, oficial da artilharia francesa, que lhe deu o nome bastante poético de "escrita nocturna". Ao Dr. Mascaró (...) coube a honra de aperfeiçoar esta "escrita nocturna" de Barbier-Braille de modo a torná-la compreensível, e de a adaptar tanto a cegos como a videntes. (Mascaró, 1905, p. 6)

No início do século XX, apesar o Conselheiro Abel Pereira de Andrade, Diretor-Geral da Instrução Pública (1902-1906) ter decidido que o sistema Mascaró seria oficializado em Portugal, tal medida não foi avante e por isso foi apresentada uma petição do Sindicato dos Almocreves junto do Ministro do Interior (o Conselheiro Hintze Ribeiro) cuja indústria seria diretamente afetada por essa declaração oficial. Sem embargo, o falecimento do autor do sistema veio comprometer a projeção e oficialização desejadas. Por outro lado, o sistema Braille ganhava mais adeptos. Como atesta Brazil Silvado "O alfabeto Braille, que é o adotado em França, Suíça, Itália, Bélgica, etc. e mesmo em Inglaterra e Estados Unidos da América do

Norte" (1897, p. 6) é o sistema pelo qual são ensinados os cegos que frequentam o Instituto Benjamim Constant, situado no Rio de Janeiro. Tal como aí, em muitos outros institutos o Braille, gradualmente, passou a ser o sistema mais usado, conduzindo a que o sistema Mascaró nunca tenha alcançado o sucesso idealizado.

Não obstante, a memória de Aniceto Mascaró permaneceu viva na cidade de Lisboa. O iminente e emérito médico obstetra, Sebastião Cabral da Costa Sacadura (1872-1966), cinquenta anos após o seu desaparecimento, tece-lhe um rasgado elogio num artigo publicado na revista Olisipo, em julho de 1956, descrevendo-o como um homem "inteligente, culto, ativo e ousado" (p. 166). Refletindo, ainda, sobre a vida do Dr. Aniceto Mascaró, conseguiu concisamente dizer "O velho aforismo *Invidia medicorum pessima invidia est*, aqui se evidenciou claramente" (Idem, p. 166).

BIBLIOGRAFIA

Ansur, A. (1902). Um processo nefando! Lisboa: Typographia Rua Nova do Loureiro

Bessa, J. A. d'A. (1901). Asilo-Escola António Feliciano Castilho para a infância cega: inauguração de conferências públicas: algumas palavras. Lisboa: Typographia Eduardo Roza

Carvalho, A. M. de L. (1894). Em favor dos cegos!: duas palavras ácerca da sua instrucção. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora

Castro, J. de A. (1951). A educação dos cegos e a sua recuperação para a vida (aspectos fundamentais da assistência tiflologia). Porto: Imprensa Social

Deus, J. (1894). Algumas poesias suas pouco conhecidas (segundo opusculo). Barcelos: Typographia da Aurora do Cavado

Deus, J.; Mascaró, A. (1896). Hymno de amor. Lisboa: A. Mascaró

El médico-oculista Don A. Mascaró ante la opinión pública, ante la prensa y ante los tribunales. (1875). Lisboa: Editores Belem & Cª

Guerreiro, A. D. (2011). Literacia Braille e inclusão: Para um estudo histórico-cultural e científico da tiflografia, tiflologia, infotecnologia e equipamentos culturais em Portugal. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa

Guerrinha, D. de J. (2004). Uma luz na história - Joaquim Guerrinha (1913-1976). Um verdadeiro impulsionador da causa dos Cegos em Portugal. Lisboa: Edições Colibri

Leite, A. de O. (1892). Noticia acerca do Asylo-Escola Antonio Feliciano de Castilho para a infância cega e do ensino ahi ministrado. Lisboa: Typographia Gutenberg

Liga Nacional de Instrucção. (1909). Segundo Congresso Pedagógico. Lisboa: Imprensa Nacional

Mascaró, A. (1905). International Conference of the blind. Lisboa: Typ. Correa & Rapozo

Mascaró, A.; Camões, L. (s.d.). Sonetos… escritos para cegos pelo sistema do Dr. Mascaró. [Lisboa: s.n.]

Mota, M. (1932). Memória descritiva do Instituto de Cegos do Pôrto. Porto: Oficinas Gráficas de O Comércio do Porto

Rodrigues, B. (1880.). Methodo simultaneo de leitura e escripta: Livro do discípulo - primeira parte. Lisboa: David Corazzi Editor - Empreza Horas Romanticas

Rodrigues, B. (1878.). Coração: espelho d'outro: romancinho francez illustrado. Lisboa: Gabinete Litterario

Royaume de Belgique / Ministère de la Justice (1902). Congres international pour l'amélioration du sort des aveugles. Manage: Imprimerie de l'École Professionnelle

Saramago, J. (1984). O ano da morte de Ricardo Reis. Lisboa: Editorial Caminho

Silvado, B. (1897). Educação dos cegos: guia pratico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional

FONTES DOCUMENTAIS

Museu João de Deus, Correspondência para a família de João de Deus. A. P 1-28

Museu João de Deus, Correspondência para Guilhermina Battaglia Ramos. A. P 1-11

Museu João de Deus, Correspondência para João de Deus. A. P 1-7

Museu João de Deus, Correspondência para João de Deus. A. P 1-8

Sessão da Câmara dos Senhores Deputados de 11 de abril de 1871

JORNAIS

Aniceto Mascaró y Cós (1873, 16 de abril). *La Ilustración Popular*, nº 4, pp. 3-4

Aos estudantes de medicina da Universidade de Coimbra (1871, 26 de abril). *Jornal do Commercio*, p. [1]

Aviat será aqui (1876, juny). *La Llumanera de Nova Iork: revsita catalana de novas y gresca*, nº14, p. 3

Ben vingut (1876, octubre). *La Llumanera de Nova Iork: revsita catalana de novas y gresca*, nº17, p. 2

Charlatanice (1873, 17 de novembro). Jornal do Recife, p. [2]

Congresso Internacional para o melhoramento da sorte dos cegos (1900, 17 de março). *Diario de Noticias*, nº 12312, p. [1]

Congresso Internacional para o melhoramento da sorte dos cegos (1900, outubro). *Jornal dos Cegos*, nº 60, p.477-479

Cortesia Internacional (1871, 6 de abril). *Jornal do Commercio*, p. [2]

Deu generacions mediques d'una família catalana (2018) *Gimbernat: Revista d'Història de la Medicina i de les Ciències de la Salut*, vol. 69, pp. 71-88

Don Aniceto Mascaró Cos (apuntes biográficos) (1871, 25 de abril). *La Ilustración Española y Americana*, año 3, nº 12, p. 205

Don Emilio Selva y Rubí, Relator Secretario de la Audiencia Territorial de Barcelona (1900, 2 de junio). *La Dinastia*, nº 7991, p. 2

[Dr. Mascaró] (1870, 17 de novembro). *A Voz do Povo,* p. [2]

Faltan imitadores (1886, 8 de junho). *Boletin de Primera Enseñanza*, ano, 12, nº 23, p. 10-11

Hemos recibido de Don José Rubaudonadeu Corcelles. (1897, 4 de noviembre). *La Dinastia*, nº 6349, p. 3

Lo Doctor Mascsaró (1876, novembre). *La Llumanera de Nova Iork: revsita catalana de novas y gresca*, nº19, p. 2

Ocho generaciones médicas de uma família catalana (1972, enero-marzo). *Anales de Medicina y Cirurgia,* volume 52, nº 227, pp. 43-71

Pedagogía especial: La lectura-escritura para ciegos (1902, febrero). *La Escuela Moderna: Revista Pedagógica Hispano-Americana*, nº 131, pp. 153-160

Pedagogía especial: Procedimientos para la enseñanza de la aritmética á los ciegos: IV: El dualismo Mascaró - La caja poligonal (1893, diciembre). *La Escuela Moderna: Revista Pedagógica Hispano-Americana*, nº 33, pp. 423-425

Portugal y el doctor Mascaró (1882, 17 de junho). *El constitucional,* nº 159, p. 2

Protecção aos desvalidos: Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa alma portugueza: Os cegos: II (1906, junho). *Serões*, nº 12, pp. 483-496

Revue Mascaró pour aveugle et voyants (1898, janvier-juin). *La Revue Pédagogique*. Tome 32, pp. 368-370

Revista Mascaró, para ciego y videntes (1898, 25 de febrero). *La Revelación: revista espiritista alicantina*, ano 27, nº 2, p. 30

Sección judicial: parte de sentencia (1898, 13 de diciembre). *La Dinastia*, nº 6751, p. 2

Sección primera: (Gazeta del Domingo 7 de febrero de 1869, nº 38): Ministerio de Fomento. Decreto (1869, 19 de febrero). *Boletin Oficial de la Provincia de Segovia*, nº 23, p. 1

Theatro de S. Carlos (1892, 21 de janeiro). *António Maria*, nº335, p. 347

Uma tabuleta de médico que não paga imposto camarário (1956, julho). *Olisipo*, ano 19, nº 75, pp. 163-168

Variedades (1864, 15 de março). *Revista de sanidade militar española y extranjera*, nº5, p.101

XV Congresso de Medicina (1906, 30 de abril). *Occidente*, nº 984, pp. 90-95

MÚSICA

Keil, A.; Deus, J. (1889). [Saudação] [Música impressa]: para os cegos do Asilo António Feliciano de Castilho, cantarem no dia da inauguração, à entrada de El Rei D. Luis I. Lisboa: Neuparth & Cª

Keil, A. e Deus, J. (1889). [Saudação] [Música manuscrita]: para os cegos do Asilo António Feliciano de Castilho, cantarem no dia da inauguração, à entrada de El Rei D. Luis I, [S.l. : s.n.]

WEBGRAFIA

https://www.centrospalomar.com/index.php?option=com_content&view=article&id=107&Itemid=150&lang=english2

Uma Sociedade Em Equidade: Desafios De Uma Educação Democrática

Zélia Belo Torres, Ph.D

Doutorada em Ciências da Educação (Universidade de Málaga e ULisboa)

Pós-Doutorada em Ciências da Comunicação (CICANT/ECATI/Universidade Lusófona)

Investigadora e Membro dos Órgãos Sociais e dos Conselhos Científicos do CPTEI e Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência

E-mail:

> O desenvolvimento biopsicossocial, multissensorial e humano, bem como do consequente progresso do mundo global está dependente de uma conciliação (que deveria ser natural) de sinergias teórico/empíricas e humanas em torno dos conceitos de sentir e atuar, promover e implementar vontades e realizações numa perspetiva educomunicacional, pedagógica e cultural.
>
> Deodato Guerreiro, (2018:17)

Resumo:

Tendo em consideração a situação do mundo atual, onde os diversos meios de comunicação têm adquirido cada vez mais importância e têm dominado praticamente todos os setores da vida humana, compreender de que forma a comunicação entre famílias tem contribuído para equilibrar esta visão materialista da vida em sociedade, assim como qual tem sido a sua capacidade para responder aos diferentes problemas e desafios da vida moderna.
Respeitar e encontrar, nas diferentes perspetivas da filosofia familiar e escolar, os princípios comuns que refletem a missão da educação e que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo numa perspetiva multidimensional, segura, ao longo do seu processo de evolução e aprendizagem. O objetivo é esboçar novas perspetivas e propor estratégias de intervenção, como contributo de uma educação para todos numa sociedade em mudança.
Palavra-chave: Sociedade; Comunicação; Equidade; Educação.

Abstract
Taking into account the current world situation, where the various means of communication have become increasingly important and have dominated practically all sectors of human life, understanding how communication between families has contributed to balancing this materialistic view of life in society, as well as what their ability has been to respond to the different problems and challenges of modern life.
Respect and find, in the different perspectives of family philosophy and school, the common principles that reflect the mission of education and that contribute to the development of the individual in a multidimensional, safe perspective, throughout their process of evolution and learning. The objective is to outline new perspectives and propose intervention strategies as a contribution to education for all in a changing society.
Keyword: Society, Comumunication, Equity, Education.

Introdução

Vivemos num mundo em constante mudança, em grandes transformações. A sociedade atual enfrenta múltiplos desafios em todos os setores da sociedade. Estes desafios são comuns à diversidade cultural que faz parte de todo o sistema do nosso país democrático. Querer um sistema educativo inclusivo é querer criar as condições para que ele seja inclusivo, dado que nosso sistema educativo não foi concebido para ser inclusivo. Torná-lo inclusivo pressupõe um conjunto sensível de modificações em múltiplos aspetos da forma como a aprendizagem, o ensino, a organização e os objetivos da educação estão concebidos. Aqui – como em qualquer outra atividade humana – o simples desejo não é suficiente para que o que é desejado se consome, (Rodrigues, 2028).

Considerando a situação do mundo atual, onde os diversos meios de comunicação têm adquirido cada vez mais importância e têm dominado praticamente todos os setores da vida humana, é urgente compreender de que forma a comunicação entre todos os membros de uma sociedade tem contribuído para equilibrar esta visão materialista da vida atual, assim como qual tem sido a sua capacidade para responder aos diferentes problemas e desafios da vida moderna. Refletimos sobre os princípios comuns que refletem a missão da educação e que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo numa perspetiva multidimensional, ao longo do seu processo de evolução e aprendizagem, (Torres, 2021). É na escola que reforçamos esta aprendizagem, diversidade, equidade e inclusão são conceitos-chave interrelacionados, que devem estar presentes na reflexão-ação de todas as comunidades educativas. As nossas escolas refletem a sociedade em permanente mudança, devido a fenómenos como a globalização, as migrações, entre outros, teremos tendencialmente

escolas cada vez mais diversas, designadamente, em termos culturais, linguísticos, religiosos ou socioeconómicos. Considerando estas e outras dimensões da diversidade, as comunidades educativas devem assegurar a equidade, a "garantia de que todas as crianças e alunos têm acesso aos apoios necessários de modo a concretizar o seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento" e a inclusão, "o direito de todas as crianças e alunos ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos", (Decreto-Lei n.º 54/2018). Cada escola tem o compromisso de promover o acesso, a participação e o progresso de todas as crianças e alunos, eliminando barreiras e dando resposta às diferentes necessidades, interesses, expectativas e potencialidades, (Ministério da Educação, 2022:4).

Concordando com Pinto (2016:105), a sociedade é formada por pessoas diferentes que se constituem por diferenciadas formas de ser, pensar e agir. O comportamento manifestado de cada indivíduo reflete a cultura, os valores éticos, a classe social a que pertence, a educação formal e informal recebida. Ao propor a reflexão sobre a inclusão, é preciso compreender que normalmente já convivemos uns com os outros e que cada um tem um jeito diferente de ser, ou seja, por mais que exista homogeneidade nas relações sociais, é a questão da heterogeneidade que se destaca, evidenciando que as diferenças existem para nos aproximar, nos completar, enfim, que essa é a riqueza que temos: somos diferentes.

> Nos próximos tempos vai decidir-se grande parte do futuro da educação. Não podemos ficar indiferentes, contribuindo assim para o abandono de uma visão pública e comum e para o triunfo de perspetivas individualistas e consumistas da educação. Não é só o futuro da escola que está em causa, é mesmo o futuro da nossa humanidade comum. Nunca, como hoje, foi tão urgente uma educação que contribua para a democratização das sociedades, para a diminuição das desigualdades no acesso ao conhecimento e à cultura, para a construção de formas participadas de deliberação: decidir não é apenas escolher, é também agir e respeitar a decisão tomada coletivamente em nome de um interesse comum. A escola deve ser um espaço de liberdade, onde se aprende a valorizar o comum, (Nóvoa A. 2023:27).

Equidade numa sociedade democrática

De acordo com os fundamentos e princípios da Declaração de Incheon (2015), tendo como base e dando continuidade ao movimento de Educação Para Todos, a Educação 2030 leva em

consideração as lições aprendidas desde 2000. O seu foco centra-se no aumento e na expansão do acesso, na inclusão e na equidade, assim como na qualidade e nos resultados da aprendizagem em todos os níveis, no âmbito de uma abordagem de aprendizagem ao longo da vida. Esta perspetiva incentiva os profissionais a trabalhar numa base sustentável para os seus educandos, famílias e comunidade em geral. Debatemos uma Educação que se quer para todos, com todos e de todos, não deixando nas margens os que são menos "iguais", por razões de ordem intelectual, física, psicológica, racial, étnica ou religiosa. Derrubar o pré-conceito de que não é possível ensinar no mesmo grupo de crianças/jovens com diferentes níveis e/ou etapas de desenvolvimento, e mobilizar para a mudança, numa experimentação ativa e reflexiva que ajude a rever os nossos preconceitos. Os especialistas levam-nos, hoje, para a reflexão de problemáticas muito atuais e pertinentes dando sentido a um melhor enquadramento teórico e a um melhor suporte das práticas sociais e educativas.

> Inclusão e Equidade na e por meio da educação são o alicerce de uma agenda de educação transformadora e, assim, comprometemo-nos a enfrentar todas as formas de exclusão e marginalização, bem como disparidades e desigualdades no acesso, na participação e nos resultados de aprendizagem. Nenhuma meta de educação deverá ser considerada cumprida a menos que tenha sido atingida por todos. Portanto, comprometemo-nos a fazer mudanças necessárias nas políticas de educação e a concentrar nossos esforços nos mais desfavorecidos, especialmente aqueles com deficiências, a fim de assegurar que ninguém seja deixado para trás, (Declaração de Incheon, 2015:7).

É fundamental termos um modelo de governação e gestão organizacional que evolua de acordo com os novos desafios que enfrentamos. Queremos continuar a colocar as pessoas no centro da organização. Queremos ser capazes de inovar e aprender. Queremos comunicar para o desenvolvimento. Queremos continuar a assegurar uma gestão racional de recursos, associada a elevados níveis de eficácia, numa atitude de aperfeiçoamento constante e numa linha de gestão de qualidade. A educação inclusiva é uma resposta adequada e considerada como um direito face à diversidade presente entre os alunos (UNESCO 1997, 2000, 2001). As opções metodológicas subjacentes ao presente Decreto/lei 54-2018, assentam no Desenho Universal para a Aprendizagem e na abordagem multinível no acesso ao currículo. Esta

abordagem baseia-se em modelos curriculares flexíveis, no acompanhamento e monitorização sistemática da eficácia do contínuo das intervenções implementadas, no diálogo dos docentes com os pais ou encarregados de educação e na opção por medidas de apoio à aprendizagem, organizadas em diferentes níveis de intervenção, de acordo com as respostas educativas necessárias para cada aluno adquirir uma base comum de competências, valorizando as suas potencialidades e interesses. Para tal, as escolas veem reforçada a sua autonomia e a flexibilidade na mobilização de recursos e estratégias que promovam e assegurem a plena inclusão educativa de todos e de cada um dos alunos, no seu tempo próprio, no seu ritmo próprio. Parafraseando Paulo Freire,

> não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade (1992:78).

Gerar impacto social numa lógica de desenvolvimento sustentável é um desafio de elevada complexidade. Exige tempo, capacidade de análise e leitura do contexto, participação, competências especializadas, envolvimento de atores de muitas áreas e uma forte capacidade de adaptação e adequação à realidade. Exige capacidade de inovar e de aprender. A complexidade do mundo atual e os problemas das escolas, em que a crescente diversidade cultural da sua população e sua caracterização heterogénea coloca novos desafios à promoção da igualdade de oportunidades, “exigem” dos sistemas educativos respostas adequadas no sentido de promover cada vez mais a Escola Inclusiva.

O direito à educação é um direito universal do homem, porém para ser aplicado na íntegra implica grandes reformas ao nível dos conteúdos a privilegiar, das metodologias e dos materiais didáticos a utilizar no processo ensino-aprendizagem. Todas estas mudanças têm levado muitos Estados a repensar os seus sistemas educativos, configurando-se novas formas de encarar a educação, o ensino e a própria formação de professores com vista a uma escola do trabalho e da autonomia, do labor profissional e da iniciativa – uma escola útil para a vida.

> Considerando o Perfil dos Alunos à Saída da Escola, esta metodologia ativa, enquadra-se no desenvolvimento pessoal e autonomia do aluno, respeitando-o no seu potencial pessoal, psicológico, educacional e social. É um contributo para a formação de futuros indivíduos ativos numa sociedade exigente e em constante aprendizagem, (Ministério de Educação, 2017:26).

Segundo o Desenho Universal da Aprendizagem, a finalidade da educação não é tornar a informação acessível, mas ensinar os alunos a transformar a informação acessível em conhecimento aplicável. Décadas de investigação das ciências cognitivas demonstraram que a capacidade para transformar a informação em conhecimento não é um processo passivo mas, pelo contrário, ativo. Construir conhecimento útil para a tomada de decisão futura depende não só da mera informação que se perceciona, mas das capacidades de processar a informação, tais como participação seletiva, integrando nova informação em conhecimento adquirido, categorização estratégica, memorização ativa. O desenho e apresentação adequados da informação - responsabilidade de qualquer curriculum ou metodologia de ensino – pode oferecer os degraus necessários para que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento. Cast, (2011:10).

Como defende a Declaração de Incheon, a atenção renovada ao propósito e à relevância da educação para o desenvolvimento humano e a sustentabilidade económica, social e ambiental é uma característica definidora da Agenda da Educação 2030. Isso está embutido na sua visão holística e humanista, que contribui para um novo modelo de desenvolvimento. Essa visão vai além de uma abordagem utilitária da educação e integra múltiplas dimensões da existência humana. Ela entende a educação como inclusiva e crucial na promoção da democracia e dos direitos humanos, da cidadania global, da tolerância, do envolvimento da sociedade, bem como do desenvolvimento sustentável. A educação facilita o diálogo intercultural e fomenta o respeito pela diversidade cultural, religiosa e linguística, aspetos vitais para alcançar a coesão e a justiça social, (2015:7). A literatura sobre diferenciação pedagógica e prática inclusiva indica que os professores tendem a implementar pouco práticas de diferenciação pedagógica em sala de aula, sobretudo por questões relacionadas com as suas conceções e crenças (e.g., sobre educação, ensino, currículo, diversidade), com aspetos organizacionais da escola (e.g., recursos, apoios, tempo), com pressões da própria escola, dos encarregados de educação e das lideranças. O documento Perfil dos Alunos à

Saída da Escolaridade Obrigatória, (Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho), constitui-se como um referencial para o desenvolvimento curricular e para o trabalho a realizar em cada escola, respondendo aos desafios sociais e económicos do mundo atual, alinhados com o desenvolvimento de competências do século XXI, (República Portuguesa, 2017).

Como aconteceu em termos evolutivos e históricos ao longo dos tempos em Portugal, a atual legislação que regulamenta a Educação Especial, Decreto-lei 54/2018, surge ligada a alterações em termos educacionais, nomeadamente em termos de legislação, no que ao currículo escolar e sua gestão diz respeito. Paralelamente a este decreto, surge o Decreto-lei 55/2018, de 6 de julho, o qual confere às escolas uma maior autonomia e gestão flexível do currículo, ideia esta que está na base do atual decreto-lei que regulamenta a educação especial em Portugal. (Ministério da Educação, 2018).

Considerações finais

> A escola liga o passado, o presente e o futuro. Do passado traz saberes acumulados ao longo da história. O presente vive-se. Mas é também nele que é preciso descobrir os sinais que prefiguram o futuro. Estar atento a esses sinais é uma obrigação de quem desenha e implementa o currículo da escola. Concomitantemente, temos como talento, criatividade, inovação, colaboração, resiliência, coragem, integração de conhecimentos, ética, autoconhecimento, autoestima, aprendizagem contínua, abertura de espírito e aprendizagem coletiva flutuam também nas nossas conversas como capacidades indispensáveis para, no mundo presente e no futuro, poder ser-se bem sucedido, (Alarcão, 2018:67).

O mundo em que vivemos apresenta, de facto, mudanças rápidas e cada vez mais complexas. Na nossa perspetiva, é fundamental que as crianças e os jovens possam encontrar lugares de desenvolvimento das suas personalidades, das suas aspirações e dos seus caminhos, que lhes permita, por um lado, a certeza de pertencer a um lugar onde se é querido e estimado, para não sucumbir às ameaças do individualismo. É crucial que esse lugar seja aberto, amplo e dialogante, permitindo uma relação com todos os aspetos da realidade e da sociedade de que fazem parte, favorecendo todas as suas potencialidades, numa multiculturalidade que nos é

já familiar, ou seja, que proponham uma identidade tão clara quanto capaz de dialogar com todas as identidades e com todas as culturas.

A legislação atual assume-se como primordial e veicula uma educação de qualidade e igualdade de oportunidades, com uma grande diversidade de respostas educativas e um leque variado de metodologias e estratégias, que melhor facilitem o processo ensino-aprendizagem dos alunos. Todas estas medidas legislativas configuraram em termos evolutivos um avanço importante para a modificação e modernização do sistema, quando acompanhadas pela organização de estruturas (políticas e sociais) de apoio às escolas, contribuindo para uma escola que se quer verdadeiramente inclusiva.

Com as alterações propostas por esta nova legislação criam-se condições para que a escolas portuguesas possam elevar os seus padrões de qualidade das diferentes ofertas de educação e formação. É preciso abrir os sistemas de ensino a novas ideias. Em vez da homogeneidade e da rigidez, a diferença e a mudança. Em vez do transbordamento, uma nova conceção da aprendizagem. Em vez do alheamento da sociedade, o reforço do espaço público da educação, Nóvoa (2009).

Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (2018). A Escola e o Mundo. In PALHARES, L. (Ed. (2018). Elo25 – memória, identidade e desafios. Revista ELO. Guimarães: Centro Formação Francisco de Holanda.

Cast. (2011). *Desenho Universal de Aprendizagem*. Princípios Orientadores. Wakefield, MA: Author.

Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Guerreiro, A. D. (2018). Dicionário de Conceitos. Nomes e Fontes para a Inclusão. Humanizar a Vida em Cidadania e no Prazer Solitário de Existir. EDLARS – Educomunicação e Vida.

Ministério da Educação. (2017). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho criado nos termos do Despacho n.º 9311/2016, de 21 de julho.

Ministério da Educação. (2018). Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho de 2018. *Diário da República, 1ª série – N.º 129.* Lisboa.

Ministério da Educação. (2022). Conjunto de Materiais: educação inclusiva – Projeto Educação Inclusiva. Direção – Geral da Educação.

Nóvoa, A. (2009). Educação 2021: Para uma história de futuro. Universidade de Lisboa.

Nóvoa, A. (2023). Transformar a Escola. In Palhares, L. (2023). Dinâmicas de (Trans) Formação. Revista ELO 30. Guimarães: Centro de Formação Francisco de Holanda. Pp 27-28.

Pedroso, J. V. (2018). Para uma Educação Inclusiva – Manual de Apoio à Prática. Ministério da Educação. Direção-Geral da Educação. Lisboa.

Pinto, G. H. S. (2016). A Ação do Coordenador Pedagógico na Educação Inclusiva. In Bentes, J. A. G.; Santos, I. C. F. e Almeida-Silva, P. (Org.). (2016). Anais do II Seminário Linguagens, Tecnologias e Práticas docente. Brasil – Belém – pa: PPGED-CCSE.

Rodrigues, D. (2018). Inclusão, o desejo e a necessidade. *Público*. 22 outubro 2018.

Torres, Z. (2021). Educomunicação Parental: Factor de sucesso escolar inclusivo nos Adolescentes. Edições Universitárias Lusófonas/ULHT.

UNESCO. (2015). *Declaração de Incheon.* Educação 2030: Rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos. Coreia do Sul.

Causa Maior: Caminho de Equidade e de Inclusão

Alberto Manuel Trovão do Rosário, Ph.D

Doutorado em Motricidade Humana

Universidade de Lisboa (UL)

Presidente do Conselho de Administração da ONGD Causa Maior

Presidente da Assembleia Geral e Membro do Conselho Científico do CPTEI

E-mail: trovão.rosário@gmail.com

Fernanda Maria Souto Bessa, Ph.D

Doutorada em Engenharia Florestal

Universidade de Lisboa (UL)

Secretária-Geral da ONGD Causa Maior

Vice-Presidente da Assembleia Geral e Membro do Conselho Científico do CPTEI

E-mail: fbessa@isa.ulisboa.pt

RESUMO:

A ONGD CAUSA MAIOR concebeu e realizou, conjuntamente com a Fundação Nossa Senhora da Esperança, Castelo de Vide, três cursos de Orientação e Mobilidade Básica para cegos e normovisuais, no interior de uma área escolar e de residências. Dois dos cursos destinaram-se a Cabo Verde, partilhado por alunos do Instituto Politécnico de Portalegre e o terceiro destinado a S. Tomé e Príncipe. As emissões transmitidas para Cabo Verde foram retransmitidas para as ilhas de Santiago, S. Vicente e Maio.
Todos os cursos respeitaram os conceitos matriciais da Ciência Tiflológica igualmente seguidos pela ONGD CAUSA MAIOR que são escoras da atividade social que promove como a Inclusão e a Equidade.

PALAVRAS-CHAVE: Equidade, Inclusão, Solidariedade, Formação, Tiflologia, Cientificidade

ABSTRACT:

The NGO CAUSA MAIOR conceived and conducted, together with the Foundation Nossa Senhora da Esperança de Castelo de Vide, three courses on Orientation and Basic Mobility for blind and visually impaired individuals, within a school and residential area. Two of the courses were intended for Cape Verde, shared by students from the Polytechnic Institute of Portalegre, and the third was intended for São Tomé and Príncipe. The broadcasts transmitted to Cape Verde were relayed to the islands of Santiago, São Vicente, and Maio.
All courses adhered to the foundational concepts of Tiflological Science, equally followed by the NGO CAUSA MAIOR, which are pillars of the social activity it promotes such as Inclusion and Equity.

KEYWORDS: Equity, Inclusion, Solidarity, Training, Tiflology, Scientificity

Recebemos o convite, que muito nos honrou, do Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro para escrevermos um artigo para a revista "Tiflologia e Equidade no Mundo da Vida". O texto deveria versar o trabalho promovido por esta associação na conceção e realização de cursos que visariam a Orientação e a Mobilidade das Pessoas Cegas que tiveram lugar em Cabo Verde e em S. Tomé e Príncipe.

O convite foi, de outra forma não podia ser, logo aceite para o que contribuíram três argumentos muito fortes: partiu de um amigo que admiramos e respeitamos, seria uma oportunidade para participarmos num elenco constituído por cientistas e técnicos de alto gabarito e porque o tema se adequa aos objetivos da Causa Maior. E são claros estes objetivos porque a Causa Maior atua "nas áreas da Educação, da Formação, da Investigação e da Tecnologia", sempre tendo no horizonte os benefícios sociais que a sua ação possa atingir. Não descura a possibilidade do estabelecimento de formas de colaboração com entidades dos diversos países para as populações dos quais vem trabalhando.

Tivemos o grato ensejo de contar com a prestimosa colaboração de um alargado conjunto de personalidades e organismos, quer em Portugal quer nos países, onde se situavam os recetores das ações de formação, todos eles contactados previamente. Sem eles não teria sido possível avançarmos, tendo em consideração não só as distâncias a vencer como os obstáculos que, dadas as circunstâncias, os meios técnicos poderiam colocar.

Após a recolha das informações colhidas em ambos os países e depois de garantidos os apoios das entidades locais, públicas e privadas, tiveram lugar, depois de contactos estabelecidos

através da Internet, reuniões com as associações representativas dos cegos: em Cabo Verde com a ADEVIC- Associação dos Deficientes Visuais de Cabo Verde e em S. Tomé e Príncipe com a ACASTEP- Associação dos Cegos e Amblíopes de S. Tomé e Príncipe.

Igualmente foi acordada com o Instituto Politécnico de Portalegre a forma como alunos da instituição participariam, presencialmente, das aulas do primeiro curso.

A exigida cientificidade destes cursos foi garantida por um corpo docente de alto gabarito constituído pelo Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro, pelo Mestre Júlio Damas Paiva e pela Mestre Maria de Fátima Vieira, tendo os dois primeiros, além de terem coligido os programas que serviram de guião aos cursos, ministrado presencialmente as aulas conjuntamente com a Mestre Maria de Fátima Vieira. A reunião de cientistas muito prestigiados neste domínio lembra a frase de Buffon: "a vocação do Homem científico é consumir tudo quanto lhe for possível", extrato do livro "O Homem perante a Ciência". Acrescentemos uma cogitação do nosso bem conhecido Karl Popper: "O bem mais precioso do Homem são as ideias", extrato do livro "Sociedade Aberta Universo Aberto". E ele bem o provou ao longo de uma vida de mais de noventa anos…

As ações de formação foram realizadas nas instalações da Fundação Nossa Senhora da Esperança donde foram emitidas tendo sido recebidas na Reitoria da Universidade de Cabo Verde (UniCV) graças à prestimosa colaboração da sua Reitora Professora Doutora Judite Nascimento. Daqui, foram retransmitidas para organismos sediados nas ilhas de Santiago, S. Vicente e Maio.

A receção no Centro de Formação à Distância da UniCV, no Campo do Palmarejo da Cidade da Praia, bem como a retransmissão para as ilhas de S. Vicente e do Maio foi garantida pelo técnicos da Universidade em especial pelo Eng. Celestino Barros.

Também em S. Tomé e Príncipe a Presidência da República, graças à intervenção do seu Presidente, Exmo. Senhor Evaristo do Espírito Santo Carvalho e à colaboração dos assessores e técnicos da Presidência, recebeu a emissão produzida em Castelo de Vide.

Após reunidos os elementos considerados necessários para que os cursos se realizassem com rigor, inclusivamente no tocante às inscrições que foram recolhidas nos locais onde havia conhecimento de que neles habitavam deficientes visuais pelas respetivas associações, foram concretizados os seguintes cursos:

- Nos dias 10 e 11 de março de 2017- I Curso de Orientação e Mobilidade para Cegos e Normovisuais, dirigido a Cabo Verde.
- Nos dias 28 e 29 de setembro de 2018 – I Curso de Orientação e Mobilidade para Cegos e Normovisuais, dirigido a S. Tomé e Príncipe.
- Nos dias 8 e 9 de fevereiro de 2019 - II Curso de Técnicas e Processos de Ensino de Orientação e Mobilidade Básica no Interior da Escola e da Residência, dirigido a Cabo Verde.

As sessões de formação tiveram, quer nas três ilhas de Cabo Verde quer em S. Tomé, a participação de dezenas de interessados, sempre em número superior ao inicialmente previsto, o que merece menção porque, quer a sensibilização quer a mobilização dos cegos que, em muitos casos, viviam isoladamente e em locais afastados dos locais onde as emissões foram recebidas, se revestiram de naturais dificuldades.

Relativamente aos conteúdos dos cursos que foram ministrados, recordo alguns trechos de um texto elaborado pelo Mestre Júlio Damas Paiva, com a devida vénia, no qual expõe, de forma clara e sistemática, os conceitos a construção dos programas que foram cumpridos, quer nos cursos de Cabo Verde, quer no curso de S. Tomé e Príncipe.

Refira-se que, as notas em seguida transcritas, tiveram como mais diretos destinatários, os acompanhantes de cegos e de amblíopes.

“O sucesso da mobilidade reflete o papel essencial que o movimento possui nos vários aspetos da vida”.

“Uma mobilidade independente facilita uma participação total no programa educativo”.

“Daqui, que os fundamentos teóricos para a orientação e mobilidade para a pessoa cega deva considerar:

- O corpo e as sua relações com o espaço, direccionalidade, distâncias, técnicas sociais básicas, noções corporais e desenvolvimento dos outros sentidos para o desenvolvimento harmonioso do corpo.

Uma vez concluídas as sessões, foram auscultados os pareceres dos diferentes intervenientes, não só os destinatários como os docentes, como os técnicos como ainda as entidades envolvidas na organização. Foi quase unânime a opinião de que, no geral, os cursos atingiram os objetivos planeados, tendo sido ultrapassadas as limitações próprias da especificidade da temática e a inexistência de experiência anterior. As lacunas apontadas e os imponderáveis

problemas técnicos que houve que ultrapassar foram devidamente registados para que, em edições futuras, possam ser evitados ou minorados.

Foi elaborado um inquérito que no final foi distribuído pelos formandos, com vista à obtenção dos pareceres dos mesmos relativamente à forma e conteúdo da ação de formação que frequentaram.

Em seguida se enunciam os resultados dos referidos inquéritos relativamente aos pontos fortes da formação:

- Frequência, em simultâneo, de pessoas de lugares diferentes;
- Sensibilização para estes assuntos;
- Explicação muito clara dos conteúdos;
- Componente prática muito importante;
- Como trabalhar com pessoas cegas;
- Experimentar os problemas das pessoas invisuais;
- Vídeos seguidos de prática;
- Curso gratuito.

Também relativamente à importância deste curso, os comentários foram:

- Curso de muita importância pois permite-nos trabalhar com alunos invisuais e utilizar as técnicas básicas para os ajudar na orientação, no dia a dia;
- Para ajudar os cegos na sua caminhada, evitando acidentes;
- Capacitação na ajuda aos cegos a enfrentar a vencer os desafios do quotidiano;
- Alertou para que se tomem medidas mais inclusivas;
- Se alguma vez estiver nesta situação de cegueira, sentir-me mais autoconfiante e mais independente;
- Ajudar corretamente na autonomia;
- Sensibilização para este tema tão importante;
- Ajudou-me a perceber o que os cegos sentem.

Tendo sido levantada a questão relacionada com as técnicas básicas, foram analisadas e discutidas as seguintes: o quotidiano de um cego, autonomia, sensibilização, autoconfiança, independência, ajudas na orientação, medidas mais inclusivas e o enfrentar a vencer os desafios do dia a dia.

Por fim, auscultados os formandos, 43% solicitou mais informação relativamente à informática para cegos, 29% aprendizagem da linguagem Braille, 14% pretendem mais formação nas técnicas de mobilidade e 14% aprendizagem geral para cegos.

Olhemos agora para as origens remotas destas ações de formação. Nasceram da colaboração que se foi progressivamente alargando entre a ONGD CAUSA MAIOR, a Fundação nossa Senhora da Esperança de Castelo de Vide e o CPTEI- Associação Centro Português de Tiflologia. Teve, por sua vez, esta, início nos estabelecidos quer pela Professora Fernanda Bessa quer pelo Professor Trovão do Rosário com o Professor Deodato Guerreiro, docentes da mesma instituição universitária na última década do século passado. A defesa dos mesmos valores sociais e culturais e o desejo de se baterem por eles, daria origem à participação de cada um em eventos científicos inspirados e organizados pelos restantes. E, enquanto os dois primeiros se empenharam na conceção e posteriormente na vida da ONGD CAUSA MAIOR, O Professor Deodato Guerreiro, por vezes através da Universidade Lusófona, esgrimia argumentos e batia-se pela cidadania da Tiflologia.

Nalguns eventos de maior relevância, participaram os três. A título de exemplo, cito alguns vividos em períodos distintos:

- IX Seminário Internacional / MCATA-DCC-ECATI-ULHT / CPLP "As pessoas cegas e com baixa visão na CPLP: Educomunicação Inclusiva em Intervenção Precoce, Vida e Empregabilidade, Desafios e Propostas no Séc. XXI". Universidade Lusófona em Lisboa, de 1 a 3 de junho de 2017.

A Professora Fernanda Bessa proferiu uma comunicação oral sobre o tema "*ONGD Causa Maior: Propostas e Desafios em Portugal e na CPLP*", integrada a intervenção no IV Painel – ONGD Causa Maior em Articulação com Outras Instituições no desenvolvimento de Projetos Educativos / Formativos (também na área da Tiflologia) em Portugal e na CPLP. O Professor Trovão do Rosário foi o moderador deste mesmo Painel IV.

- I Congresso Internacional "Ciência e Tiflologia – "*A cegueira em contexto científico*". O Professor Trovão do Rosário moderou o 1º painel com o tema "Educomunicação, Arte e Cultura e a Professora Fernanda Bessa moderou o 3º painel intitulado: "*Ciência e Tecnologia na Engenharia da Habilitação / Reabilitação, Acessibilidades e Usabilidade*". Castelo de Vide, Fundação Nª Senhora da Esperança, dias 15, 16 e 17 de junho de 2021.

- IV Workshop sobre “Recursos Educativos Para a Ciência e a Cidadania - Prática de Elaboração de Materiais Educativos para a Tiflologia”. A Formação da Professora Fernanda Bessa centrou-se numa “Breve Introdução à Musicografia Braille”. Ação de formação em regime *online* pelo Centro Português de Tiflologia, Equidade e Inclusão (CPTei), incluída no Projeto vencedor do 12º Prémio Ibermuseus de Educação. Público-alvo; profissionais associados à acessibilidade; técnicos de museus e centros culturais; estudantes, investigadores e professores da área cultural. Dias 29 e 30 de setembro de 2023.

Entretanto, a ONGD CAUSA MAIOR, no respeito pelos seus estatutos e pelos objetivos que estiveram na origem da sua criação, formalizou as já estreitas relações com a Fundação Nossa Senhora da Esperança através de Protocolo assinado em 24 de julho de 2018, enquanto o seu Presidente e a sua Secretária-Geral assumiam no CPTEI- Centro Português de Tiflologia, criado em 8 de maio de 2019, respetivamente as funções de Presidente e de Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

O entrosamento das vontades dos responsáveis por estes organismos vem constituindo uma forma de remar contra a maré que se refugia em comodismo e indiferença face aos problemas sociais que assolam a humanidade.

De cima de velhas cátedras, do topo dos impérios das moedas ou dos tronos políticos, surge o veredicto seco e sobranceiro apontado a estes e a muitos outros homens de boa vontade: o que querem fazer é utópico, é irrealista e não se coaduna com os hábitos e os interesses dos comuns seres humanos.

Sempre as utopias esbarraram com tais muralhas, mas muitos dos sucessos alcançados pelo Homem na sua luta pelos direitos dos seus irmãos nasceram justamente de utopias olhadas com pouca indulgência. Um tanto a propósito, Jean Caillaud no seu “O Computador na Catedral” congeminava: “A irracionalidade é a verdadeira via para o conhecimento”.

Indiferentes ao marasmo e à incompreensão, o CPTEI, a Causa Maior e a Fundação Nª Sra. da Esperança prosseguiram no cumprimento da missão de dignificarem a vida dos mais desprotegidos, apoiando-os e criando condições para que a Sociedade respeite plenamente os seus direitos de cidadania, tantas vezes esquecidos, mormente no tocante ao esbatimento dos falsos argumentos que travam a sua inclusão social.

Na sua área de intervenção mais específica a Causa Maior sempre se apoiou nos ensinamentos das Ciências, em especial das Ciências Sociais, sendo oportuno recordar que Albert Einstein, homem das Ciências Exatas, em particular da Física e da Matemática, afirmou, segundo Abbagnano, na sua "Historia da Filosofia" que "não podemos falar de ciências que tenham por objeto a matéria e de ciências que tenham por objeto o espírito".

Como corolário destes conceitos e na sequência de múltiplas ações já implementadas, a Causa Maior decidiu promover a realização de cursos que visassem a melhoria da qualidade de vida dos cegos dos Países de Língua Oficial Portuguesa e, concomitantemente, a sua inclusão social, contando com a existência de contactos frequentes com entidades desses Países, estabelecidos em especial pela Profa. Doutora Fernanda Bessa, Secretária-Geral da associação.

Como seria de aguardar, logo o Prof Doutor Deodato Guerreiro se prontificou a apoiar a projeto e a criar as bases científicas à sua rigorosa concretização.

Com presteza, juntaram-se à iniciativa diversas entidades, que se prontificaram a contribuir, de diferentes modos, para que os cursos delineados fossem concretizáveis. Acentue-se que, se muitas foram as colaborações que se revestiram de indubitável préstimo, a que se revelou mais determinante foi a oferecida pela Fundação Nossa Senhora da Esperança, de Castelo de Vide. Os cursos realizados não se poderiam ter conhecido o êxito que alcançaram se a Fundação não tivesse generosamente colaborado, o que se ficou a dever a todo o seu pessoal, nomeadamente técnico, devendo ser mencionado o labor desenvolvido por David Vaqueiro e, em especial, ao seu Diretor, Dr. João Palmeiro.

Ao avançarem, em conjunto, seguiram o lema, vindo de muito longe e de há muito tempo, de Lao Tsé, citado por Carl Rogers em "tornar-se pessoa "A maneira de agir, é ser". Séculos depois, o nosso contemporâneo Heidegger diria, citado por Habermas, que: O Homem é o pastor do ser e "pensar pertence ao ser" e, mais subtilmente: "O pensamento está "atento" ao destino do ser".

A tarefa, por multifacetada e distribuída por três países, num dos quais destinada a três ilhas, só poderia ser encarada com o recurso à tecnologia *on-line*, o que só seria possível concretizar com o apoio das entidades locais, dos meios que pudessem disponibilizar e dos técnicos abalizados dispostos a participar da iniciativa. Verificar-se-ia que também neste caso todos os convidados a participar o fizeram interessada e competentemente, desde os Reitores das

Universidades de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe aos técnicos responsáveis pelas emissões feitas a partir de Castelo de Vide, quer os que asseguraram as receções nas ilhas de Santiago, S. Vicente, Maio e S. Tomé.

Devemos, com justiça, salientar, igualmente, o trabalho, empenhado e rigoroso das associações de cegos e amblíopes de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe, respetivamente a ADEVIC e a ACASTEP.

Se, no tocante à forma tudo o que se apresentou como possível foi cuidado, também o conteúdo dos cursos foi objeto de exigência atendendo não só às características destas ações como à necessidade de que os ensinamentos fossem transmitidos em termos facilmente acessíveis e objetivos, o que foi tido em linha de conta pelos docentes, como seria de esperar.

Em seguida se transcreve o Programa do I Curso.

CURSO ONLINE DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA INVISUAIS E NORMOVISUAIS

1º Ciclo de Formação

O projeto de sensibilização aos problemas de Orientação e Mobilidade (OM) com formação a distância, de um primeiro módulo com conteúdos que pretendem dar a conhecer:

"Técnicas e processos de ensino de OM básica no interior da área da escola e da residência",

Os espaços ideais para a realização, são os seguintes: a sala de conferência onde estarão sentados, um espaço exterior ou interior amplo, livre de objetos, para aprendizagem das primeiras técnicas de adaptação às vendas; um espaço com uma cadeira e posteriormente com duas filas de 5 cadeiras para simbolizar um auditório; corredor com portas; escadas com degraus regulares; salas para exploração. Se não for possível arranjar estes espaços a multiplicar por 2 (2 grupos de 6) há que adaptar e arranjar a melhor solução para o problema.

Metodologia: A apresentação dos conteúdos no decorrer da emissão online, ocorrerá não só numa base expositiva, mas será, sempre que possível, acompanhada com textos complementares da informação ministrada e atividades práticas em Orientação & Mobilidade em suporte vídeo.

Em termos pedagógicos, as estratégias selecionadas para este estudo assentam no pressuposto de que o docente de educação especial é um mediador da aprendizagem do aluno. No desenrolar deste processo de ensino-aprendizagem considera-se fundamental que os formandos conheçam e desenvolvam os conteúdos programáticos através da aplicação dos modelos de observação e de avaliação.

As duas horas finais com conteúdos relacionados com a caracterização da DV, desenvolvimento sensorial e formas de comunicação, serão dadas pelo Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro.

Para simplificar e melhor enquadrar no tempo e como temos um conjunto de 16 itens, dividimos 2 itens por cada 50 minutos (10 para intervalo) com a seguinte forma:

15minutos para emissão de 2 técnicas; 20 minutos para execução prática nos locais; 15minutos para interação.

Técnicas básicas de guia:

1. Apresentação. Caracterização da DV e da OM (breve história)

Caminhar com guia- rodar

2. Frente a frente – (mudança de direção - face a face)

Passagens estreitas

3. Troca de braço – (troca de lado)

Sentar – Localização de cadeiras

4. Passagem de portas

Subir e descer escadas

Aceitação e recusa de ajuda

Técnicas de proteção:

5. Proteção superior

Proteção inferior

6. Caminhar com proteção

Deslizar com a mão pela parede e objetos

7. Alinhamento e enquadramento

Localização de objetos caídos

8. Localização de objetivos

Exploração de salas e edifícios

Método para cumprimentar pessoas

Os conteúdos teóricos sobre OM que fazem parte do programa, serão dados em ocasiões que se enquadrem com o diálogo resultante das práticas.

Ação de formação que visa, sob conceção e organização da ONGD Causa Maior, melhorar a qualidade de vida dos invisuais de Cabo Verde.

Os responsáveis pedagógicos e científicos por esta ação são o Prof. Doutor Deodato Guerreiro e o Prof. Júlio Damas Paiva.

No final foi enviado, a cada formando, o Certificado de Participação personalizado.

Acentue-se que a conceção deste e dos outros cursos teve como referência permanente um conjunto de conceitos balizadores: Tiflologia, Inclusão e Equidade, conceitos todos firmados na mesma matriz e respeitados pelas instituições envolvidas nestas iniciativas.

Daqui que tenha razão de ser o recordarmos a frase do grande Montaigne: "A finalidade do ensino não é encher um vaso, é sim acender um fogo". Isto é: houve, em cada caso, a preocupação de não encarar os frequentadores dos cursos como nomes escritos mecanicamente num papel mas como sujeitos de uma oração que foi olhada com o rigor de quem quis ajudar os seus semelhantes a valorizarem os seus próprios futuros através da melhoria das competências que a natureza lhes ofereceu possibilitando-os assim a alcançarem na sociedade o lugar que, por direito é o seu.

Bem anda o Prof. Deodato Guerreiro quando, sempre que para tal surge oportunidade, chama a atenção para o cumprimento de uma tarefa que é de todos nós e que filósofos e ideólogos apregoam, muitas vezes com pouco sucesso: a de nos batermos pela equidade. Uma equidade que não seja parcelar nem nasça de artificiais e hipócritas calculismos políticos. Recordemos, como que num gesto de homenagem que, já no fim do séc. XVIII, foi redigida e difundida a primeira versão da Declaração dos Direitos do Homem que começava por afirmar corajosa e frontalmente que "todos os Homens nascem iguais em Direitos…".

Por tudo isto, na conceção dos cursos, esteve sempre presente este abraçar de todos os homens e de todas as latitudes, o que foi sentido pelos participantes de Portugal, de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe.

Lembro aqui um ensinamento do grande filósofo nosso contemporâneo Edgar Morin: "sociedade e individualidade não são realidades separadas que se ajustam uma à outra, mas existe um ambisistema complementar e contraditoriamente, indivíduo e sociedade são constituintes um do outro, ao mesmo tempo que se parasitam entre si".

Os ensinamentos colhidos e pontualmente já transcritos serviram de guião quando da elaboração do programa do curso destinado aos Cegos e Amblíopes de S. Tomé e Príncipe.

Teria este lugar nos dias 28 e 29 de setembro de 2018, tendo sido emitido a partir da Fundação Nossa Senhora da Esperança, como o anterior e recebido na Presidência da República deste país, graças à colaboração eficiente e empenhada do Presidente da República, Senhor Evaristo Carvalho e à competência dos seus assessores e técnico Jorge Caetano.

O Presidente e a Secretária-Geral da Causa Maior deslocaram-se antecipadamente a S. Tomé tendo contactado diretamente com altas entidades, com relevo para o Senhor Presidente da República, Evaristo Carvalho, a Senhora Reitora da Universidade Lusíada de S. Tomé e Príncipe, Profa. Doutora Fernanda Pontífice e do Presidente da entidade instituidora desta universidade.

Naturalmente, reuniram-se com a direção da ACASTEP, tendo sido assinado na oportunidade um protocolo que formalizou as relações entre esta e a Causa Maior.

Ainda contactaram com diversos organismos, em especial das áreas da educação e dos serviços sociais, com vista a ampliar a base de apoio de que, a propósito deste curso ou de outras futuras iniciativas, possam vir a ser úteis desde que no respeito pelos valores que são defendidos pelo CEPTEI, pela Causa Maior e pela Fundação Nossa Senhora da Esperança.

Esta edição decorreria conforme fora planeada tendo reunido pareceres favoráveis generalizados quer das entidades organizadoras quer dos destinatários.

Adotando o modelo de organização, experimentado nas duas edições realizadas, as instituições implicadas decidiram levantar um novo projeto: o II Curso de Orientação e Mobilidade. Este II Ciclo de Formação visou a transmissão de Técnicas de Ensino de Orientação e Mobilidade Básica no Interior da Área da Escola e da Residência.

No final do curso, os alunos mostraram o seu agrado pela forma como tinha decorrido, tendo salientado que a aplicação dos conhecimentos adquiridos lhes trará maior autonomia e, consequentemente, melhor qualidade de vida.

CONCLUSÕES

A ONGD Causa Maior regozija-se com os resultados obtidos com a realização destas ações de formação que só foram possíveis pela elevada competência e dedicação de todos os

envolvidos, dos que integraram o corpo docente aos técnicos e a todos quantos quiseram, nos diversos locais, prestar a sua generosa colaboração.

Recensões Críticas de Livros Publicados na Área da Tiflologia

Recensão Crítica do Livro Feliz na Escuridão, de Pepe Guimarães,

Elaborada por

Manuel da Costa Leite

D.Phil, Cognitive and Computing Sciences

The University of Sussex, UK

Investigador e Membro dos Conselhos Científicos do CPTEI e Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência

E-mail: manueldacostaleite@gmail.com

Título: Feliz na Escuridão
Autor: Pepe Guimarães
Ilustrações e Edição: César Machado
Local de Edição: s/ local.
Data de Edição: s/ data.
Publicação em tinta.

Começo por aquilo que porventura poderia ser o fim, em conclusão:
excelente livro, **excelente edição**.
E mas vamos à analítica.
Procedamos à análise e à avaliação da estrutura e dos conteúdos do livro.

Estrutura:
Introdução
Capítulo 1
Descoberta inesperada

Capítulo 2

A Sensibilidade do Tejo

Capítulo 3

Retalhos

Capítulo 4

No Asilo [+ Alfabeto braille [intercalado]]

Capítulo 5

No Colégio

Capítulo 6

A sensibilidade do Fernandinho

[+ Apelo das Crianças [no final]]

Conclusão

[+ Testemunhos]

[+ Sobre o autor:]

[+ Nota de gratidão e louvor]

Nota-se que a coluna vertebral da estrutura do livro pretende-se que seja e são os 6 capítulos, genericamente ordenados segundo uma ordenação temporal biográfica, dos primeiros tempos desde o nascimento de Fernandinho até à frequência do Liceu, inclusivé. O Fernandinho é uma personagem aparentemente ficcionada mas que assenta obviamente, o leitor compreende logo que sim, que assenta na vida do Autor real, José Francisco Magalhães Machado, sob pseudónimo literário do Autor literário, Pepe Guimarães.

Um Título substantivo.

O título, *Feliz na Escuridão*, começa logo por dizer ao que vem, e no tom que quer; ou seja, no tom no qual quer perseverar, ou seja ainda, no tom no qual quer que tudo se inscreva e se toque; dá uma chave, uma clave de abertura diríamos em Música [e de Sol porventura]; e o Autor vê-se logo que não é insensível à Música e à Literacia Musical, porque sabe Solfejo, sente-se, nota-se, prenuncia-se. [28]

[28] É curioso que o Autor real, verdadeiro, José Francisco Magalhães Machado, numa sábia e emotiva mas criteriosa intervenção em Castelo de Vide, numa segunda-feira 27 de Novembro

E o título, logo em *sotto voce*, quer também asseverar, quer garantir desde logo pela clave, a condição essencial que preserva, a de Felicidade, a de se poder e dever procurar ser feliz em quaisquer circunstâncias; e portanto também sim na Escuridão; é um facto e é o contexto inexorável de que aqui se trata, mas a condição de se poder ser Feliz também aí, nesse contexto inexorável, é ela mesma também inexorável.

Esta, uma primeira lição a retirar deste ensinamento prático e tácito,

um saber experimental de experiência feito.

E esta primeira lição tem uma repercussão sonora extraordinária, quando se repara que o Autor considera, aponta para que esta sua obra seja tida como literatura infanto-juvenil; ou seja, dirigida sem quaisquer subterfúgios a crianças. Mas esta última classificação, de literatura infanto-juvenil merece um tratamento autónomo, aqui, mais adiante, separado em parágrafo próprio.

A Edição.

A Edição é em si mesma uma segunda lição a tirar.

Porque é tudo menos banal, nota-se desde logo que foi pensada, planeada, longe de qualquer *standard* ou *formato comum* ou de qualquer média estatística. Ou seja, quem decidiu decidiu e arriscou, não se refugiou em modelos ou moldes comuns que protegessem o decisor de fracassos ou de menores impactos. Alguém que decidiu fê-lo de forma arrojada, corajosa, sem subterfúgios. Deixou claro que *é assim que queremos, e vamos para a frente*.

Veja-se desde já o formato e as dimensões não triviais do livro:

30,5 cm (de altura) x 21,5 cm (de largura) x 1,3 cm (de lombada).

---

de 2023, fez questão de declarar que não era não tinha sido um grande músico, quando esteve no Asilo de Nossa Senhora da Esperança, dos 06 aos 16 anos; pelo contrário, que era não por acaso conhecido como "o Gafanhoto", que era sobretudo *um miúdo do mundo, um miúdo de rua*; ok, mas a forma como saltava pelas ruas ou era ou foi conhecido é uma coisa, o que era ou o que sabia e sabe é outra; ficou-lhe bem essa reserva, mas não é contraditório; a sua condição de Músico no Asilo em Castelo de Vide [tocava trompa, na então Banda Filarmónica] não é expectável que tenha sido má ou medíocre; poderá não ter sido dedicadíssima como poderia ter sido e brilhantíssima, mas isso é outra coisa. Veja-se por exemplo como foi escolhido e exerceu bem a sua posição de primeiro soprano no Orfeão da Irmã Inácia (capítulo 5). Cf. WorkShop 5, Fortalecimento de Redes de Profissionais de Museus com Foco em Tiflologia, dias 27 & 28 de Novembro de 2023. Workshop 5 - Museu de Tiflologia dia 27, https://www.youtube.com/watch?v=yHKdv-rfW58 [12Jan2024]

Isto é, desde já, de assinalar e de louvar; não é frequente.

O Autor, o Pseudónimo literário e o Ortónimo.

O Autor verdadeiro, José Francisco Magalhães Machado, não o seu legítimo pseudónimo literário Pepe Guimarães, contou uma história impressionante, chocante de um dia, com 8 anos, ter querido e estar preparado para pagar, com uma nota de 20 Escudos 8 belíssimos chicharros (carapaus grandes) pra levar pra casa e porque a peixeira não tinha troco, enquanto esperava pelo irmão que tinha ido a uma loja próxima trocar a nota, alguém o viu, um miúdo de 8 anos encostado a uma parede à espera do irmão; e esse alguém que assim o viu e reparou entretanto que o menino não via dirigiu-se-lhe assim: "menino, queres uma esmolinha, é?" "eu chorei todo o caminho [até Casa]; e pensei, mas será este o meu futuro?" "Antigamente [aí até meados do século XX] o horizonte das pessoas cegas era o Asilo ou a Mendicidade na rua" por isso Fernandinho foi interpelado assim, humilhantemente, como um mendigo. [29]

O Autor verdadeiro, José Francisco Magalhães Machado, através de, mediado por um seu legítimo pseudónimo literário, Pepe Guimarães, resolveu contar a sua história de vida neste livro, mas vê-se logo aqui, nesta Edição, que o Autor e o Editor não querem mais fomentar janelas fechadas semelhantes à da história do menino de 8 anos. Vê-se aqui, nesta Edição, que o Autor e o Editor procuram garantir um sentimento geral de vida assertivo, positivo, construtivo.

Daí, o asserto

- na condição de felicidade e
- no apelo ao desígnio infanto-juvenil do livro.

Vénia por isso.

Ouvi falar pela primeira vez neste Livro, de forma presságica porque pelo próprio Autor, José Francisco Magalhães Machado, no WorkShop 5 - Museu de Tiflologia, em Castelo de Vide, já

[29] WorkShop 5 - Museu de Tiflologia, Castelo de Vide, dia 27 de Novembro de 2023. Cf. https://www.youtube.com/watch?v=yHKdv-rfW58 [12Jan2024]

referido. Digo presságico porque o tom da conversa era já este, amável mas convicto, assertivo e nada lamuriante.

Há total coerência e transparência entre o Autor, o Autor Literário e o Livro.

As Ilustrações substantivas.

Como é o Título, assim são as Ilustrações igualmente substantivas.

Uma palavra, aliás muitas, para as dezenas de ilustrações, aguarelas e desenhos do livro. Da autoria de César Machado, ver-se-á depois quem é, as excelentes aguarelas são um par e passo das estórias contadas pelo Autor, nos 6 capítulos do Livro.

É um extraordinário par e passo do Texto, da Narrativa.

Não posso fazer aqui juízo das razões estéticas, por minha incompetência embora me pareçam aguarelas e desenhos bonitos e muito bem conseguidos, mas num juízo funcional as ilustrações são uma brilhante narrativa visual em paralelo; e diga-se desde já que alguma micro-infidelidade histórica que possa haver aqui ou ali (um pormenor pintado que possa não ser réplica exata do original) não desmerece o esforço geral que se nota ter havido de conformar as ilustrações à história e portanto o papel conseguido que atingiu, de assessorar bem o texto narrado pelo Autor.

Vénia portanto à Ilustração e Edição.

A Capa.

A Capa deste livro vale bem a pena analisá-la em separado, mesmo que não consigamos, em momentos, passar de conjecturas. A capa é num azul quase preto do breu da noite, com pontos muito pequenos quase imperceptíveis a representar estrelas muito longínquas, num fundo baço com o título *Feliz na Escuridão* na metade superior direita, a branco e num tipo de letra que dá uma sugestão de magia, de algo mágico, até porque, do lado esquerdo do título e sensivelmente ao mesmo nível há uma lua cheia mas de luz baça, não intensa, se o fosse seria branca como as letras do título. E mas o ponto a nosso ver mais extraordinário é que se vê perfeitamente mas como se fosse em silhueta a preto, na Escuridão da noite, vê-se o Fernandinho de patins e a guiar um arco de verguinha que lhe dera o Ti Marcolino; e não precisa imaginar-se muito pra sabermos que corria assim, percorria assim por onde? Certamente que pelas ruas da Vila, Castelo de Vide, a sua Casa durante 10 anos, dos 06 aos 16. E que fantástico conceito e que fantástica execução da ideia, em desenho. “Certo dia

ofereceram-lhe uns patins. A autoaprendizagem na arte de patinar, foi rápida e simples […]" e "o Ti Marcolino [o ferreiro da Vila] já o conhecia bem […] pois já lhe tinha oferecido uma roda de verguinha e respetivo guiador, com o qual costumava correr pelas ruas da vila." [Capítulo 5, No Colégio]

Mais uma vez, a denotar o grande e bom trabalho da Ilustração e Edição.

A Estrutura, a Arquitetura Interna, em 6 Capítulos.

A Estrutura ou arquitetura interna do livro é densa, não se respiram passos em falta. Os capítulos ["são poucos, poderiam ser 60, 600, ou…", testemunho de César Machado]

O primeiro capítulo pretende ressaltar a importância do primeiro confronto com a realidade de uma condição adversa, a constatação de que Fernandinho era destituído de visão. A adjetivação usada, incorre nalgum pleonasmo literal porque a descoberta de algum modo pode pressupor também o inesperado, mas o enfático da expressão acaba por se identificar bem com o facto inexorável com que se depara, não obstante. Muito bem, portanto.

O capítulo 2 começa por estabelecer as primeiras sensibilidades e os primeiros modos de se voltar para o Mundo e relacionar com ele; e é muito interessante como sobreleva nessas circunstâncias iniciais da consciência da limitação visual, o papel do "Tejo", a sensibilidade do seu cão como mediador; o cão assumiu de imediato a condição de mediador na relação de Fernandinho com o Mundo; e em particular da sua primeira expressão, o espaço à volta. E mesmo nas suas primeiras brincadeiras, não esqueçamos que brincar é aqui e quase sempre essencial.

O capítulo 3 é titulado "Retalhos" e porque na verdade há um conjunto diverso de "painéis", de situações que são perfeitamente naturais expectáveis na sequência da "descoberta inesperada", como que a "apalpar terreno", "a verificar o que se passa", a "ver o que fazer", é perfeitamente compreensível este estado de procura e tentativa de avaliação da situação. Parece, todavia, de salientar sobretudo a expectativa criada no horizonte limite da sensibilidade humana e cultural que foi a entrega íntima a uma resposta num quadro religioso; e lá foi o Fernandinho a Fátima. Absolutamente compreensível e só proporcional ao desaire de uma não solução milagrosa, pelo menos nos termos imediatos de uma cura de restituição da visão.

Os dois próximos capítulos, 4 e 5 são já matéria passada toda em Castelo de Vide, os importantes anos da formação escolar de Fernandinho, dos 06 aos 16 anos; como vão passar-se estes importantes anos de vida, de crescimento integral e, em particular, da sua formação escolar, vão ser o assunto. E é muito interessante e importante a relação que o Autor, e bem, insiste constantemente em colocar, a saber, a relação do Fernandinho escolar, estudante sim, mas com o Mundo,

- com o exterior da Natureza, as subidas às árvores, as idas à floresta, o percorrer as ruas da Vila, às idas ao Ferreiro, as idas com o Manel Trapalhadas;
- com o exterior da Sociedade e da Sociedade castelvidense, em particular, os trabalhos com o Ti Jaquim, o jardineiro, a alguma cumplicidade do Ti Marcolino, o ferreiro;

tudo isso é uma preocupação fundamental do Autor, e muito bem, no sentido de dar ao leitor uma ideia mais completa do seu crescimento integral, a par da sua formação escolar; pena que não tenha decidido revelar algum episódio ou mesmo alguma das conversas "em código secreto" que mantinham entre si sobretudo no Asilo, mas também no Colégio, porque ajudariam a completar ainda mais a percepção do modo como cresceu e cresciam integralmente, incluindo o seu desenvolvimento da puberdade, a ocorrer em paralelo. Talvez numa outra oportunidade de publicação o Autor o venha a fazer, tendo em conta a coragem e autenticidade que tem procurado revelar.

O capítulo 4 é já Castelo de Vide, no Asilo de Nossa Senhora da Esperança. Depois de "Doze horas de viagem, dentro de comboios movidos a carvão, compostos por carruagens desprovidas de qualquer conforto; os assentos de madeira eram tao duros!" (Tenhamos presente que Fernandinho tinha 6 anos de idade.) Integra-se no Asilo, no dia a dia de uma nova "casa", com rotinas novas e disciplinadas, e a muitos quilómetros de saudade da sua Casa familiar. Mas é aqui que começa igualmente a sua aventura escolar extraordinária de abertura para o Mundo, sobretudo pela aprendizagem e competência do sistema Braille. E assim decorrem os primeiros 6 anos, dos 06 aos 12 anos, quando já consegue com sucesso fazer o e ser aprovado no exame de passagem ao Liceu. Era um sucesso que à partida não estava nunca garantido, mas Fernandinho já tinha prenunciado isso, já que era o melhor da sua turma.

O Capítulo 5 é ainda Castelo de Vide, mas marca já uma enorme progressão de Fernandinho, porque corresponde ao enorme sucesso, ao passo nada trivial de passagem ao Liceu, no caso,

para o Colégio de Nossa Senhora da Penha. E aí temos novas condições de aprendizagem, a começar desde logo pela partilha com colegas normovisuais, a esmagadora maioria embora. De notar que a par das novas condições escolares o Autor não descura nunca a ligação, o deslumbre constante de Fernandinho pelo Mundo, pelo que o rodeia, pelos contextos exteriores ao Colégio. É uma preocupação justa de nunca deixar de ligar o desenvolvimento escolar com o desenvolvimento e preocupações integrais de Fernandinho.

O capítulo 6, formalmente um pouco como no capítulo 3, dos "Retalhos", aponta para um conjunto variado de "sensibilidades" de Fernandinho, as quais ocasionam um conjunto variado de situações e episódios correspondentes; interessantes, muito indicativas da personalidade de Fernandinho que começava a consolidar-se. De um ponto de vista do leitor, não deixam de ter um sabor, pelo carácter variado e algo solto, o sabor de uma despedida da narrativa de vida, nesta fase. Fica a perceber-se, a pressentir-se o adeus desta história de vida neste livro, contada nestes termos e nesta fase. Havia ainda, porém, de vir um culminar, um Apelo das Crianças, escrito por Fernandinho aos doze anos. Serve assim, como fecho.

O Apelo Infanto-Juvenil.

Trata-se de um Poema escrito pelo Fernandinho, com 12 anos, portanto lá pelos anos de 1967, em circunstâncias políticas conhecidas, Estado Novo com Salazar ainda no poder. Era um Apelo das Crianças, a propósito do Dia da Criança, e a que o Autor atribui já uma consciência política de Fernandinho.

É um Poema de 4 estrofes de 6 versos cada, sextilhas portanto.

Creio que a inclusão deste poema no livro pretende ser mais uma peça do desígnio infanto-juvenil que o Autor sempre quis atribuir ao presente livro *Feliz na Escuridão*; coloco assim a questão porque o livro está escrito de um modo que pode também ler-se de forma perfeitamente universal, sem essa caracterização mais estrita de infanto-juvenil, mas ok o Autor assim o caracteriza e, na verdade, torna consistente, por exemplo, a forma diminutiva carinhosa como identifica o protagonista da história, *Fernandinho*.

Testemunhos.

O livro, depois dos 6 capítulos estruturantes, apresenta inclui ainda um conjunto de 3 depoimentos muito significativos,

- de César Filinto Ribeiro Machado [o César Machado da Ilustração e Edição];
- de Francisco Manuel Rosado Margarido; e
- de Maria Goretti Fernandes da Silva.

Os testemunhos são sempre, quase por definição, relevantes.

Aquilo que acrescenta e difere, é o *em que é* que são relevantes.

César Filinto Ribeiro Machado, para além de ser o César Machado da Ilustração e Edição, o que é tudo menos pouco, é também o filho de José Francisco Machado, o Autor real disto tudo. Não é nada despiciendo.

Tenha-se em conta a importância estrutural das Ilustrações, um par e passo da narrativa que vai fluindo, que vão afinal fluindo em conjunto.

Francisco Manuel Rosado Margarido é nada menos que um colega e presume-se que também amigo de há 60 anos [“não conheço ninguém que se tivesse cruzado com ele nos caminhos da vida e que tivesse ficado indiferente”, testemunho de César Machado], um colega [normovisual] do Colégio [Externato] de Nossa Senhora da Penha, em Castelo de Vide;

e Maria Goretti Fernandes da Silva foi também uma “velha” companheira dos tempos do Asilo de Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide.

Todos são efetivamente testemunhos, prestando palavras na primeira pessoa do singular e em primeira mão. Só esta reunião já vale a pena.

Sobre o autor & Nota de gratidão e louvor

Para além dos Testemunhos, Feliz na Escuridão inclui ainda duas breves notas, uma sobre o autor e uma nota de gratidão e louvor a uma Empresa que patrocinou a publicação. Parece-me oportuno, pela curiosidade natural que uma breve biografia do Autor sempre suscita; e a nota de agradecimento e louvor também parece justificar-se tendo em conta que estas matérias nem sempre alcançam grandes tiragens e os custos de edição são sempre significativos, para mais tendo em conta a qualidade da Edição.

Uma questão última,

que não desmerece a presente edição, se a resposta for negativa, mas importa notar e perguntar se há perspetiva de publicação em Braille?

E é então um pleonasmo assumido, fechar – em suma – como no começo:
excelente livro, **excelente edição**.

No pôr do sol do Capítulo 1,
José Francisco, pela pena do seu legítimo heterónimo literário Pepe Guimarães, finalizava assim:
"O Fernandinho estudou, trabalhou, namorou, casou-se, teve filhos e netos…"
E numa diplomacia que é a sua, assertivo a saber o que quer mas sempre com candura e serenidade na forma, acrescentava:
"Mas isso, será para outra história que talvez vos possa vir a contar um dia."
E uma subtileza: o primeiro parágrafo porque se trata de filhos e netos acaba com 3 pontos, reticências… sabe Pepe Guimarães que não sabe o futuro; mas no segundo parágrafo, quando equaciona a possibilidade de nos poder contar mais sobre a sua vida, é categórico, talvez sim, ponto final, nada de reticências.
Sr. José Francisco, *apud* Pepe Guimarães,
compreendeu-se a mensagem e acrescento eu, o autor desta recensão, que escreva, porque os testemunhos em primeira pessoa são muito importantes para que todos possamos ir encontrando um equilíbrio [e porventura a felicidade] nestas coisas e neste mundo das diferenças.

Recensão Crítica do Livro Sentidos e Memória: Os Signos de Proust na Vida de Músicos Cegos, de Flávio Couto e Silva de Oliveira,

Elaborada por

Maria Romeiras Amado, Ph.d

Doutorada em Ciências da Educação, Especialidade História da Educação (ULisboa)

Investigadora e Membro dos Conselhos Científicos do CPTEI e Tiflociência e Equidade no Mundo da Vida: Revista Tiflológica Online de Educação e Comunicação, Cultura e Ciência

E-mail: maria.romeiras@gmail.com



Descrição da imagem: capa de livro com fundo negro e o título *Sentidos e Memória. Os signos de Proust na vida de músicos cegos* em letras brancas. No fundo, logotipo e referência da

Editorial Dialética, dois D opostos e entrelaçados. A imagem que se destaca sob o título é de duas mãos desfocadas sobre um teclado de piano.

> “Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na vala estriada de uma concha de São Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferentes as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal.”
>
> PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido*. Volume 1. *No Caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006. Págs. 71 e 72. Tradução de Mário Quintana.

Obra de grande interesse histórico e filosófico, o recente trabalho de Flávio Couto e Silva de Oliveira *Sentidos e Memória. Os signos de Proust na vida de músicos cegos* traz-nos uma nova abordagem ao riquíssimo tema dos signos evocado por Deleuze a partir da obra maior de Marcel Proust, de onde destacamos a citação supra, a mais clássica das referências sensoriais dos sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*.

Historiador, Mestre e Doutor em Educação, Flávio Oliveira é investigador no grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e Professor convidado no Curso de Pós Graduação em História da PUC Poços de Caldas. Foi ainda Coordenador Especial de Apoio e Assistência à Pessoa com Deficiência, do Governo do estado de Minas Gerais e faz parte do Centro de Apoio Pedagógico aos Deficientes Visuais, da Prefeitura de Belo Horizonte e da equipe do UniEthos - Educação para a Responsabilidade Social Empresarial e Desenvolvimento Sustentável. É este autor e investigador também um reputado ativista de direitos humanos para inclusão de pessoas deficientes, há mais de vinte anos.

A introdução à obra é da autoria de Joana Belarmino de Sousa, jornalista cega, que narra a sua infância em Pernambuco e a sua progressão difícil mas eficaz na sua bem sucedida carreira profissional. Destaca Joana Sousa muito em particular neste trabalho em análise a originalidade do seu autor na abordagem a questões de género e à história da educação, ao longo de uma narrativa muito original do tema, como também iremos notar seguidamente.

É necessário fazer, antes de mais, uma introdução a esta nossa recensão, destacando a importância de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, obra maior da literatura francesa, composta por sete volumes, publicada entre 1913 e 1927. De notar que as versões em língua portuguesa desta obra tiveram tradutores tão brilhantes como Pedro Tamen, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade. O tema da memória, o notável uso da anaclese, as abordagens à arte, à sexualidade e aos sentidos e aos signos, geraram uma criação que questiona o nosso percurso de vida e a relevância da nossa memória sensorial transversalmente à nossa relação com o mundo envolvente e com os outros que nos deslocam de nós mesmos para a nós mesmos regressarmos. A citação supra com que iniciamos este escrito é talvez a sua passagem mais icónica: a descrição da degustação de uma madalena com chá, que evoca na personagem Marcel sensações de auto-conhecimento e rememoração intensíssimas.

Autores de referência como Walter Benjamin e Giles Deleuze, entre outros, trataram os temas nela evocados de forma singular e foram por ela influenciados nos seus próprios escritos. Em particular, Giles Deleuze, entre referências várias em obras suas, publica *Proust et les Signes* em 1964, antecipando o seu clássico *Diferença e Repetição*, que surgiria quatro anos depois, com significativas influências do trabalho de Proust.

De tal forma se tornou relevante a abordagem deleuziana à obra de Marcel Proust, nomeadamente nas aproximações aos temas da memória, do amor, da literatura e, finalmente, dos signos, que foram exploradas em diversos estudos, de que destacamos, entre obras, artigos e teses: Sébastien Joachim (1991). Literatura e Filosofia: Uma releitura interdisciplinar de Proust via Deleuze; Stephen Bernard Hawkings (2007). Saving the past: Deleuze's Proust and Signs; Regina Orgler Sordi (2009). Proust-Deleuze: do aprendizado da vida ao aprendizado da arte; Bernardete Oliveira Marantes (2011). Notas sobre o conceito de imagem do pensamento de Deleuze em Proust e os signos; Karen Sigu (2013). Gilles Deleuze, Proust et les Signes. L'Anti-objectivisme de Proust: L'Aprentissage de l'Amour, la Contrainte

des Signes; Leonardo Araújo (2013). Deleuze e Proust: tempo, signo e pensamento; Bernardete Oliveira Marantes (2018). Proust e Deleuze: mutualismos e criações e Tarik Vivan Alexandre (2019). O tempo melancólico: uma leitura a partir do devaneio e tédio na escrita de Marcel Proust.

Sentidos e Memória. Os Signos de Proust na Vida de Músicos Cegos. permite-nos uma leitura avivada e colorida de *À Procura do Tempo Perdido* animada por vivências outras nas quais o autor procurou encontrar percursos que podessem ser lidos transversalmente ao do herói Marcel. Assim, ao entrevistar quatro alunos do Instituto São Rafael (Belo Horizonte, 1926), Flávio Oliveira recorre à abordagem Deleuziana do questionamento dos signos e aproxima-se dos seus discursos de memória para avivar esses mesmos signos que neles é possível recuperar, trabalhando sobre a relação com a visão ou a ausência de visão a partir desse ponto de análise. Nas suas próprias palavras: "Apresentar um pouco do complexo e emaranhado universo das representações mentais contruídas ao longo da história, sobre a importância do olhar e sobre a figura dos cegos. O outro objectivo foi o de demonstrar as particularidades do processo de apreensão de um mundo regido pelo sentido da visão, por parte das pessoas privadas desse sentido."

Dividiu, o autor, em quatro partes, a sua exploração desta magnífica narrativa, de acordo com os seguintes pressupostos: inicia o livro por uma interessante e rica abordagem histórica e contextual do Instituto São Rafael, onde estudaram os quatro entrevistados que dão corpo à análise realizada nesta sua obra; segue-se um capítulo onde é explorada a teoria sobre olhar e percepção, nomeadamente no trabalho do filósofo Diderot, *Carta Sobre os Cegos Para Uso das Pessoas que Veem*, datado de 1749; em terceiro lugar encontramos uma secção dedicada a narração e memória para sujeito narrador e testemunho histórico e finalmente o capítulo em que são abordados e explorados à luz dos signos deleuzianos os depoimentos dos músicos cegos entrevistados por Flávio Couto e Silva de Oliveira para este efeito. De grande originalidade se destaca a nomenclatura musical, tão cara ao autor, das secções da obra: Abertura, Primeiro Movimento – O Instituto São Rafael: Música e Educação, Segundo Movimento – Reflexões Sobre o Olhar, Terceiro Movimento – Linguagem e Memória: Trama e Urdidura no Tecido da Narração, Quarto Movimento – Fragmentos de Recordações e os Signos Deleuzianos e Coda.

Na Abertura, Flávio Oliveira explica que este trabalho decorre da sua investigação de Mestrado em Educação (1993-1995), actualizado e parcialmente reescrito, com o objectivo de enriquecer os estudos culturais de cegueira no Brasil. O seu objectivo é declarado nas primeiras páginas desta secção: "A originalidade do trabalho está em apresentar os relatos de vida de quatro músicos cegos que se formaram no Instituto São Rafael, entre as décadas de 1930 e 1960, analisando-os sob a inspiração da obra *Proust e os Signos* de Gilles Deleuze." Tem início nesta secção também alguma abertura à transversalidade da memória de vida do autor, inevitável ao comentar vidas e memórias que com a sua se relacionam, na medida em que estas encontram as quatro categorias de signos que Deleuze apercebeu na composição literária de Marcel Proust: mundanos, amorosos, sensíveis e artísticos. Mais do que a procura incessante da memória, explica o autor, ou a exploração da sua possibilidade de redescoberta de um tempo, "minha intenção é mostrar que existe um ponto comum entre o sentido dos signos da memória e o aprendizado, e que essa relação se encontra para além das trajetórias escolares dos músicos que me relataram, em depoimentos emocionados, as lembranças de suas vidas."

Encontramos no Primeiro Movimento a história do Instituto São Rafael, fundado em 1926 em Belo Horizonte, que foi o segundo instituto para educação de crianças cegas fundado no Brasil, seguindo-se ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos do Rio de Janeiro, que tinha sido inaugurado, por sua vez, em 1854. Flávio Oliveira descreve em detalhe os objectivos e estrutura de ensino daquele Instituto, nomeadamente os seus cursos primário, secundário e musical. Desenvolve bastante o investimento no ensino da música, explicando como esta tradição chegara da influência francesa através do legado pedagógico de Valentin Haüy, conforme se descreve no Dictionnaire de Pédagogie de Buisson de 1887. Segue-se um breve contexto nacional e internacional do Instituto, de como foi fundado e estruturado, dando para tal uma descrição da história das escolas para cegos não só no Brasil como no mundo.

No Segundo Movimento fala Flávio Oliveira sobre o olhar. Inicia o capítulo com considerações sobre o mundo ultra visual contemporâneo, inclusivamente nas relações interpessoais. Recua o autor aos clássicos gregos para refletir sobre o ato de ver e a sua relação com o ato de conhecer, passando do plano físico ao plano metafísico. Seguidamente aborda a mesma questão na Idade Média onde nos conduz ao princípio da interioridade. Com os valores cartesianos aproxima-nos de um estatuto mundano, científico e racional da visão,

abrindo caminho ao século das Luzes, onde a sociedade moderna passa a usar a visão como poder disciplinador e escrutinizador, conforme teoriza Michel Foucault com base no Panoptikon de Bentham. Segue-se uma reflexão intitulada Filosofia às Cegas? com o título em forma de interrogação, em que, ao contrário do ponto anterior, são destacadas pelo autor os momentos em que a visão não é eleita como o mais importante sentido, nomeadamente por Condillac e Merleau-Ponty. O simbolismo dos cegos e iluminismo sem luz é mais uma secção em que se fala de uma breve história da cegueira e do cego, seguindo-se uma larga consideração sobre a Carta sobre os Cegos, de Denis Diderot, de 1749. Escreve Flávio Oliveira: "A Carta se faz importante para o meu argumento porque ela é um dos primeiros textos filosóficos que trata da apropriação dos signos da natureza (ou das qualidades sensíveis) por parte dos cegos. Verificaremos mais tarde, à luz de Giles Deleuze, de que maneira esses signos circunscreveram as memórias dos quatro músicos formados pelo Instituto São Rafael, personagens deste livro." Termina esse capítulo elaborando sobre dois temas finais: a metafísica e a moral nos cegos e a memória palpável e a imaginação sem imagem, temas muito fundamentados nas teorias de Denis Diderot.

Acompanhamos assim a chegada do Terceiro Movimento, intitulado Linguagem e Memória: Trama e Urdidura no Tecido da Narração. Inicia o seu discurso metodológico por uma análise dos sujeitos narradores dialógica, à medida de Roland Barthes, ou seja, os três sujeitos-narradores: o narrador-autor, o leitor-autor e os recordadores-narradores. As questões trazidas à escrita pelos gestos de narração e memória constituem a reflexão seguinte intitulada: A Narração e a Constituição do Sujeito, em que os relatos históricos e autobiográficos são analisados na sua génese, dando relevo às possibilidades da história da educação na análise e trabalho destas narrativas, consideradas por Flávio Oliveira como espaços privilegiados. Chegamos assim a mais uma secção metodológica dedicada à História Oral como Método de Investigação, em que se descrevem as possibilidades de exploração das narrativas e consequentes representações do passado individual, geradoras de documentos orais de grande relevo histórico, partindo do individual para o colectivo.

O Quarto Movimento é o momento de encontro de sinergias entre o autor e os seus entrevistados. Designado por "Fragmentos de Recordações e os Signos Deleuzianos", é central na narrativa e para ele converge toda a obra. Nele, são descritos os entrevistados, na dupla perspetiva da sua formação musical escolar e da sua experiência social. Descreve o

autor a escolha dos narradores entrevistados, acabando por obter quatro contributos que variam em género e em década de frequência do Instituto São Rafael. São eles o Senhor Asdrúbal, Dona Luísa, o Senhor Geraldo e Senhor José Lucena, cujas vidas e percursos são escrutinados em detalhe nas secções seguintes. Segue-se a análise dos quatro tipos de signos que Deleuze identifica na obra de Marcel Proust, dinâmicamente intercalados com trechos das narrativas dos entrevistados bem como com referências às obras filosóficas debatidas nos capítulos anteriores, nomeadamente a *Carta Sobre os Cegos*. Nos signos mundanos, ou das relações humanas em sociedade, os recordadores – como os designa Flávio Oliveira – falam da sua interação social no percurso para suas carreiras musicais, dentro e fora da escola. Quanto aos signos amorosos, bastante desenvolvidos na obra proustiana, a sua descrição é mais complexa de obter, sendo apenas registados dados da vida boémia do Senhor Asdrúbal e da história de afectos femininos de Dona Luísa.

Mais complexos são os signos sensíveis, os signos da memória involuntária, aqueles em que se situa o episódio citado da madalena e do chá e que evocam a condição de sinestesia. Conta, a propósito, o Senhor Geraldo, que "Buenos Aires tinha cheiro de carna assada, cheiro de perfume e cheiro de flores."

Finalmente, encontramos a análise dos signos da arte – os únicos imateriais - bem como a relação entre estes e os outros três tipos de signos. *Em Busca do Tempo Perdido* tem diversas personagens artistas, desde pintores a músicos e escritores, sendo a redenção de Marcel pela escrita, no último volume da obra. Um derradeiro sub-capítulo dedica-se à Sintese dos Signos e a consolidação do aprendizado, dele constituíndo um trecho longo extraído da entrevista feita ao Senhor Asdrúbal, em que narra a sua paixão pela música, os seus gostos, o seu interesse na conservação da sua biblioteca Braille de partituras e as suas sensações em cada tipo de música.

A Coda ou fecho desta obra, é baseada em mais uma citação de Marcel Proust no volume "O Tempo Redescoberto": "meu livro não passaria de um tipo dessas lentes de aumento, como as que oferecia a um freguês o cendedor de instrumentos ópticos de Combray; meu livro seria um instrumento graças ao qual lhes forneceria meios de lerem a si próprios." Assim também diz Flávio Oliveira a propósito do encerramento da sua própria obra: "De toda maneira, sinto que tenho com cada um deles a cumplicidade de uma dívida, e por isso dedico-me a lhes amplificar a voz, a preservar do esquecimento o seu legado, que é de

singular importância por ser a maneira pela qual eles e ela, sendo cegos em uma sociedade capacitista e patriarcal, construíram o seu lugar no mundo e, ao fim do percurso, o ressignificaram por meio da narração."

Cabe-nos destacar as fontes e bibliografia utilizadas neste trabalho histórico e literário, ressalvando a importância da história oral e seu cruzamento com fontes literárias e filosóficas, como nos é apresentado ao longo desta obra. O trabalho com entrevistas semi-estruturadas é sempre árduo e requer um envolvimento pessoal do historiador, mas por isso mesmo atingimos a narração a três autores referida. Traz-nos Flávio Couto e Silva de Oliveira uma abordagem criativa e complexa à obra de Marcel Proust vista pelo prisma de Giles Deleuze, contribuindo assim para um resultado interdisciplinar aberto e predisposto à geração de novas narrativas. Da sua obra nascem interrogações e conexões diversas, como sejam a ampla interligação entre os quatro tipos de signos e o reverberar da memória individual e social em cada um deles e nas suas ligações. A análise ser feita a partir da vida de quatro músicos cegos diversos de gerações e género permite-nos questionar o papel da música nos seus percursos educacionais, sociais e pessoais e a sua ligação aos signos que enriqueceram as suas narrativas e depoimentos, parte de uma memória e de uma história da educação e das artes que agradecemos tenha ficado registada.

De realçar ainda o imenso respeito do autor pelos quatro depoimentos trabalhados ao longo deste interessantíssimo trabalho, que é mais do que académico, é um gesto de humanidade e abrangência patente em muitas das suas observações: "impossibilidade que tenho de me acercar suficientemente das sutilezas de um discurso feminino" e ainda "respeito pelo sentimento do amor vivenciado por quaisquer pessoas, de qualquer idade, em todas as épocas", entre outros exemplos possíveis, de uma grande beleza literária e humana.

Resta-nos recomendar vivamente a leitura de *Sentidos e Memória* como obra de grande relevo histórico, sociológico, filosófico, literário, educomunicacional e tiflológico.